



03 a 30 de setembro de 2020

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

ORGANIZADORES

Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto (UFPR) - Coordenador Geral

Guilherme Miranda (Doutorando UFPR)

Heitor Henrique Esperança (Doutorando UFPR)

Natália de Medeiros (Doutoranda UFPR)

Nathany Belmaia (Doutoranda UFPR)

APOIO TÉCNICO

Prof. Dr. Cassio H. S. Amador (UTFPR - Cornélio Procópio)

Algumas palavras ...

Neste momento com tantos desafios para a sociedade e para cada indivíduo, é possível tentar extrair algo de positivo das adversidades. Ministrantes e participantes que dificilmente poderiam se encontrar pessoalmente, pelos mais variados motivos, seja por estarem longe fisicamente, seja pelos afazeres não permitirem viagens, o podem virtualmente. Os ministrantes podem gravar seus cursos nos horários que forem mais convenientes. Para os participantes, os encontros virtuais e assíncronos permitem que diferentes ideias, conceitos e estudos possam ser acessados a partir de qualquer lugar.

A gama de minicursos propostos mostram um panorama dos estudos relacionados com História no Brasil, dos mais diversos pontos do país, e até de fora dele. Dividindo em grandes áreas, tivemos a seguinte divisão de propostas:

Área	Quantidade
História Antiga, Medieval e Arqueologia	15
História Cultural e Social	14
História Política, do Direito e Regimes Totalitários	13
História da Ciência, da Saúde e Ambiental	11
Teoria e Metodologia	11
Gênero e sexualidade	10
História da Ásia, da África, Afrodescendentes e Migrações	8
História Contemporânea e do Tempo Presente	5
Ensino e Educação	5

Esperamos que todos fiquem bem, e que possamos em breve poder escolher entre os encontros presenciais e os virtuais.

Minicurso 1

Imprensa médica como fonte da história? Os Annaes Brasilienses de Medicina e a Gazeta Medica da Bahia em meados de 1860

Vanessa de Jesus Queiroz (Doutoranda, UnB)

Resumo:

O minicurso objetiva discutir possibilidades, limites e questionamentos relativos ao uso de jornais médicos oitocentistas como fontes da investigação histórica a partir da análise de dois periódicos: a Gazeta Medica da Bahia (BA) e os Annaes Brasilienses de Medicina (RJ), entre 1866 e 1870. O foco das reflexões aqui propostas encontra-se no conceito de imprensa medica, afirmado nos periódicos referidos como algo ainda em construção. Porque e como os médicos envolvidos nas publicações dos jornais optavam por manter a circulação dos mesmos? O que podemos entender por imprensa médica e jornal médico? Como este gênero jornalístico se diferenciava de outros tipos? Como a ideia de imprensa médica dá luz a outro conceito importante, o de classe médica? Nossa metodologia se embasa numa análise detalhada de programas de lançamento e textos selecionados de ambas as fontes, numa perspectiva que visa analisar de forma crítica semelhanças e diferenças entre os jornais, para pensar a ideia de jornal médico, imprensa médica e classe médica. Ademais, analisaremos o caso das notícias médicas nos jornais não médicos a partir de uma matéria publicada na Gazeta Medica da Bahia (setembro de 1868, p.48), uma vez que tal texto permite reflexões sobre a busca por uma identidade específica dos jornais médicos. Uma das hipóteses principais aqui sustentadas é a de que o lançamento e manutenção dos jornais médicos relacionavam-se, entre outros, ao objetivo de aproximação, por parte dos médicos envolvidos com os periódicos elencados, do poder estatal imperial visto como metapoder (BOURDIEU, 1991) reconhecido, questionado e desejado.

Conteúdo programático:

Vídeo 1: Apresentação do curso e do proponente. Levantamento historiográfico sobre a temática e temáticas relacionadas, discussão/crítica acerca da historiografia apresentada, breve apresentação dos jornais, esclarecimento de dúvidas, explicação da atividade final (que estará contida na descrição dos 4 vídeos que comporão a playlist do curso).

Vídeo 2: Análise detalhada (por parágrafo) dos programadas de lançamento dos Annaes Brasilienses de Medicina e da Gazeta Medica da Bahia. Aqui, para os Annaes Brasilienses de Medicina, excepcionalmente, sairemos do recorte proposto e analisaremos o programa de 1851, quando o jornal recebe o título de Annaes Brasilienses de Medicina. Visto que o programa de lançamento da Gazeta data de 1866, também recorreremos a um editorial dos Annaes Brasilienses de Medicina deste mesmo

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

ano. Comparação de objetivos, discussão sobre o uso de dicionários oitocentistas na leitura de jornais oitocentistas. Análise da estrutura/materialidade de ambos os jornais. Levantamento e discussão de conceitos das fontes.

Vídeo 3: Análise de trechos dos Annaes Brasilienses de Medicina em correspondência com a Gazeta Medica da Bahia. Análise dos principais assuntos em voga em ambos, reflexões sobre diferenças. Foco no conceito de jornal médico e imprensa médica.

Vídeo 4: Análise de trechos dos Annaes Brasilienses de Medicina e da Gazeta Medica da Bahia acerca das notícias médicas nos jornais não médicos. Em complemento, trechos de anúncios de jornais não médicos que anunciavam remédios. Discussão final acerca dos principais conceitos e reflexões acerca da relação entre classe médica e Estado Imperial. Reforço da explicação da atividade final do minicurso (contida na descrição dos 4 vídeos que compõem o curso).

Bibliografia:

BOURDIEU, P. Sobre o Estado. Cursos no Collège de France (1989-1992). Companhia das letras, 2014.

CONI, A. C. A Escola Tropicalista Baiana: Paterson, Wucherer, Silva Lima. Salvador, Tip. Beneditina, 1952.

EDLER, F.C. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. Hist. cienc. saúde-Manguinhos [online]. 2002, vol.9, n.2, pp.357-385. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702002000200007&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em Junho de 2020.

QUEIROZ, V. (2018). Uma luta contra o “indiferentismo”: Imprensa Médica e Charlatanismo no Brasil em meados de 1860. Revista De História Da UEG, 7(2), 105-130. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/8437> . Acesso em Junho de 2020.

Minicurso 2

Histórias em Quadrinhos e História: teoria, metodologias e leitura documental

Márcio dos Santos Rodrigues (Doutorando, UFPA)

Resumo:

O minicurso apresenta e examina, por meio de bibliografia específica, as metodologias e teorias referentes à análise de Histórias em quadrinhos (também conhecidas pela sigla HQ) no campo da pesquisa histórica. Propomos discussões que estabeleçam interseção entre o campo de estudos dos quadrinhos e suas correlações e seus usos no campo da história social e cultural. Haverá assim espaço para revisão bibliográfica acerca dos estudos sobre quadrinhos já realizados, indicando obras teóricas nacionais e estrangeiras que versam sobre a utilização dessa modalidade artística/forma de expressão como objeto do conhecimento histórico. Discute-se ainda sentidos comuns ou usos e abusos da História, como a persistente "idolatria das origens" ou a mania bastante enraizada no âmbito das pesquisas brasileiras e internacionais de apontar a relevância de determinada obra ou de um autor ou mesmo de um empreendimento de pesquisas sobre quadrinhos pelo argumento da suposta primazia ou pioneirismo. Partindo do pressuposto de que não existe uma metodologia única para a análise de HQs, apresentamos um repertório de opções possíveis para estudá-las. Refletimos ainda sobre os diferentes usos históricos, aspectos transnacionais e peculiaridades construtivas e de recepção dos quadrinhos.

Conteúdo programático:

Conteúdo programático:

- Abordagem e historicização dos elementos constitutivos das HQ;
- Histórias em Quadrinhos como fonte para a História: pressupostos teórico-metodológicos para análise histórica;
- Crítica ao "ídolo das origens" na pesquisa de quadrinhos e ao culto aos pioneiros/pioneirismos;
- Ideologias e imaginário político nas HQs;
- Quadrinhos e representações do passado,
- Quadrinhos e temas da História Contemporânea mundial.

Metodologia:

Leitura documental e análise de fontes conforme pressupostos teórico-metodológicos dos campos da História Social da Arte, da História Global, dos chamados Comics Studies (como são denominados os estudos das Histórias em quadrinhos) e da História Cultural.

Bibliografia:

DANNER, Alexander; MAZUR, Dan. Quadrinhos: História moderna de uma arte global - De 1968 até os dias de hoje. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

GABILLIET, Jean-Paul. Des Comics et des hommes: histoire culturelle des comic books aux Etats-Unis, Nantes, Editions du Temps, 2005.

GROENSTEEN, Thierry. História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular. Col. Quiosque 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

STEIN, Daniel; DENSON, Shane; MEYER, Christina (org.). Transnational perspectives on graphic narratives. Comics at the crossroads. London/New York: Bloomsbury, 2013.

Minicurso 3

História do Tempo Presente: caminhos possíveis

Pedro Carvalho Oliveira (Doutor, UEM)

Resumo:

O minicurso tem como objetivo central discutir a História do Tempo Presente como campo do conhecimento histórico, dotado de procedimentos e métodos próprios comprometidos com o exame dos processos históricos coetâneos ao historiador. Discutiremos as raízes deste campo, suas principais discussões teóricas, além de análises e abordagens possíveis, tendo como horizonte a possibilidade de narrar o presente, ainda um desafio em nossa área. Assim, introduziremos discussões pertinentes à História do Tempo Presente e sua relevância na atualidade.

Conteúdo programático:

Primeiramente, discutiremos os alicerces da História do Tempo Presente: o contexto e as razões para o seu surgimento. Em seguida, apresentaremos os principais expoentes desse campo e suas significativas contribuições. Depois, examinaremos, a partir do exposto anteriormente, como a pesquisa e o ensino do referido campo é possível para, finalmente, discutirmos objetos e fontes próprias a ele. Faremos isso a partir de leituras e exposições sobre textos relevantes para a área, além do uso de algumas fontes para ilustrar procedimentos.

Bibliografia:

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença na história. In: FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 219-231.
NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques (Org.). História: novas abordagens. São Paulo: Francisco Alves, 1988, p. 179-193.
FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. (Orgs.). Questões para a história do presente. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999, p. 103-118.
FERREIRA, Marieta de M. Demandas sociais e História do Tempo Presente. In: VARELLA, F. et. al. (Orgs.) Tempo Presente e usos do passado. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 101-124.

Minicurso 4

História, identidades e masculinidades: aportes teóricos e metodológicos.

Alessandro Cerqueira Bastos (Mestrando, UFBA)
Artur Vitor de Araújo Santana (Mestre, UFRPE)

Resumo:

A partir da década de 1960, os estudos sobre as masculinidades começam a ganhar espaço. Os homens passam a ser estudados, desfeitos e analisados com o objetivo de compreender como se construiu historicamente os variados modelos do ser homem. O campo das masculinidades pode ser abordado em duas perspectivas: abordagem estruturalista (que lê uma relação direta entre o sexo-gênero) e uma abordagem pós-estruturalista (que possibilita a existência de variadas possibilidades da relação sexo-corpo). Dessa forma, este minicurso pretende apresentar os principais debates da chamada História das masculinidades na sua diversidade teórica e metodológica. Partimos do suposto de que as masculinidades são construções sempre históricas e, por mais que aspirem a universalização, também plurais. Ainda que análises biopsicológicas sejam hegemônicas quando se trata das masculinidades explicando pela chave essencialistas os fenômenos culturais, defendemos que o estudo cultural e social das performances masculinas pode melhor explicar como imagens e práticas masculinas são vivenciadas e criadas. Nesse sentido, é necessária uma abordagem histórica da masculinidade que considere tanto as transformações como as permanências ao longo do tempo, assim como as variáveis de raça, classe, etnia, nação, geração, religião e outras. Acreditamos que este minicurso se destina àqueles/aquelas que pretendam realizar recortes de masculinidades e ou identidades em suas pesquisas históricas e sociais e dessa forma repensar o lugar social atribuído ao homem em nossa sociedade para construirmos novas práticas sociais menos misóginas e machistas.

Conteúdo programático:

O minicurso se desdobrará nos seguintes eixo-temáticos através de uma exposição teórica e historiográfica, com a utilização de material áudio-visual e análise de fragmentos de documentação (por exemplo: literatura, jornal entre outras);

- 1) "Debruçando sobre os homens": apresentação do campo temático;
- 2) História cultural e social das masculinidades: objetos, temas e problemas;
- 3) Identidades masculinas e estudos queer: provocações teóricas.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nordeste: invenção do "falo" - Uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. Educação & Realidade.vol.2^a, n.2, pp.185-206. 1995.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, Dec. 2008.

MISKOLCI, Richard. O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2012.

Minicurso 5

“Assim diziam os Antigos”: O uso das memórias, tradição e História Oral na construção de narrativas históricas em comunidades quilombolas

José Luiz Xavier Filho (Graduado, UPE)

Resumo:

O objetivo desse minicurso é propor um debate reflexivo sobre como construir histórias de comunidades quilombolas através da valorização e da apropriação das narrativas contadas pelos membros do quilombo, enfatizando as memórias e tradições orais, assim como seu legado histórico, fazendo uma analogia entre o seu passado escravista, a história sobre seus antepassados e o tempo presente da comunidade, tendo em vista as contribuições estabelecidas na construção da identidade de seus moradores. A vivência do cotidiano é uma das fontes mais ricas para a construção de um estudo sobre a memória de um povo e das suas relações sociais com o meio em que vive e as sociedades urbanas contemporâneas.

Conteúdo programático:

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E METODOLÓGICO

O presente minicurso se encontra dividida em dois momentos: no primeiro, iniciamos uma breve análise historiográfica sobre os quilombos brasileiros, a forma que foi estudado e analisado ao decorrer do tempo até os dias atuais. Logo em seguida, apresentamos aspectos e passos para construção de uma narrativa em história, sob uma ótica quilombola, através das entrevistas realizadas com os membros de uma comunidade. Essas, embasadas nas trilhas metodológicas que aqui serão apresentadas: memória, tradição oral e história oral.

Enfatizar as narrativas dos mais velhos, acreditando que, dessa forma, podemos extrair histórias mais antigas, contadas por esses personagens, a respeito do quilombo e dos seus antepassados. Analisar as histórias contadas sobre a comunidade, sobre suas próprias vidas e de seus ancestrais e sobre as questões territoriais.

Entender que as tradições são de suma importância para a preservação dos saberes da comunidade. É essencial por ser uma base única e que vem direto da nossa maior fonte de pesquisa: as informações cedidas pelos quilombolas. É sua história e sua memória sendo narrada com protagonismo e que faz parte da prática social dos moradores da comunidade, principalmente no repasse das tradições dos mais velhos aos mais novos. É através da tradição oral que são preservados os saberes dos seus ancestrais. Essas falas são transmitidas de uma geração para outra, e é assim que chegam aos dias atuais.

Esclarecer que é a partir das memórias dos moradores que se tem condição de conhecer um pouco mais a respeito da comunidade e descobrir aspectos relativos a ela, como sua origem, a origem de seu

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

povo, as tradições mantidas, a identificação do indivíduo como um quilombola e a organização comunitária, ou seja, entender a comunidade através da oralidade.

Ampliar o entendimento de que a memória é mais do que apenas uma experiência ou vivência individual armazenada, ela faz parte de um conjunto: pessoas e meio. O acesso à memória individual enriquece a pesquisa em caráter biográfico, a identidade de um indivíduo; já a contribuição da memória coletiva, ela nos dá uma amplitude de contexto social, no caso do quilombo, as relações entre os membros.

Além das narrativas e conteúdos explanados, elaborar junto com os participantes a construção de um roteiro com possíveis perguntas que poderão servir como um direcionamento focado do que se quer pesquisar e estudar, e assim poder desenvolver uma futura pesquisa de campo. Perguntas sobre a vida pessoal do quilombola e da comunidade, conceitos de quilombo, ser quilombola, negritude, ancestralidade, territorialidade, formas de trabalho e os aspectos culturais da comunidade, que poderá fornecer embasamento para entender o quilombo através da História Oral.

Bibliografia:

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANA, Fabíola. História Oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, a. 3, 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, a. 10, 1002, p. 200-212, 1992.

Minicurso 6

O conceito do self e a interpretação da realidade

Douglas Tacone Pastrello (Mestrando, UEM)

Resumo:

O presente curso visa apresentar o conceito do "self" através das discussões entre História e memória. A ideia do "self" é feita em como o indivíduo concebe o mundo a sua volta tomando como partida três conceitos diferentes: o "lugar de memória" de Pierre Nora, "memória coletiva" de Michael Pollak e "Corpos da memória" de Yoshikuni Igarashi. Com base nos três teóricos criar-se-á o terreno propício para a introdução do "self" enquanto uma interpretação da realidade feita pelo indivíduo à luz da soma das diversas memórias que o cercam. Utilizando da metodologia proposta será feito algumas elaborações com base no pós-guerra japonês e as mudanças em torno da questão da cultura do auto-sacrifício ocorridas em detrimento do fim da Segunda Guerra Mundial, demonstrando como indivíduos de mesmas localidades podem interpretar fenômenos em diferentes formas.

Conteúdo programático:

Compreender as bases dos conceitos de "lugar de memória" de Pierre Norá, "Corpos da memória" de Yoshikuni Igarashi e os conflitos existentes entre a memória individual e coletiva.
Com base nos três conceitos, vislumbrar a elaboração do conceito do "self" que visa explicar como o indivíduo interpreta os fatos históricos sobre sua realidade.

Bibliografia:

- IGARASHI, Yoshikuni. *Corpos da memória: Narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970)* Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In. *Projeto História*, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
- SEATON, Philip. Do you really want to know what your uncle did? Coming in terms with the relative's war actions in Japan. *Oral history society*. Vol 34. N. 1. 2006.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: Difel. 1974.

Minicurso 7

Resistência, educação e militância lésbica no Brasil entre 1981 e 1987

Marilia Daniel Stolben (Graduada, UNISC)

Resumo:

Analisar através do periódico escrito e organizado por militantes lésbicas, o ChanaComChana (1981-1987) a organização das mulheres lésbicas pertencentes ao Grupo Ação Lésbica Feminista, o que significava ser lésbica e militante no Brasil durante a Abertura Política, o que hoje conhecemos como o fim da ditadura militar, e em que medida este periódico se constituiu como um espaço de educação e resistência destas mulheres lésbicas durante este período de repressão.

Conteúdo programático:

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Invisibilizados da História;

Periódico ChanaComChana;

O ser lésbica e militante no Brasil de 1980;

O periódico ChanaComChana como espaço de educação e resistência

CONTEÚDO METODOLÓGICO:

Aula expositiva com disponibilização de leituras para serem realizadas antes ou após a aula para auxiliar na compreensão e na realização da atividade final, a qual será proposta a elaboração de um texto de até 1000 palavras contextualizando o assunto abordado a respeito da participação política e resistência das mulheres lésbicas na ditadura militar, os desafios enfrentados por elas e a invisibilidade da comunidade LGBTQIA+ na produção historiográfica.

Bibliografia:

Boletim ChanaComChana, São Paulo, n.1-2-3-4-6-7-8-9-10-12, 1982-1987.

WITTIG, Monique. O pensamento hetero. 1980. Disponível em:
http://www.geocities.com/girl_ilga/documentos.htm

NAVARRO-SWAIN, Tânia. O que é lesbianismo. São Paulo; Brasiliense, 2000. 101p

LESSA, Patrícia. Visibilidade e ação lésbica na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-feminista e do Boletim ChanaComChana. Niterói. 2008, p. 301-333.

Minicurso 8

História LGBT? Abordagens possíveis e necessárias de diversidade em sala de aula

Marilia Daniel Stolben (Graduada, UNISC)

Resumo:

Fomentar o desejo e a importância de que professores e professoras proporcionem aulas com abordagens inclusivas em relação a comunidade LGBTQIA+, apoiando e promovendo debates a cerca da diversidade e pluralidade de seres em nossa sociedade.

Exemplificar através desta aula que existem possibilidades e narrativas históricas o suficiente para que esta abordagem seja realizada em sala de aula, mais especificamente nas aulas de História mas podendo serem discutidas de forma interdisciplinar em todas as disciplinas escolares.

Conteúdo programático:

Conteúdo programático:

Importância da visibilidade para permanência de alunes LGBTQIA+ na escola e estratégias para a inclusão da História LGBTQIA+ em sala de aula;

Homossexualidade na Antiguidade - Grécia Antiga;

LGBTQIA+ no Brasil Colonial;

Resistência LGBTQIA+ na Ditadura Militar

Conteúdo metodológico:

Aula expositiva, refletindo sobre o número de evasão escolar de alunes (alunos e alunas) LGBTQIA+ e propondo a reflexão e a ação de repensar as práticas escolares para proporcionar uma experiência escolar mais inclusiva e respeitosa, após apresentar exemplos de possibilidades de abordagens que incluem as narrativas LGBTQIA+, exemplificando com os períodos históricos da Grécia Antiga, Brasil Colonial e Ditadura Militar.

Avaliação final seria a proposta de elaboração de um plano de aula que aborde a história LGBTQIA+.

Bibliografia:

MOTT, Luiz. Relações Raciais entre Homossexuais no Brasil Colonial. Revista Brasileira de História, vol., 5, nº 10, 1985.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia antiga - homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. BIBLOS, [S.l.], v. 19, p. 19-24, jan. 2008. ISSN 2236-7594. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/249> .

SANTOS, Rogério Reis dos. “Uma bicha atrevida pede a palavra”: o lampião da esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira. 2017. 127 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Boletim ChanaComChana, São Paulo, n.1-2-3-4-6-7-8-9-10-12, 1982-1987.

Minicurso 9

Quebrando com o "Feudalismo Japonês": Shōen-Kokugaryō, o Regime de Terras do Medievo Japonês

Kauê Otávio (Graduando, UFSC)
Guilherme Nercolini Miranda (Doutorando, UFPR)
Amanda Midori Oya (Graduanda, UFSC)

Resumo:

O presente minicurso visa apresentar de modo didático o regime de terras predominante ao longo do medievo japonês (aqui compreendendo os séculos XII-XV), conhecido como shōen-kokugaryō, e as ligações de tal regime com a política, guerra, e estrutura social no Japão, tratando de temas como o declínio do poder aristocrático e ascensão dos samurais, relações centro-periferia, variações regionais do shōen-kokugaryō, e outros tópicos pertinentes. O minicurso fará uso de documentos jurídico-administrativos traduzidos por Jeffrey P. Mass e outras fontes primárias, retrazando também um breve panorama de estudos sobre o tema, da década de 1960 aos dias de hoje. Os estudos de Jeffrey P. Mass, Karl Friday e Thomas Conlan serão obras indispensáveis para orientar tal minicurso, assim como a obra “The Culture of Civil War in Kyoto”, de Mary Elizabeth Berry, e o mais recente estudo sobre o tema em línguas ocidentais, “Land, Power, and the Sacred: The Estate System in Medieval Japan”, editado por Joan Piggott e Janet R. Goodwin. Os pontos nodais de maior importância serão as mudanças do sistema de terras nos séculos XIII, XIV, e XV, ligando-os às particularidades socio-políticas de cada tempo. O curso será dado em forma de aula expositiva com material complementar fornecido pelos proponentes, além de indicações bibliográficas extras, aos interessados em aprofundar-se mais na temática.

Conteúdo programático:

O sistema shōen-kokugaryō: origens; o primeiro bakufu e a ascensão dos jitō e shugo; mudanças no sistema shōen-kokugaryō ao longo do século XIII; ascensão dos akutō e tōzama; mudanças no sistema shōen-kokugaryō ao longo do século XIV; ascensão dos shugo-daimyō; ikki, miuchi, myōshu e outros meios de subordinação e resistência; declínio do sistema shōen-kokugaryō no século XV; variações regionais do sistema shōen-kokugaryō (Kinai, Kantō, Kyūshū).

Bibliografia:

CONLAN, Thomas Donald. State of War: The Violent Order of Fourteenth-Century Japan. Ann Harbor: Center For Japanese Studies The University Of Michigan, 2003.

GOODWIN, Janet R.; PIGGOTT, Joan R. (Ed.). Land, Power, and the Sacred: The Estate System in Medieval Japan. Honolulu: University Of Hawaii Press, 2018.

MASS, Jeffrey P.. The Kamakura Bakufu: A Study in Documents. Stanford: Stanford University Press, 1976.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

YAMAMURA, Kozo (Ed.). *The Cambridge History of Japan Volume 3: Medieval Japan*. New York: Cambridge University Press, 1990.

Minicurso 10

A Recepção dos Clássicos e a apropriação da cultura greco-romana pelos movimentos fascistas, nazistas e neonazistas no Hemisfério Norte

Barbara Fonseca (Mestranda, UFPR)
Mariana Fujikawa (Mestranda, UFPR)

Resumo:

O presente minicurso tem como objetivo discutir as perspectivas teóricas sobre os estudos de recepção da Antiguidade Clássica no mundo ocidental e a apropriação da cultura greco-romana por movimentos de extrema direita no Hemisfério Norte. Nesse sentido, trataremos primeiramente a noção de Tradição Clássica, que pensa o mundo antigo em outras temporalidades de acordo com a ideia de herança. Então, apresentaremos como as abordagens da literatura contribuíram para o desenvolvimento de outras reflexões acerca da Antiguidade a partir do conceito de Recepção dos Clássicos, o qual entende a presença de elementos greco-romanos em outras sociedades e temporalidades pelo viés político-cultural, e não a partir de um legado grego ou romano. Dessa forma, apresentaremos, por meio desse conceito, como o fascismo, o nazismo e os movimentos neonazistas apropriaram-se de aspectos da cultura greco-romana a fim de justificar e legitimar suas ideologias. Para isso discutiremos o autor Gilbert Highet, que se debruça na questão de como a Antiguidade perdura como uma herança até a atualidade. Ademais, pensaremos a autora Lorna Hardwick, que critica os aspectos da tradição e aborda formas de lidarmos com o passado a partir da Recepção, assim como Glaydson José da Silva, que apresenta como os clássicos foram utilizados pelo fascismo. Por fim, ressaltaremos como essa abordagem possibilita a problematização e a crítica da reaparição dos clássicos em movimentos da extrema direita na atualidade.

Conteúdo programático:

O nosso minicurso será dividido em três vídeos: O primeiro terá aproximadamente uma hora de duração. Nele, trataremos a perspectiva de análise do passado greco-romano a partir da Tradição. Apontaremos, ademais, nesse primeiro vídeo, como os estudos literários contribuíram para o desenvolvimento de um novo viés: os Estudos de Recepção.

O segundo vídeo, também de duração de aproximadamente uma hora, trará as questões dos Estudos de Recepção, englobando como esse conceito se desenvolveu e se transformou.

No terceiro e último vídeo será apresentado e problematizado a utilização de elementos da Antiguidade Clássica pelos movimentos fascistas, nazistas e neonazistas. Nesse vídeo final apresentaremos, além disso, em sua descrição, a proposta de atividade, que consistirá em uma análise de fontes acerca da apropriação do mundo antigo pelos movimentos fascistas e neonazistas, as quais poderão ser indicadas pelas proponentes ou pesquisadas pelos alunos do minicurso.

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

ARNOLD, Bettina. The past as propaganda: totalitarian archaeology in Nazi Germany. *Antiquity*, v. 64, n. 244, p. 464-478, 1990.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition: Greek and Roman influences on Western literature*. Oxford: Oxford University Press, 1949.

SILVA, Glaydson José da. Imaginar, forjar e utilizar a antiguidade: representações dos gauleses e construção da identidade nacional na França, de Pétain a Le Pen. *Boletim do CPA, Campinas*, n. 18, jul/dez. 2004.

Minicurso 11

Introdução à história do urbanismo no Egito Antigo

Thais Rocha da Silva (Doutora, University of Oxford)

Resumo:

O Egito antigo foi estudado principalmente pelos documentos funerários e textos, chegando a ser chamado de uma 'civilização sem cidades'. Desde a década de 1970 os estudos sobre os assentamentos urbanos no Egito começaram a ter mais destaque por parte dos pesquisadores, sobretudo com novas escavações e novos enquadramentos teórico-metodológicos da arqueologia da paisagem. Ainda com grande foco econômico, os estudos sobre as cidades egípcias se limitaram a poucos sítios arqueológicos, principalmente Amarna, privilegiando a relação entre Estado e indivíduo. Neste curso, pretendo destacar novas abordagens dos estudos urbanos na Egiptologia surgidas na última década a partir da cultura material e de uma perspectiva mais antropológica que privilegie a interação dos indivíduos entre si e com o espaço.

O curso será com aulas expositivas e haverá bibliografia complementar indicada para cada aula.

Conteúdo programático:

Aula 1. O Egito e o urbanismo: panorama historiográfico

Aula 2. A arqueologia da paisagem e os estudos sobre o espaço: considerações metodológicas

Aula 3. Estudo de caso: Amarna.

Aula 4. Expandindo os modelos? Tell el- Dab'a e Amara West

Bibliografia:

Moeller, N. (2016). *The archaeology of urbanism in Ancient Egypt: from the predynastic period to the end of the Middle Kingdom*. Cambridge, Cambridge University Press. New York, Routledge.

Ucko, P. J. and R. Layton (1999). *The archaeology and anthropology of landscape: shaping your landscape*. London.

Ucko, P. J., R. Tringham, G. W. Dimbleby, A. (1972). *Man, settlement and urbanism: proceedings of a meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University*. London, Duckworth.

Wilson, J. (1960). *Civilisation without cities*. Chicago, University of Chicago Press.

Minicurso 12

Mulheres migrantes e refugiadas na Europa no tempo presente

Adriana Carvalho de Medeiros (Pós-doutoranda, Unioeste)

Resumo:

Os meios de comunicação, agências humanitárias e órgãos governamentais ao tratarem das migrações no século XXI, alegam que vivemos no tempo presente, a maior crise humanitária com milhares de pessoas deslocados pelo mundo. Para alguns pesquisadores, o termo “crise” fala mais sobre a fase de desenvolvimento do capitalismo e da incapacidade de elaborar leis e política mais solidárias, do que propriamente do fenômeno de deslocamento humano. O deslocamento humano é/ foi um fenômeno constante na história humana desde a pré-história. Embora sejam diferentes os motivos que levam um indivíduo ou grupo humano a se deslocarem em diferentes momentos da história, o objetivo final, invariavelmente é o mesmo: manter as condições mínimas de sobrevivência. Entre os sujeitos que são as maiores vítimas de violência e violação de direitos durante o percurso de migração, estão mulheres e crianças. Neste minicurso, pretendemos abordar as dificuldades e experiência de mulheres migrantes e refugiadas que tem enfrentado rotas mortais e sofrido todo o tipo de violência até chegarem a Europa, em busca de melhores condições de vida e algumas vezes, garantir a sobrevivência. Neste sentido, pretendemos ainda discutir as dificuldades que estas mulheres têm em se integrar ao mercado de trabalho e sociedade já no país de refúgio, e por fim, discutir como a mutilação genital feminina tem aumentado número de mulheres que tem buscado refúgio na Europa.

Conteúdo programático:

O minicurso será realizado em três encontros, sendo que terá como tema:

- 1) Violência e violação dos direitos humanos nas rotas de migração e tráfico humano no Mar Mediterrâneo e Deserto do Saara;
- 2) Mulheres migrantes: percursos e dificuldades de integração;
- 3) Mutilação genital feminina: violação aos direitos humanos e luta das mulheres refugiadas e migrantes.

Bibliografia:

ARENDDT, Hannah. Nós, os refugiados. Tradução Ricardo Santos, Covilhã, Portugal: LusoSofiapress, 2013.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.

ROGERIO, Nuno. Menos que humanos: imigração clandestina e tráfico de pessoas na Europa. Editora D. Quixote: Portugal, 2015.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

UNICEF. Female Genital Mutilation/Cutting: A statistical overview and exploration of the dynamics of change. Nova Iorque: UNICEF, 2013.

Minicurso 13

Fotografia: A câmera que lê e documenta a História

Cássia Maria Popolin (Doutoranda, UEM)

Resumo:

Das pinturas nas cavernas à era digital, o homem sempre utilizou imagens para se comunicar. Quando se mergulha profundamente em uma obra de arte percebe-se que ali não existe apenas um mero registro da realidade, mas uma cumplicidade e uma intencionalidade do autor com o objeto representado. Com a fotografia não foi diferente. Desde a primeira imagem anunciada por Niépce em 1826, ela veio se impondo como meio de reprodução do visível e o homem passou a se apropriar do objeto que desaparecerá. Existe uma magia quando se imortalizam as pessoas e o tempo nas imagens; elas se tornam provas de sua existência, de sua identidade e história. Desde seu advento, a fotografia tem contribuído para o registro (em seu tempo) e recuperação (em tempos posteriores) da história. Ao longo do tempo, a fotografia deixou de ser mera ilustração, foi alçada a documento histórico nos anos 80 e, hoje, é importante fonte de pesquisa. A técnica, aliada ao olhar do fotógrafo, constrói uma linguagem visual. O objetivo desse minicurso é analisar os elementos da linguagem fotográfica e proporcionar ferramentas para a leitura de imagens. Analisar fotografias que retratam a história, conhecer seus autores e o contexto em que foi produzida. Teóricos como Boris Kossoy, Paulo Boni, Peter Burke, Jorge Pedro Sousa, P. Dubois, entre outros, nortearão as reflexões desse minicurso.

Conteúdo programático:

História da Fotografia

Linguagem Fotográfica (Planos, ângulos, velocidade baixa e alta, sombra, perspectiva, contraluz, reflexo, regra dos terços, moldura, foco seletivo, cor ou P/B, falsa ligação)

Uma seleção de fotografias históricas e seus autores/ fotógrafos que estão registrando a História

Bibliografia:

BONI, Paulo César. O Discurso Fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA – Universidade de São Paulo, 2000.

BURKE, Peter. Testemunha Ocular: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

DUBBOIS, Philippe. O ato fotográfico. Campinas: Papirus, 2004.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. 5.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

Minicurso 15

Os estudos de gênero e a cultura material

Thais Rocha da Silva (Doutora, University of Oxford)

Resumo:

O desenvolvimento das teorias feministas na arqueologia abriu espaço para questionar antigas formulações sobre o papel das mulheres nas sociedades. A partir da década de 1980 com novas abordagens nos estudos de gênero, modelos explicativos foram revisitados. Neste curso pretendo apresentar os principais debates e problemas envolvendo os estudos de gênero na perspectiva da cultura material e os seus impactos na investigação arqueológica.

O curso será com aulas expositivas e haverá bibliografia complementar indicada para cada aula.

Conteúdo programático:

Aula 1. Uma arqueologia feminista?

Aula 2. A cultura material na mira dos estudos de gênero.

Aula 3. A casa como "lugar" das mulheres: arqueologia e o espaço doméstico.

Aula 4. Gênero e agência no contexto arqueológico.

Bibliografia:

Whitehouse, R. 2007. Gender Archaeology and Archaeology of Women: Do we Need Both? In: S. Hamilton, Ruth D. Whitehouse, and Katherine I. Wright (eds) Archaeology and Women. Ancient and Modern Issues, Walnut Creek, CA: Left Coast Press, pp. 27-40

Gero, J. 1985. Socio-politics and the Woman-at-Home Ideology, *American Antiquity* 50: 342-50.

Hamilton, S., Ruth D. Whitehouse, and Katherine I. Wright (eds) 2007. *Archaeology and Women. Ancient and Modern Issues*, Walnut Creek, CA: Left Coast Press.

Minicurso 16

A música como ferramenta no ensino da História

Ana Vitória Miranda Pacífico (Graduada, Unibh)

Resumo:

O ensino da História tem se distanciado cada vez mais da realidade dos alunos, tornando as metodologias resumidas à exposição de conteúdos sem filtros, obsoletas, e ineficientes. De acordo com a BNCC, – Base Nacional Comum Curricular – o ensino da história tem a função de incentivar a criticidade dos alunos, buscando seu desenvolvimento e o senso crítico, além dos conhecimentos específicos no campo da História. A música, por outro lado, serve como refúgio aos indivíduos sem distinção de classes e grupos sociais, cada um buscando o estilo com qual tem mais afinidade, procurando no lazer uma referência, mesmo que indireta, a modos de vida.

Abordando os mais diversos assuntos e temáticas, a união da música popular, aquela que é consumida diariamente pelos alunos, e do ensino da história buscam uma alternativa que tenta aproximar o discente do ensino da história com uma ferramenta mais dinâmica e atual, que dialoga com o cotidiano, tanto do aluno quanto do professor. Compreendendo os desafios diários encontrados dentro de sala, como a complexidade dos processos, o tempo disponível semanalmente e as demais dinâmicas encontradas, propõe-se neste minicurso uma alternativa metodológica no ensino da história. Ao tentar então unir tais assuntos com a dinâmica do ensino, se deseja que a metodologia auxilie o professor no sentido de facilitar a dinâmica que aproxime o aluno do ensino da história, aborde temas de relevância social e histórica e utilize de uma ferramenta que é de extrema relevância para o cotidiano dos alunos: as músicas que eles escutam.

Conteúdo programático:

Este trabalho se divide em três partes: em um primeiro momento iremos dialogar com a relação da dinâmica do ensino da história com o mundo globalizado, buscando compreender as necessidades e especificidades dessa dinâmica.

Em um segundo momento será realizada uma análise a respeito das possíveis temáticas que podem ser utilizados em sala de aula e apresentada uma opção de metodologia utilizando a música como ferramenta didática, buscando explicar e elucidar a proposta apresentada.

Já em uma terceira e última etapa será o momento de orientação para a atividade proposta aos alunos, que será composta na confecção de planos de aula utilizando a metodologia proposta no minicurso.

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. Por Uma História Prezosa e Consequente. In: História na Sala de Aula. Conceitos, Práticas e Propostas. KARNAL, Leandro (org.) São Paulo. Contexto, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. História e Música. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TEODORO, Janice. Educação Para um Mundo Em Transformação. História na Sala de Aula. Conceitos, Práticas e Propostas. In. KARNAL, Leandro (org.). São Paulo: Contexto, 2003

BERTUCCI, Liane Maria; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. Edward P. Thompson: história e formação. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010

Minicurso 17

Introdução a História da Arte no Ocidente Medieval

Gabriel Alves Pereira (Mestre, UFRJ)

Resumo:

Durante muito tempo as imagens medievais foram consideradas como "bíblia dos iletrados", ou seja, elas serviriam apenas para transmitir aos leigos, de forma visual, o conteúdo dos textos. Essa ideia foi defendida durante muitos anos pelo historiador da arte francês Émile Mâle, baseado em uma carta escrita pelo então Papa Gregório Magno ao bispo Serenus de Marselha em que o Papa pede para que as imagens não sejam destruídas, pois estariam ali para ensinar os leigos. Portanto, nosso objetivo nesse curso é trazer uma introdução aos estudos da história da arte no ocidente medieval demonstrando, dessa forma, que as reflexões acerca desse tema hoje em dia vão muito além do conceito de "bíblia dos iletrados".

Conteúdo programático:

O que é imagem/arte medieval?. As imagens e seu lugar. Iconografia medieval. Imagens profanas e cultura folclórica.

As aulas serão desenvolvidas a partir da exposição via slides embasadas pela leitura prévia dos textos.

Bibliografia:

BASCHET, Jérôme. L'iconographie médiévale. Paris: Gallimard, 2008.

BASCHET, Jérôme; DITTMAR, Pierre-Olivier. Les images dans l'Occident Médiéval. Turnhout: Brepols, 2015.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Eva Barbada de Saint-Savin: imagem e folclore no século XII. In: _____. A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval. São Paulo EDUSP, 2010, p. 173-196.

SCHMITT, Jean-Claude. O Corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: EDUSC, 2007.

Minicurso 18

Heródoto e os antigos povos africanos e asiáticos

Félix Jácome Neto (Pós-dourando, USP)

Resumo:

Este minicurso visa discutir como o "pai da História", Heródoto, apresentou os povos não gregos, especialmente orientais, como persas e fenícios, e africanos, como egípcios e líbios. Este minicurso, portanto, insere-se dentro da problemática da representação do ser estrangeiro, um tópico que gera tensões na nossa sociedade multicultural, na qual, com frequência, o medo do Outro provoca atitudes xenófobas ou mesmo racistas. Nesse sentido, vale a pena nos debruçarmos sobre as narrativas dos antigos acerca deste tema, avaliando se, e em que medida, os povos não gregos entraram na História de Heródoto de forma autêntica e isenta de xenofobia.

Conteúdo programático:

O minicurso terá quatro horas de duração, com duas sessões expositivas, incluindo exercícios propostos aos participantes.

Sessão 1. O contexto do livro Histórias de Heródoto; Heródoto e a África: sobre egípcios e líbios

Sessão 2. Heródoto e a Ásia: sobre persas e fenícios.

Bibliografia:

HALL, Jonathan M. Quem eram os gregos? Revista do Museu de Arqueologia e etnologia, São Paulo, 11: 213-225, 2001.

HARTOG, François. O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HERÓDOTO. História. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988

SOARES, Carmen L. A visão do "outro" em Heródoto. In: FIALHO, Maria do Céu Z. et al. (orgs.). Gênese e consolidação da ideia de Europa, Vol, I: de Homero ao fim da Época clássica. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005

Minicurso 19

Direito e escravidão no Brasil oitocentista: breve análise de fontes primárias do direito civil

Ariel Engel Pessa (Doutoranda, USP)

Resumo:

o presente curso pretende apresentar e analisar fontes primárias que tratam do tema da escravidão no século XIX no âmbito da História do Direito. O objetivo é fornecer uma primeira aproximação com este tipo de fonte histórica, principalmente àqueles que pesquisam o tema da escravidão e não tem familiaridade com documentos jurídicos. Para além da apresentação das fontes, nosso intuito é demonstrar como o historiador pode manuseá-las, de modo a extrair delas aspectos importantes à pesquisa nos mais variados âmbitos da historiografia, sem incorrer em anacronismos.

Assim, serão apresentadas as seguintes fontes: (i) legislação, (ii) anais parlamentares, (iii) processos judiciais (cíveis) e (iv) obras doutrinárias (de direito civil). A escolha por tais fontes se justifica em função de sua importância à época, bem como a especificidades temporais que, à primeira vista, podem fugir ao pesquisador. O recorte temático dos processos judiciais e das obras doutrinárias diz respeito ao direito civil, pois ainda hoje é uma das principais vias de acesso aos pesquisadores que estudam o fenômeno da escravidão no Brasil oitocentista.

Conteúdo programático:

Aula 1 (2 horas)

- Legislação
 - Legislação em geral (Constituição e Códigos)
 - Legislação sobre escravidão
- Anais parlamentares
 - Câmara dos Deputados
 - Senado

Aula 2 (2 horas)

- Introdução ao Direito Civil no Brasil do século XIX
- Processos judiciais cíveis
 - Ações de liberdade
- Obras doutrinárias
 - Brasileiras
 - Portuguesas

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

- BRASIL. Coleção de Leis do Império do Brasil (1808 - 1889). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis>. Acesso em: 14 jul 2020.
- DANTAS, Monica Duarte; VELLOZO, Júlio Cesar de Oliveira. Debates parlamentares e seus usos pelo historiador. Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro, a. 178(477), p. 45-71, maio/ago. 2018.
- AZEVEDO, Elciene. O direito dos escravos: lutas jurídicas e abolicionismo na província de São Paulo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- DUTRA, Pedro. Literatura jurídica no império. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Padma, 2004.

Minicurso 20

Ser ou não ser? Formação, identidade e dilemas dos novos movimentos sociais

Murilo Henrique Garcia (Mestrando, UFOP)
Prof. Dr. Arnaldo José Zangelmi (UFOP)

Resumo:

O minicurso tem como proposta abordar teorias contemporâneas de movimentos sociais e oferecer a(ao) estudante ferramentas básicas para a compreensão das ações coletivas organizadas. Para o sociólogo James Jasper os movimentos sociais, em sua formação, passam por alguns dilemas que seriam conflitos relativos à identidade, organização ou atuação. Tais dilemas serão abordados no minicurso através de explanações teóricas e empíricas, buscando nas principais manifestações que ocorreram pelo mundo na última década aporte necessário para a compreensão dos dilemas de mobilização, onde nos apoiaremos também nas elucidações de Manuel Castells sobre o meio de atuação destes que, na perspectiva do autor, se dá fundamentalmente através das redes virtuais. Sendo assim, o objetivo deste minicurso é fornecer algumas ferramentas necessárias para a compreensão dos movimentos sociais do contemporâneo auxiliando na compreensão da composição e estruturas dos eventos.

Conteúdo programático:

O minicurso é dividido em três momentos, a seguir

1 - Demandas (nem sempre) emancipatórias e a ação coletiva organizada

Os movimentos sociais e de protesto surgem como demandas de setores da sociedade que buscam se organizar para conquistar direitos, recuperar autonomia ou, como podemos observar em alguns casos mais conservadores ou reacionários, para garantir retrocessos. Na última década pudemos acompanhar a ascensão meteórica (e algumas quedas na mesma intensidade) de manifestações e movimentos sociais no Egito, Finlândia, Turquia, Chile, França, Brasil e entre outros. Das motivações, as mais variadas: luta pela garantia da democracia, protestos contra ou a favor de reformas econômicas, queda de ditadores e golpes. Nesse primeiro módulo abordaremos de forma sucinta a conjuntura política da última década apoiados em análises de sociólogos e filósofos como David Harvey, Manuel Castells, Slavoj Žižek e James Jasper a fim de compreender o clima histórico de formação desses novos movimentos.

2 - Compor, significar, agir: compreendendo os movimentos sociais

Ancorados em perspectivas como de Castells, da Glória Gohn e de James Jasper, o segundo módulo busca evidenciar algumas estruturas dos movimentos sociais: como se organizam, onde atuam, como mobilizam a sociedade. Os movimentos sociais do tempo presente, chamados de “novíssimos” por Gohn, utilizam como ferramenta de propagação de suas narrativas especialmente no meio virtual e mobilizam sentimentos através de memes ou através das mídias independentes que expõem a truculência da repressão do Estado. Com isso, acabam conseguindo empatia de determinados setores

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

da sociedade. Este módulo possibilitará um olhar teórico para a formação, composição e ação desses novos movimentos.

3 – Os dilemas de Jasper

Tendo em vista a conjuntura sócio-política e alguma noção teórica acerca dos movimentos sociais, iremos abordar os dilemas de Jaspers. Para o sociólogo, os movimentos sociais, durante a formação e atuação, passam por alguns conflitos internos. Dilemas estes relacionados à sua identidade (como o da caracterização de personagens, o de identidade e o dos irmãos de sangue), à sua forma de atuação (como o das mãos sujas, o da mídia ou o dos aliados poderosos), às estratégias de atuação (o dilema de Jano, o da desobediência ou cordialidade) e entre outros. O autor pontua 14 dilemas que serão abordados da seguinte maneira: em primeiro plano, será exposto teoricamente o que Jasper compreende como parte deste. Em segundo, buscaremos em protestos da última década a evidência empírica dos momentos desse dilema que alguns movimentos sociais podem ter passado.

Utilizaremos como material, além da bibliografia indicada, algumas imagens e vídeos coletados da internet. Em cada módulo haverá a sugestão de outros recursos (filme, série, documentário, música) a fim de uma melhor compreensão do conteúdo ministrado. Como atividade avaliativa pediremos às(aos) estudantes que busquem outros exemplos concretos da experiência de um ou dois dilemas de sua escolha e discorra sobre o contexto do surgimento do(s) movimento escolhido e o dilema pelo qual o movimento aparenta passar.

Bibliografia:

JASPER, James. Protesto: uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. Ruptura: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HARVEY, David et al. Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

Minicurso 21

Despartidarização dos partidos políticos brasileiros 1979-2019

Alex Julio Barbosa (Mestrando, UEM)

Resumo:

O objetivo desse trabalho é ofertar um duplipensar sobre o modelo partidário brasileiro constituído e reformado ao longo dos últimos quarenta anos. A guisa das provocações, aqui tratadas como ponto de partida para a análise, deparamo-nos com críticas que vão além da institucionalidade (ambiente no qual os partidos atuam de forma mais contundente), mas amplia-se para o campo do senso comum, onde a percepção sobre essa importante ferramenta política é deturpada por falácias. Uma delas, que compõe o conjunto falacioso, é de que existem muitos partidos no Brasil. Um contrassenso, tendo em vista que o sistema eleitoral e a própria Constituição permitem a organização de partidos, desde que cumpra os requisitos legais. Ademais, como consequência dessa falácia, surgem propostas de extinção dos partidos, ignorando todo o perigo que a mesma pode causar. Por isso, buscou-se aqui não apenas trazer a evolução do quadro partidário brasileiro, mas apresentar os sintomas mórbidos do interregno vivido na política nacional, apresentando não apenas provocações, mas contrapontos necessários à reflexão sobre a democracia (ou, talvez, o simulacro dela) no qual se insere toda a vida dentro e fora do território, pois mesmo na negação ou na tentativa de esquecimento, tudo ainda é político.

Conteúdo programático:

A partir de uma exposição que vincula três eixos de abordagem (histórico, sociológico e filosófico), este minicurso pretende problematizar o quadro partidário brasileiro para além dos aspectos formais que o vinculam à fria letra da lei, sem considerar a dinâmica que o compõe.

Para isso, faz-se necessário uma rápida cronologia que compreende a formação dos partidos logo após a abertura política de 1979, passando pelas reformas eleitorais compreendidas entre 1979 e 2019, sob um olhar investigativo sobre a prática partidária, tanto nas eleições (onde há um especial destaque para seu comportamento) como fora de tais períodos.

Bibliografia:

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação), In: ZIZEK, Slavoj (Org.) Um mapa da Ideologia. 4^o. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010, p. 105-142.

FERNANDES, Sabrina. Sintomas Mórbidos. A encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

DUVERGER, Maurice. Los Partidos Políticos. Ciudad del Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2012.

NICOLAU, Jairo Marconi. Multipartidarismo e democracia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996

Minicurso 22

Diálogos entre História e Literatura: formas de se entender o passado

Rodrigo Donizeti Mingotti (Mestrando, UNESP)

Resumo:

O diálogo entre Literatura e História esteve presente, de modo implícito, desde a invenção da escrita, contudo, estreitou-se esse campo a partir do século XX, quando se estabeleceu um caráter interdisciplinar nos estudos teóricos e científicos. A interdisciplinaridade garante um estudo amplo e complexo de um objeto. A literatura, por sua vez, “faz girar todos os saberes” (BARTHES, 2013, p. 18) e no monumento literário é possível constatar a presença das demais ciências. Nesse sentido, este minicurso propõe demonstrar o diálogo existente entre a Literatura e a História, em que o texto literário, de forma representativa do real, serve de fonte especial para a história cultural de uma sociedade (BORGES, 2010, p. 108). Para esta exemplificação, serão abordados alguns romances que apresentam fatores históricos e sociológicos pertinentes às respectivas épocas de suas publicações: o recorte dar-se-á a partir dos romances *L’Assommoir* (1877), de Émile Zola, *Alma em delírio* (1909), de Canto e Mello e *Madame Pommery* (1919), de Hilário Tácito, abordando-se, assim, épocas distintas, século XIX e XX. Diante dessas perspectivas, o papel deste minicurso é demonstrar como a literatura, como fonte produtiva, estabelece relações com o espaço-tempo e com as condições sócio-históricas e culturais, servindo para a compreensão de como os homens do passado se constituíam (suas crenças e costumes) e das condições político-econômicas vigentes, seguindo o conceito de que nas narrativas se resgata a representação do mundo (PESAVENTO, 1995, p. 117). Nesse sentido, tanto a História quanto a Literatura são formas de explicar presente e passado (PESAVENTO, 2004).

Conteúdo programático:

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do minicurso, serão expostas e discutidas teorias em torno da relação entre Literatura e História, principalmente de Sandra Jatahy Pesavento e de Roger Chartier, bem como da questão interdisciplinar exposta por Roland Barthes. Dadas essas constatações teóricas, serão analisados os romances propostos *L’Assommoir* (1877), de Émile Zola, *Alma em delírio* (1909), de Canto e Mello e *Madame Pommery* (1919), de Hilário Tácito, e outros mais que se fizerem pertinentes, esmiuçando suas particularidades em relação à história do período correspondente (do século XIX ao século XX).

Neste rol, serão constatadas questões referentes à pobreza de meados do século XIX na França, a questão operária, o Segundo Império Francês; a Guerra do Paraguai no cenário brasileiro, o pós-guerra, fim do Segundo Reinado Brasileiro, início da Primeira República, questões eugenistas no Brasil bem como a instalação do primeiro hospício no Rio Janeiro; o início do progresso da cidade de São Paulo, imigração, costumes e comércio boêmio, respectivamente.

Por fim, pretende-se tecer as considerações finais a respeito das intersecções entre História e Literatura, de modo a demonstrar que o monumento literário pode servir de fonte especial para o

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

historiador, no âmbito da história cultural, de modo a utilizar-se de narrativas para o entendimento de questões culturais e temporais específicas. Também, entende-se a possibilidade de se trabalhar com exemplos literários no ensino de História e vice-versa.

A carga horária prevista se totalizará em aproximadamente 2h30min.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- As relações entre História e Literatura: teorias;
- Os romances de Zola, Canto e Mello e Tácito: discursos histórico-culturais;
- O diálogo entre História e Literatura: fonte especial para a compreensão social.

Bibliografia:

BARTHES, Roland. Aula: Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. 14. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: Revista Anos 90, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6158/3652>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SENA JUNIOR, Gilberto Ferreira. Realidade versus ficção: a literatura como fonte para escrita da história. In: VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura, 2010, São Cristóvão-SE. Anais VI Simpósio Nacional Estado poder: cultura, 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Minicurso 23

S-21: A prisão de terror do Pol Pot

Sheila Torquato Humphreys (Mestra, UFPR)

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo avaliar a relação entre a memória e o local público de memória, em especial o museu de Tuol Sleng de Genocídio (S21) no Camboja que foi criado no local onde era antes um presídio do movimento Khmer Rouge da agora extinta República Popular da Kampuchea (RPK). A ideia inicial é examinar locais públicos de memória no Camboja dedicados às vítimas do genocídio de 1975 a 1979 que após esse período tem exercido um papel importante na manutenção da preservação da memória deste incidente. Quando o regime finalmente acabou, o presídio foi descoberto pelos vietnamitas e transformado em museu, propositalmente - diante da quantidade enorme de registros escritos deixados para trás pelo Khmer Rouge - com a intenção de marcar o horror e gravar na memória da nação os episódios que ocorreram ali para que nunca mais se repetissem. Quando o museu abriu as suas portas pela primeira vez no início da década de 1980, milhares de famílias cambojanas invadiram seus corredores, olhando em desespero as fotos dos prisioneiros expostas, tentando descobrir se havia algum de seus parentes que estavam desaparecidos entre estas vítimas. A brutalidade e a violência marcaram a população cambojana e o museu de Tuol Sleng contribui para uma preservação e também manipulação da memória dos eventos ocorridos. O presente curso visa, assim, levantar tais questões e trazer para o debate este período tão obscuro da nossa história.

Conteúdo programático:

Análise política do período de 1969 a 1979 no Camboja
Descrição do Regime do Khmer Rouge
Apresentação do Presídio S-21
O Museu Tuol Sleng
Conclusões

Metodologia: aula expositiva com apresentação de fotos para ilustrar o ocorrido

Bibliografia:

BECKER, Elizabeth. When the War was over Cambodia and the Khmer Rouge Revolution. First Public Affairs: New York, 1998.

BLOXHAM, Donald; MOSES, Dirk A. The Oxford Handbook of Genocide Studies. 1st Edition. Oxford University Press: New York, 2013.

CHANDLER, David. A History of Cambodia. 4th Edition. University of California Press: California, 2007.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

CHANDLER, David. *The Tragedy of Cambodian History: Politics, War, and Revolution since 1945*. Yale University Press, 1993.

CHANDLER, David. *Brother Number One: a political biography of Pol Pot*. Westview Press, 1999.

CHANDLER, David. *Voices from S-21: Terror and History in Pol Pot's Secret Prison*. University of California Press: California, 1999.

Minicurso 24

Futebol e História Política: oposição ao autoritarismo na Inglaterra e América Latina

Tainara Cristina Egídio Camargo (Mestranda, UEM)
João Pedro Mota Salgado (Graduado, Unimontes)

Resumo:

No mundo todo o futebol é considerado uma cultura de massa, mesmo no tempo presente com todas as tentativas de elitização, o esporte continua sendo algo do povo sendo assim, como cita Eric Hobsbawn “Religião leiga da classe operária” (HOBSBAWN.1987). Dessa maneira, desde a origem do esporte, este esteve ligado a questões da sociedade, de acordo com Hilário Franco Junior “A história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações” (FRANCO JR.2007) e possuindo essa ligação com a sociedade, o futebol possui também questões ligadas a história política, principalmente em períodos delicados da história, como os regimes autoritários.

Com isso, a presente proposta objetiva analisar o papel do futebol como oposição a regimes autoritários na Inglaterra, utilizando como marco temporal os 11 anos em que Margareth Thatcher ocupou o cargo de Primeira-Ministra e algumas questões do tempo presente como a participação de times ingleses em pautas sociais, e na América Latina, nos países: Argentina, Chile e Brasil, destacando sua função como agentes ativos contra repressão ditatorial, a favor de democracia e do direito a memória, utilizando como recorte temporal a segunda metade do século XX chegando também em alguns fatos do tempo presente visto a conjuntura política em que o cone sul se encontra.

Conteúdo programático:

O conteúdo programático se compõe com o objetivo de abordar primeiramente a história do futebol na Inglaterra, com suas origens operárias, como o esporte foi tratado no governo da primeira ministra Margaret Thatcher, e a atuação dos clubes no tempo presente e seu apoio a pautas sociais. Já sobre a América Latina, será trabalhado como se deu os golpes de estado no Chile, Brasil e Argentina, o contexto ditatorial desses países, e o papel do futebol nesse cenário de autoritarismo, os clubes fazendo oposição a ditaduras e se colocando a favor da democracia e anistia, como exemplo os papéis que os times chilenos Colo-Colo e Universidad de Chile na ditadura de Pinochet, a copa do mundo de 1970 e o papel desta na Argentina e no Brasil, o caso de João Saldanha, e a atuação de clubes como Corinthians e Vasco no processo de redemocratização brasileira. Chegando ao tempo presente cabe também citar fatos ligados ao futebol e a sociedade na América Latina, as torcidas antifascistas, e a oposição ao avanço dos governos de direita no cone sul.

Como aporte teórico da presente proposta, pode se citar o estudo de uma nova história política, devendo-se destacar um pouco de sua história Após grande prestígio durante o século XIX, a mesma entrou em declínio e fatores como a criação da revista dos Annales em 1929 podem ser citados como um impulso para os questionamentos sobre a hegemonia política, dessa forma transformando o campo do conhecimento histórico, em busca de uma história total. A história política possuía

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

inúmeros defeitos como seu perfil elitista, individualista, factual e subjetiva, e, dessa forma, René Rémond trata que era necessário uma transição de “História dos tronos e das dominações para aquela dos povos e das sociedades” (REMOND, 1996, p.18). Em 1971 ocorre o chamado “Renascimento da História Política” com uma proposta da Revista dos Annales,¹² chamada Nouvelle Histoire que destacava novas abordagens, métodos e objetos para a pesquisa dessa história política, fato que está ligado a transformações sociais, o que Rémond chama de condições internas. Segundo José D’ Assunção Barros em sua obra “O Campo da História”¹³, essa Nova História Política passou a se interessar pelo “poder” em suas outras modalidades, a abrir um espaço correspondente para uma “História vista de Baixo” preocupada com o indivíduo comum, e esses objetos de estudo da História Política são todos aqueles que são atravessados por uma noção de poder. Dentro desse campo de História Política, há o campo da História Social, este que trata de mecanismos de organização social, classes sociais e agrupamentos de relações sociais nos processos de transformação da sociedade, dirigindo seu olhar para minorias, sendo dessa forma uma história da sociedade.

A metodologia que será usada para o planejamento do mini curso se constitui em uma revisão bibliográfica de trabalhos produzidos e análise de fontes produzidas pela imprensa, como cita Maria Helena Capelato “Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época.” (CAPELATO, 1988).

Bibliografia:

- DE FREITAS COUTO, Euclides. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). Recorde: Revista de história do esporte, v. 3, n. 1, 2010.
- FRANCO JR, Franco Júnior. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. Editora Companhia das Letras, 2007.
- GALEANO, Eduardo. "Futebol ao sol e à sombra. atual." Porto Alegre: LP&M (2010).
- WISNIK, José Miguel. Veneno remédio—o futebol e o Brasil. Editora Companhia das Letras, 2013.

Minicurso 25

A Força Aérea Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial: processo de formação e atuação

Heitor Esperança Henrique (Doutorando, UFPR)
Andréia Elizabeth Bohn Lüder (Mestranda, UFPR)

Resumo:

A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito bélico da História da humanidade e suas consequências são sentidas na sociedade até hoje. O Brasil participou do conflito ao lado dos aliados e enviou duas unidades militares para o confronto: A FEB (Força Expedicionária Brasileira) e a FAB (Força Aérea Brasileira). O objetivo deste trabalho é trazer para o debate as relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos no que diz respeito à formação e aparelhamento do setor aeronáutico nacional trabalhando os antecedentes da criação do Ministério da Aeronáutica, o treinamento do 1^a Grupo de Aviação de Caça e seu desempenho como unidade subordinada aos Estados Unidos no palco de operações italiano, e como também as consequências econômicas e políticas da aliança Brasil - Estados Unidos envolvendo os setores das forças armadas e civis no pós-guerra.

Conteúdo programático:

Conteúdo Programático:

- 1 - O projeto de integração nacional de Vargas e a luta pelo espaço aéreo brasileiro entre os Aliados e o Eixo.
- 2 - Ministério da Aeronáutica: um ato político.
- 3 - FAB: Estruturação e treinamento nos modelos americanos.
- 4 - Atuação em guerra.
- 5 - Aliança Brasil - EUA e as consequências do pós guerra para o setor aeronáutico nacional.

Metodologia:

Vídeos explicativos constituído de mídias visuais como mapas e fotos da época que irá auxiliar na assimilação dos assuntos apresentados.

Bibliografia:

HENRIQUE, Heitor Esperança. A Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial: a participação de um país periférico em uma guerra moderna. Dissertação História, UEM, 2014.

LIMA, Rui Moreira. "Senta a Pua!" 2^o edição. Editora Itatiaia, Belo Horizonte: 1989.

LUDER, Andréia Elizabeth Bohn. Sierra-Bravo: a padronização aeroportuária brasileira e a influência estadunidense durante a Segunda Guerra Mundial. Monografia História, UFPR, 2017.

OLIVEIRA, Dennison. Aliança Brasil-E.U.A.: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Curitiba: Juruá, 2015.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Minicurso 26

A História entre Epidemias e políticas de Saúde: tragédia ou farsa?

Anna Cristina Rodopiano de Carvalho Ribeiro (Doutoranda, USP)

Resumo:

Pontuando que o historiador encontra-se em seu tempo histórico devido sua própria condição humana e que no presente pulsam as contradições e as possibilidades de compreensão do passado, o minicurso se propõe conjugar contribuição historiográfica às reflexões sobre questões da contemporaneidade, discutindo aproximações, rupturas e permanências a partir da construção de políticas de saúde em contextos epidêmicos, na Primeira República brasileira, com destaque à passagem da Gripe Espanhola, em suas singularidades e respostas sociais. Em momento onde se retoma o debate sobre as atividades essenciais do Estado, entende-se imprescindível a busca de vestígios sobre condições e particularidades que corroboraram à integração de interesses, práticas e saberes que, ao se acomodarem, legitimaram o processo de coletivização da saúde, na Primeira República.

Conteúdo programático:

- Apresentação da pesquisadora e do minicurso;
- Discussão de aportes teórico-metodológicos e fontes documentais no estudo de epidemias;
- Políticas de Saúde e tempos febris na Primeira República brasileira;
- A Gripe Espanhola de 1918: aproximações, rupturas e permanências.

Bibliografia:

- Farge A. Lugares para a história. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2011.
Mota A, Marques MCC. História saúde coletiva e medicina. São Paulo: Hucitec; 2018.
Mota A. Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A; 2003.
Thompson EP. A miséria da teoria. Rio de Janeiro: Zahar; 1981.

Minicurso 27

Os Estudos Culturais e a imigração do século XIX e XX

Rodrigo dos Santos (Doutor, Unicentro)
João Paulo Pacheco Rodrigues (Doutor, UEM)
Tiago Boruch (Doutorando, UEM)

Resumo:

Em vários períodos de nossas vidas somos afetados por aspectos imigratórios, às vezes de forma permanente, e em outros, temporários; e como historiadores devemos nos preocupar com suas discussões. Para o minicurso propomos a análise da forma permanente e a discutimos a partir da perspectiva dos estudos culturais, focando nos conceitos de práticas culturais, representações, memória, identidade e patrimônio, preocupados principalmente com os séculos XIX e XX. Utilizamos desses séculos em três momentos. O primeiro no final do século XIX e Início do XX em que o Brasil recebeu o seu maior contingente de imigrantes, destinados para as fazendas de Café e para a formação de colônias no sul do país. O segundo no século XX em que o país foi procurado por outro tipo de imigrante, os deslocados de guerra, que não tinham ou não queriam retornar para seus locais de origem. No terceiro, centramos na análise da imigração eslava e o diálogo da história com a literatura enfatizando a identidade. Para isso, empregamos como fio condutor três maneiras de problematizar a imigração no Paraná, uma a partir da Colônia Marcelino na cidade de São José dos Pinhais, outra com os que se estabeleceram em uma serraria na região de Guarapuava -Pr, e, por fim, a noção de imigração a partir das poesias de Helena Kolody. Objetivamos demonstrar como essas pesquisas foram/estão sendo desenvolvidas dentro dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e Universidade Estadual de Maringá (UEM), seus procedimentos e metodologias.

Conteúdo programático:

1. Aspectos históricos e teóricos da imigração
 - 1.1 A imigração e a História Cultural e Estudos Culturais
 - 1.2 A noção de Patrimônio Cultural e Memória;
 - 1.3 Os conceitos de imigração/ emigração e migração;

2. A imigração eslava no sul do Paraná (Século XIX e Início do XX)
 - 2.1 Os ucranianos e sua trajetória nas terras brasileiras;;
 - 2.2 São José dos Pinhais- Espaço de memórias e saberes;
 - 2.3 A Festa do Trigo da Colônia Marcelino: memórias, identidades, saberes e práticas culturais .

3. A imigração a partir da Família Egert (Século XX- deslocados de guerra)
 - 3.1 A imigração no segundo pós-guerra;
 - 3.2 A imigração do segundo pós-guerra no Brasil;
 - 3.3 As “Guarapuavas” das culturas e imigrantes;
 - 3.4. A Família Egert

4. Representações da imigração ucraniana nas poesias de Helena Kolody
- 4.1 O lugar de Helena Kolody na historiografia paranaense;
- 4.2 As representações da cultura ucraniana no interior do Paraná;
- 4.3 Representações do espaço urbano nos poemas de Helena Kolody.

Bibliografia:

BORUCH, Tiago. Representações da imigração ucraniana nas poesias de Helena Kolody. 2018. 114f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Irati.

PELEGRINI, Sandra C. A; RODRIGUES, João P. (orgs.). As artes da história: memórias, fontes e métodos. Maringá: Edições Diálogos, 2019.

RODRIGUES, João Paulo Pacheco. Memórias, Identidades e Saberes na Festado Trigo da Colônia Marcelino/Paraná (1967 - 2016). 2019. 207f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá.

SANTOS, Rodrigo dos. Em busca de um lar: práticas culturais e representações da família Egert na região de Guarapuava-Pr (1949-2016). 204f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá.

Minicurso 28

Colonialismo e deslocamentos de, em e para África: um breve olhar sob o colonialismo europeu na atual República Democrática do Congo e na atual Argélia

Felipe Antonio Honorato (Mestre, USP)
Guilherme Silva Pires de Freitas (Mestre, USP)

Resumo:

O colonialismo foi um fenômeno que começou com as chamadas grandes navegações, no século XVI, e só foi terminar com a independência política das últimas colônias existentes em África e no sudeste asiático, já na década de 1980. Em seus quase 500 anos de duração, no entanto, o colonialismo mostrou-se não ser um fenômeno homogêneo, podendo ser dividido em fases que guardam particularidades entre si, bem como assumiu nuances próprias de acordo com o país que o praticava e as regiões onde era praticado.

As diferentes estratégias utilizadas pelas potências internacionais para ocupação, exploração e espoliação de terras estrangeiras durante o colonialismo acabaram, também, por causar deslocamentos humanos. Neste curso será lançado um olhar mais minucioso a dois casos de movimentos migratórios, sejam eles internos ou externos, provocados pelo colonialismo europeu: o da atual República Democrática do Congo, antiga colônia belga, e o da atual Argélia, antiga colônia francesa.

Conteúdo programático:

Aula 1: O colonialismo e suas fases - a aula tem por objetivo explicar ao aluno o que foi o colonialismo, suas duas fases (colonialismo mercantil e imperialismo capitalista colonial) e as características específicas de cada uma dessas fases.

Bibliografia base desta aula:

FERRO, Marc. A colonização explicada para todos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MABEKO-TALI, Jean-Michel. Considerações sobre o despotismo colonial, e a gestão centralizada da violência no Império colonial francês. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, p. 745-770, Dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752013000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 July 2018.

Aula 2: O colonialismo belga na atual República Democrática do Congo e sua influência nos deslocamentos de, no e para o Congo durante o período colonial - a aula tem por objetivo (i) explicar ao aluno o processo de obtenção da colônia ultramarina pela Bélgica e as duas fases do processo de ocupação, exploração e espoliação da colônia pela metrópole - o Estado Livre do Congo e o Congo Belga; (ii) demonstrar como as escolhas da metrópole para ocupação, exploração e espoliação da colônia influenciaram as tendências migratórias (internas e externas) na atual República Democrática do Congo durante o período colonial (de 1885 a 1960).

Bibliografia base desta aula:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

GONDOLA, Charles Didier. Popular Music, Urban Society, and Changing Gender Relations in Kinshasa, Zaire (1950-1990). In Grosz-Ngate, M. and O. H. Kokole (eds.), *Gendered Encounters: Challenging Cultural Boundaries and Social Hierarchies in Africa*. New York: Routledge, 1997.

MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

TSHIBAMBE, Germain Ngoie; KABUNDA, Guy Mbuyi. *Migratory Dynamics in the DRC: rationale and implications in Lubumbashi*. Lubumbashi: University of Lubumbashi, 2010.

WESSELING, Henk. *Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

Aula 3: Os impactos do colonialismo francês na atual Argélia e sua influência nos atuais deslocamentos migratórios entre França e Argélia - a aula tem por objetivo (i) explicar ao aluno como se deu o processo de colonização e conquista da Argélia pelo Império Francês a partir de 1830 e a transformação do território como um departamento da França; (ii) abordar o turbulento período entre 1954 e 1962 onde ocorreu a Guerra de Independência e posteriormente a ratificação do processo de independência argelina; (iii) analisar os reflexos desse conturbado passado na atual relação entre Argélia e França no campo migratório.

Bibliografia base desta aula:

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998.

YASBEK, Mustafa. *A revolução argelina*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Metodologia: Todas aulas serão expositivas, sendo gravadas previamente e disponibilizadas para os alunos durante o período do curso - como estabelecem as regras.

Bibliografia:

FERRO, Marc. *A colonização explicada para todos*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998.

YASBEK, Mustafa. *A revolução argelina*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Minicurso 29

A análise do discurso (AD) como ferramenta metodológica para o historiador

Juliana Santos de Matos (Mestranda, UFPR)

Resumo:

Neste minicurso pretendemos debater a utilização do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) pelo pesquisador de História. O objetivo é instrumentar os participantes à compreender essa metodologia e à saber como utilizá-la em seus trabalhos, ressaltando dessa forma a importância da multidisciplinaridade para o historiador no momento da manipulação de suas fontes, bem como em sua produção escrita.

Para isso, durante a exposição apresentaremos a história da Análise do Discurso (AD), falando sobre o seu surgimento em oposição ao vigente estruturalismo e seu posterior desenvolvimento durante as décadas da segunda metade do século XX. Citaremos os principais autores e campos do conhecimento que formaram essa nova disciplina, compreendendo a sua complexidade e alcance.

Após essa introdução à disciplina da AD, nos deteremos de forma mais específica em seus conceitos chave, compreendendo as noções de Formação Ideológica, Formação Discursiva, Condições de Produção, Sujeito Descentrado, Interdiscurso e Memória Discursiva. Por fim, apresentaremos um panorama de como esses conceitos e essa metodologia podem ser aplicados à História, entendendo que a Análise do Discurso abre um leque de possibilidades para o historiador que pretende adotá-la no manuseio de seus materiais de pesquisa.

Conteúdo programático:

O minicurso será dividido em quatro aulas, cada uma com trinta minutos de duração, nas quais utilizaremos o espaço para fazer aulas expositivas sobre o tema proposto. Com a ajuda das ferramentas de edição, poderemos adicionar os principais tópicos da aula por escrito, facilitando a compreensão dos alunos.

Aula 1: A História da Análise do Discurso

Na primeira aula, visando introduzir a Análise do Discurso para os participantes, apresentaremos o histórico dessa disciplina. Apontaremos seu surgimento simultâneo na vertente europeia e americana, bem como seu desenvolvimento tendo como principal nome Michel Pêcheux. Demonstraremos como a AD surge na contramão do estruturalismo e visa ampliar as possibilidades da linguística, adicionando um viés sócio-histórico para as questões da linguagem. Também pensaremos nas confluências da linguística, do materialismo histórico e da teoria do discurso, assim como da psicanálise para a constituição da AD, passando pela influência de nomes como Althusser e Foucault.

Aula 2: Conceitos da Análise do Discurso

Nesta aula, abordaremos alguns dos principais conceitos da AD: Ideologia e Formação Ideológica, Discurso e Formação Discursiva, e Condições de Produção.

Aula 3: Conceitos da Análise do Discurso

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Nesta aula, abordaremos outros importantes conceitos da AD: Sujeito descentrado, Interdiscurso e Memória discursiva.

Aula 4: O historiador e a Análise do Discurso

Na aula final, debateremos sobre como o historiador pode utilizar dos conceitos apresentados nas aulas anteriores, de forma que a AD se torne uma metodologia eficiente para o trabalho de fontes históricas. Apresentaremos as ideias de autores que trabalham mais especificamente com a relação entre a História e a Análise do Discurso, bem como daremos alguns exemplos práticos de pesquisas que misturam essas duas disciplinas.

Avaliação final: Para a avaliação do minicurso, os alunos deverão entregar um trabalho de no máximo três páginas respondendo a seguinte questão:

“Tendo em vista o distanciamento dos analistas do discurso com relação ao estruturalismo e a linguística vigente até meados da década de 1960, em que medida o trabalho do historiador pode ser relevante para a disciplina da Análise do Discurso? E, por outro lado, como a AD e o pós-estruturalismo podem contribuir para a problematização das fontes do historiador?”

Critérios de avaliação:

O aluno deve apresentar em sua resposta uma articulação entre as disciplinas de História e da AD, compreendendo qual o impacto e a importância que uma apresenta para a outra. O ponto central é a demonstração da compreensão de que a relação entre as duas áreas de conhecimento gera uma melhor problematização do objeto a ser estudado, passando-se da ideia de transparência da fonte/discurso para a ideia de opacidade.

Bibliografia:

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas, SP : Ed. da UNICAMP, 1994.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

PICANÇO, Deise Cristina de Lima. Discurso, lingüística e História: diálogos entre a lingüística e a teoria da história através da análise do discurso. 2006. viii, 211f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. Defesa: Curitiba, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/3605>. Acesso em: 25 mar. 2020.

Minicurso 30

O ideal de Guerreiro na Idade Média: um estudo da transição da Alta Idade Média para a Baixa Idade Média.

Vinicius Tivo Soares (Mestrando, UEM)
Giovanni Bruno Alves (Mestrando, UEM)

Resumo:

Teremos como objetivo apresentar uma introdução sobre um dos principais personagens da Idade Média: o Guerreiro. Procurando fazer um destaque histórico inspirado nos procedimentos teóricos de Fernand Braudel e a ideia de Longa Duração, faremos comentários gerais sobre o que elencamos como principais momentos e passagens simbólicas de mudanças do ideal de guerreiro ao longo da Idade Média, começando pela migração dos povos germânicos (*Völkerwanderung*, séculos IV até VIII), formação dos primeiros reinos cristãos (durante os séculos VIII-XII), a formação da cavalaria e do ideal de Cavaleiro (séculos XI-XIII), assim como o fim desse ideal histórico, dando início a ao fim do ideal de Guerreiro da Idade Média (séculos XIII-XIV), dando destaque para as mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas ao longo do tempo. Focando num estudo de fontes previamente selecionadas, apresentaremos alguns personagens e registros simbólicos de cada período, trabalhando com uma definição geral do Guerreiro, focando nas características semelhantes que existiram ao longo da Europa Ocidental e Setentrional, com foco simbólico, mas não limitado a tais regiões, na Inglaterra e França em formação. Espera-se que ocorra uma quebra de estereótipos históricos, compreendendo a camada marcial da sociedade como algo extremamente complexo e mutável, modificando seu comportamento nos momentos de necessidade. Utilizando a obra de Rosa Sanz Serrano (1995) para a primeira parte, Georges Duby (1978) para a segunda, Joseph Morsel (2008) e Richard W. Kauper (2016) para as duas últimas.

Conteúdo programático:

O minicurso será dividido em quatro grandes blocos, com cerca de 30 a 40 minutos para cada parte, sendo as duas primeiras apresentadas pelo Mestrando Vinicius Tivo (LEM/UEM) e as duas últimas pelo Mestrando Giovanni Alves (LEM/UEM). Utilizando PowerPoint, ao qual será composto por textos e imagens de fontes históricas e comentários explicativos, trataremos uma aula expositiva e problematizadora que permitirá o ouvinte a compreender o desenvolvimento da ideia de Guerreiro.

Na primeira parte focaremos em descrever o processo migratório dos povos germânicos (também chamada de *Völkerwanderung*), frequentemente chamados de bárbaros, especialmente por aqueles grupos sociais que trazem consigo uma influência dos costumes e comportamentos romanos, para entender as características necessárias para a camada marcial da época. Trataremos esse período como um momento de constante guerra e conflitos, tendo a violência algo do cotidiano, sendo ela necessária e perceptível para o comportamento esperado. É nesse momento que apresentaremos como alguns guerreiros, aqueles que começam a ganhar um destaque social e político, assim como religioso (tanto numa perspectiva pagã como cristã), os primeiros a ganhar o conceito de king-like ou warlords, servirão como base para a formação das primeiras dinastias e reinos da Europa Medieval,

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

encontrados em poemas e registros históricos produzidos pelos grupos religiosos, trazendo figuras como Tácito, Gildas, Bedas e Gregório de Tours para apresentar o pensamento do período.

Logo em seguida olharemos para alguns personagens dessas dinastias fundadoras de reinos europeus e olharemos para eles com um olhar crítico, percebendo as mudanças históricas advindas de dois contextos diferentes: na França teremos um reino se aliando com a Igreja, tendo em Carlos Magno um dos maiores representantes do ideal guerreiro, no entanto, teremos na Inglaterra uma Igreja ainda tímida, sendo influente nas camadas dominantes mas que uma cultura germânica permanecesse forte: ainda temos uma sociedade focada nas qualidades guerreiras, sendo apenas com Alfredo, o Grande, que temos um ápice social tanto de um guerreiro como de um cristão: ambas figuras, mesmo que separados pelo tempo, representam a mudança do ideal de guerreiro com a junção da igreja, dando destaque para a produção de fontes que descrevem quem são esses reis ou quais eram os costumes presentes nesses reinos, como a Vida de Carlos Magno, biografia escrita por Eginardo, e a biografia de Alfredo, o Grande, escrita pelo monge Asser.

No entanto, com a ascensão desses guerreiros com características cristãs, tendo o movimento Cruzadista como seu ápice histórico, temos o surgimento de um novo tipo de guerreiro, que se destaca no Ocidente Medieval, assumindo posição de comando e encarnando uma superioridade bélica no campo de batalha. Se trata da cavalaria que, na Inglaterra, foi introduzida concomitante a invasão de Guilherme, o Conquistador, em 1066. Nossa proposta será de abordar o desenvolvimento desse grupo partindo de uma constituição de uma identidade guerreira que viria a adquirir, no século XII, caráter nobre e, no século XIII, exclusivo. Para tal, nos centraremos entre 1066-1453, principalmente na região do reino da Inglaterra e do norte da França. Abordaremos, assim, desde questões relativas a organização da sociedade no período, em especial as influências teóricas da igreja, como no caso da Ideologia das três ordens, ou do desenvolvimento da ideia de Guerra Santa, observada nas Cruzadas. Essa seção do minicurso se organizará em torno de conceitos necessários para a compreensão de aspectos culturais do grupo da Cavalaria, como Chivalry e Courtoise. Também visamos trabalhar, para isso, com fontes de produção ligadas a cavaleiros, como manuscritos iluminados feitos a partir do século XIII; e textos vernáculos como Roman de La Rose ou o Roman d'Alexandre.

Bibliografia:

DUBY, Georges. Guerreiros e Camponeses. Os primemórdios do crescimento econômico europeu sec. VII-XII. Lisboa: Editora Estampa, 1978.

KAUPER. Richard W. Medieval Chivalry. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MORSEL, Joseph. La aristocracia Medieval. El Dominio Social em Occidente (Siglos V-XV). València: Universitat de València, 2008.

SANZ SERRANO, Rosa. Las migraciones bárbaras y la creación de los primeiros reinos de Occidente. Madrid: Síntesis, 1995.

Minicurso 31

Tópicos de História Social da Arte: cultura e política no início dos anos 1960

Victor Santos Vigneron de La Jousselandière (Doutorando, USP)
Lorenzo Tozzi Evola (Mestrando, USP)

Resumo:

O objetivo básico deste minicurso é refletir sobre o estado da relação entre cultura e política no início dos anos 1960. Nesse momento, diversos autores apresentaram práticas e propostas de intervenção na vida pública do país que punham em questão as relações entre esses dois âmbitos. Conceitos como “cultura popular”, “criação artística”, “mercado de bens culturais”, “universidade”, “imprensa” etc. foram mobilizados e questionados por uma ampla gama de autores, gerando um intenso debate, com desdobramentos que ressoam até os dias atuais. Sendo assim, propõe-se a realização de um minicurso que aborde a obra de dois intelectuais de atuação destacada no período: Ferreira Gullar e Paulo Emílio Salles Gomes. O interesse dessa abordagem reside na diferença do âmbito de atuação dessas figuras, que lidaram com problemas relativos a linguagens como o cinema, o teatro e a literatura. No caso de Gullar, esses anos ficaram marcados pela sua atuação na Fundação Cultural de Brasília, criada no governo Jânio Quadros, e no Centro Popular de Cultura do Rio de Janeiro. Quanto a Salles Gomes, a publicação de sua tese “Uma situação colonial?”, em 1960, define um período que se fecharia com a criação do curso de Cinema da Universidade de Brasília. A partir da apresentação da trajetória desses intelectuais, a proposta é refletir de uma forma mais ampla sobre as concepções de atuação política e cultural diante de temáticas centrais no momento, como a relação dos intelectuais com o Estado, com as classes populares e com a indústria cultural.

Conteúdo programático:

Aula 1 (1h30) - Paulo Emílio Salles Gomes e a “situação colonial” do cinema brasileiro: o surgimento do cinema brasileiro moderno (a partir de "Rio, 40 graus", 1955) e do Cinema Novo (início dos anos 1960); a atuação de Salles Gomes na imprensa, na formação da Cinemateca Brasileira e dos primeiros cursos de cinema em universidades públicas; a ocorrência de conceitos como “colonização” e “subdesenvolvimento” na produção do crítico.

Aula 2 (1h30) - Ferreira Gullar entre vanguarda e “cultura popular”: o surgimento do neoconcretismo e as discussões acerca da “cientificidade” na arte (com base no “Manifesto neoconcreto” e na “Teoria do não-objeto”); atuação de Gullar no recém-criado Centro Popular de Cultura (CPC) do Rio de Janeiro; o retorno à discussão com “Vanguarda e subdesenvolvimento”.

Bibliografia:

GULLAR, Ferreira. "Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte." Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
GULLAR, Ferreira. "Experiência neoconcreta." São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

SALLES GOMES, Paulo Emílio. "Uma situação colonial?" São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
SOUZA, José Inácio de Melo. "Paulo Emílio no Paraíso." Rio de Janeiro: Record, 2002.

Minicurso 32

A descrição de obras de arte nos textos gregos e latinos antigos: entre a écfrase retórica e o registro histórico

Matías Sebastián Fernandez Robbio (Doutorando, Universidad Nacional de Córdoba)

Resumo:

Aspectos gerais:

Os textos antigos transmitem descrições de obras de arte geralmente perdidas na longa estrada do tempo, embora em alguns casos particulares restos delas tenham sido preservados. Sua descrição cumpria funções retóricas às vezes, mas também possuía um valor de registro documental. Em qualquer um dos casos, a obra de arte descrita poderia ter relações com as autoridades que ordenaram sua construção, com as práticas religiosas da época ou com a história do povo ou da cultura em geral.

Objetivos:

- Analisar testemunhos de descrições de obras de arte em textos gregos e latinos antigos.
- Compreender o valor retórico da descrição de obras de arte na literatura antiga.
- Compreender o valor documental de obras antigas dedicadas à descrição de obras artísticas.
- Distinguir esses casos, reconhecer exemplos deles e formular hipóteses sobre seus usos.

Recorte espacial, temporal ou temático:

Nossa percurso será espacialmente limitado ao mundo clássico e suas colônias, e cobrirá exemplos literários e históricos desde o século VIII a.C. com Homero até o século VI dC. com Procópio de Cesareia.

Conteúdo programático:

1. A descrição de obras de arte na literatura grega e latina antiga. A écfrasis. O registro documental de obras não preservadas. A arte da palavra e palavras de arte.
2. Descrições de obras artísticas como recurso em obras literárias. O escudo de Aquiles na 'Ilíada' XVIII, vv. 478-608. O escudo de Enéias em 'Eneida' VIII, vv. 608-728. Vários casos na obra de Luciano de Samósata: o spa de Hípias em 'Hípias ou o banho', a pintura de Hércules em seus 'Héracles', a descrição da família dos centauros de Zeuxis em 'Zeuxis ou Antíoco'. O Templo do Sol em 'Metamorfoses' II de Ovídio, vv. 1-30.
3. Obras antigas dedicadas à descrição de obras artísticas. As 'Imagens' de Filóstrato de Lemnos. As 'Descrições' de Calístrato. Os epigramas de Cristodoro de Copto preservados no livro II da 'Antologia Palatina'. Os 'Edifícios' de Procópio.

Bibliografia:

Borg 2004: B. E. Borg, "Bilder zum Hören – Bilder zum Sehen: Lukians Ekphraseis und die Rekonstruktion antiker Kunstwerke", Millennium: Jahrbuch zu Kultur und Geschichte des ersten Jahrtausends n. Chr., vol. 1 (Berlin/New York, 2004), pp. 25-57.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Dubel 1997: S. Dubel, “Ekphrasis et enargeia: la description antique comme parcours” [en C. Lévy y L. Pernot, eds., *Dire l'évidence (Philosophie et rhétorique antiques)*, Paris, 1997], pp. 249-264.

Gómez Cardó 2019: P. Gómez Cardó, "El arte de la palabra y palabras de arte: narración, diálogo y descripción en Luciano", [en *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*, año 21, n^a 41. Primer semestre de 2019], pp. 233-256. doi: 10.12795/araucaria.2019.i41.11.

Squire 2015: M. Squire, “Ecphrasis: Virtual Interactions in Ancient Greek and Latin Literature”, *Oxford Handbooks Online* (DOI: 10.1093/oxfordhb/ 9780199935390.013.58)

Minicurso 33

O velho encontra o novo: plantas medicinais, terapêuticas e enfermidades na América Portuguesa do século XVI

Rodrigo Perles Dantas (Mestrando, UEM)
Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos (UEM)
Gabrielle Legnaghi de Almeida (Mestranda, UEM)

Resumo:

Esse minicurso tem como proposta a realização de debates envolvendo a Filosofia Natural e a História das Ciências da Saúde, relacionando esses dois campos de conhecimento, principalmente no contexto dos primeiros anos da colonização da América Portuguesa, no século XVI. Com isso, objetivamos compreender a interação do corpo, que era regido pela Medicina Hipocrático-Galênica e a Teoria Humoral, com a natureza brasileira, que se configurava de maneira totalmente distinta da até então conhecida pelos europeus. Para além, exploraremos também as enfermidades que grassavam na colônia, assim como os mais diversos modelos terapêuticos adotados com o intento de preservar a saúde nos trópicos. Sobre essas práticas, priorizaremos as que derivaram de conhecimentos indígenas, visto que, como grandes conhecedores da terra, possuíam amplos saberes, técnicas e os métodos acerca dos elementos botânicos, principalmente para fins medicinais. Partimos do pressuposto de que, ao aportar em terras brasileiras, os europeus se encantaram com a natureza da região. Diferente daquilo que conheciam, buscaram sistematizar, descrever e classificar os elementos naturais, produzindo uma vasta documentação referente à natureza, que além de contribuir no campo da Filosofia natural, também havia uma necessidade lucrativa em aproveitar esses elementos. A partir de cartas, relatos, tratados e diários produzidos por viajantes, mercenários, senhores de engenho e missionários, analisaremos como o ambiente foi registrado; como que esses foram inseridos na Filosofia Natural; a relação entre corpo e natureza; e ainda, de que maneira a flora medicinal foi fundamental para a colonização.

Conteúdo programático:

Como nossa proposta de minicurso dialoga com a História das Ciências da Saúde, buscaremos explorar o debate de maneira interdisciplinar. É importante ressaltar que toda sociedade humana se relaciona de alguma maneira com o ambiente em que a circunda (THOMAS, 1989), e nessa relação, a cultura é a mediadora e a responsável por formar uma visão de mundo específica.

Partiremos da ideia de que, ao chegar em terras tropicais, o europeu encontra diante de si um mundo até então desconhecido de todos os textos e referências de que dispunham desde a antiguidade. Com isso, gerou-se grandes modificações no paradigma de classificação dos elementos naturais e de compreensão de mundo, contribuindo sobremaneira para a cultura do Renascimento.

Dessa forma, abordaremos esse contexto de intensas mudanças. A conexão entre o Velho e o Novo Mundo não somente compreendeu as grandes viagens de famosas tropas com seus colonizadores, missionários e modelos econômicos, mas também interligou mundos e ambientes antes isolados. Nessa relação, os elementos naturais também foram intercambiados, impactando e reorganizando o conhecimento do século XVI (CROSBY, 2011).

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

A partir disso, realizaremos uma análise das teorias que embasavam as práticas médicas desse período, onde ao menos três grupos populacionais formadores da sociedade colonial contribuíram para a manutenção da saúde nos trópicos, sendo eles: africanos, indígenas e europeus; compreenderemos também a relação do corpo com a natureza, geralmente em intercâmbio com o campo do sagrado; e os problemas de saúde que permearam o processo de colonização e fixação portuguesa. Assim sendo, a partir das fontes do período, abordaremos todas essas questões de ordem médica com o público, encontrando nelas os elementos botânicos da flora tropical, amplamente utilizados nas mais diversas práticas curativas.

Como atividade, proporemos àqueles que assistirem ao minicurso, que façam uma reflexão sobre como se relacionam e como acham que a sociedade lida com o meio em que o cercam, quais as preocupações e atual situação do ambiente em que vivem, seja urbano ou natural, produzindo uma lauda sobre suas conclusões.

Bibliografia:

CROSBY, Alfred W. Imperialismo ecológico. Editora Companhia das Letras, 2011.

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. São Paulo: Edusp, 1971.

THEVET, André. As singularidades da França Antártica. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

THOMAS, KEITH. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Minicurso 34

Muralismo Mexicano: a luta contra a opressão capitalista refletida na obra de David Alfaro Siqueiros

Andreza Silva Prado (Graduado, UESB)

Resumo:

Após a Revolução Mexicana (1910 - 1917), as artes no México passaram por transformações radicais, de modo que o Muralismo Mexicano surge “filho” de tal processo revolucionário, apresentando uma essência e estética igualmente transgressoras. O objetivo deste minicurso é compreender a obra muralística de David Alfaro Siqueiros e sua conexão com as transformações provocadas pela Revolução Mexicana, apontando sua tendência marxista, partindo do pressuposto de que a obra de Siqueiros consiste em pinturas com intervencionismo político, crítica à sociedade capitalista e que defendia os ideais comunistas, tendo, assim, um caráter eminentemente marxista que conduz seu trabalho artístico como instrumento de militância política e que a classe trabalhadora mexicana era retratada por Siqueiros como protagonista da luta contra a exploração e opressão da elite burguesa. Sob essa ótica, tal luta conduziria à revolução proletária e a consequente derrubada da burguesia do poder. A pesquisa se segue a partir do método do materialismo histórico-dialético, compreendendo que suas categorias centrais e seu método respondem, necessariamente, às pretensões de compreensão do muralismo, da atuação do principal agente aqui evocado e sua problemática no mundo cultural, social e político do México de então.

Conteúdo programático:

- O conceito de Muralismo
- Uma breve análise do contexto histórico: A Revolução Mexicana;
- As transformações ocorridas no âmbito artístico mexicano e a ascensão do Movimento Muralista no México;
- David Alfaro Siqueiros: Militância, arte e ideologia marxista;
- David Alfaro Siqueiros: Um olhar sobre sua produção artística. (Análise dos murais "Del Porfirismo a la Revolución", "Madre Proletaria" e Nueva Democracia).

Metodologia:

- Aula expositiva;
- Análises iconográficas dos murais de David Alfaro Siqueiros;
- Produção textual.

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

RAMPINELLI, Waldir José. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. Revista Espaço Acadêmico. Santa Catarina, ano 11, n^o 126, novembro 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/14401/8147>. Acesso em 12 mar. 2020.

REED, John. México Rebelde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1968.

ROCHFORT, Desmond. Pintura Mural Mexicana: Orozco, Rivera, Siqueiros. México: Limusa, 1993.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Imagens da Revolução Mexicana: O Museu Nacional e História do México 1940 - 1982. São Paulo: Alameda, 2007.

Minicurso 35

Mulheres à frente de seu tempo: personalidades de destaque na literatura oitocentista

Jackelline Freire da Costa (Graduada, UEPB)

Resumo:

No século XIX circulava no Brasil o ideário de modernidade e progresso. Diante do discurso da época indagamos o papel das mulheres, uma vez que por muito tempo a historiografia as enalteceu numa perspectiva de invisibilidade e reclusão, enquanto aquelas também foram protagonistas. O período analisado foi palco da educação doméstica, a instrução era considerada uma prática perigosa, sendo exclusivamente para cuidar do lar e ensinar os filhos, com algumas restrições, a mulher poderia exercer a atividade de educadora, pois aproximava-se da função já exercida em casa, considerada “instintiva por natureza”. O presente minicurso objetiva fazer um breve contexto histórico do período, discutindo o papel da mulher naquela sociedade e aspectos da educação feminina, resgatando ainda figuras que se destacaram através de ideais revolucionários numa época em que as mulheres deveriam aspirar aspectos frágeis, sutis e delicados, dialogando com os estudos no campo da história cultural com obras de Mary del Priore, Michelle Perrot entre outras.

Conteúdo programático:

- a) Contexto histórico brasileiro do século XIX;
- b) O lugar da figura feminina e a educação;
- c) Mulheres, Literatura e padrões transgredidos;

No primeiro momento haverá exposição do contexto do Brasil no século XIX e em seguida sobre o lugar da mulher naquela sociedade, resgatando aspectos sobre o tipo de educação ofertada. Por fim, trazemos a figura de mulheres que por meio da instrução e da literatura transgrediram os padrões da época.

Bibliografia:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. NOVAIS, Fernando Antônio; (Orgs.). História da vida privada no Brasil- Império: a corte e a modernidade nacional. v. 2. São Paulo: Companhia de bolso, 1997.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e educação: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PRIORE, Mary del (Org). História das mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

Minicurso 36

Do oral ao escrito: Introdução à História da Bíblia

Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia (Doutoranda, UFPR)

Resumo:

Considerado um livro sagrado, a Bíblia cristã tem sua própria historicidade, que pode ser analisada pela forma como ela passou a existir até ganhar o status de escritos sacralizados pela religião. Percorrendo o caminho do oral ao escrito, o objetivo desse minicurso é introduzir elementos acerca da história da formação da Bíblia cristã, iniciando pelo Antigo Testamento, que fazia parte dos escritos sagrados dos judeus, chegando à formação do Novo Testamento, com as cartas de Paulo e os evangelistas, abordando desde o aspecto oral de uma tradição que era propagada entre os hebreus, até o surgimento dos primeiros escritos, a questão das autorias dos textos, a transmissão, as diversas traduções e exemplos de trabalho utilizando a Bíblia como um documento historiográfico.

Conteúdo programático:

Esse minicurso contempla dois eixos de abordagem, estudos historiográficos e teológicos, que se estruturarão de acordo com os seguintes conteúdos:

1. Introdução sobre como o discurso pré-científico do século XVI se adequou aos escritos bíblicos.
2. Aspectos gerais da formação da História da Bíblia Hebraica (Antigo Testamento), oralidade, escritos, traduções, transmissão textual, versões.
3. Aspectos gerais da formação do Novo Testamento, a herança hebraica, as cartas paulinas, a autoria controversa dos evangelhos, versões e a definição do cânon.
4. Exemplo de trabalhos que utilizam a Bíblia como fonte histórica.

Bibliografia:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2012.

BELMAIA, N. A. W. Fazei isto em memória de mim: a resignificação cristã da Páscoa judaica. Pará de Minas: Virtualbooks, 2017.

BROWN, Raymond E. Introdução ao Novo Testamento. Tradução Paulo F. Valério. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

Minicurso 37

O Amor na Filosofia Antiga e Moderna

Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia (Doutoranda, UFPR)

Resumo:

Esse minicurso visa fazer um contraponto sobre as concepções do sentimento do Amor em duas temporalidades distintas, na Antiguidade e na Modernidade. Primeiramente, visa-se promover uma introdução ao pensamento do Mundo Antigo sobre o Amor por meio da polissemia da língua grega e as várias acepções do Amor, expressas por meio dos diferentes significantes a partir do trabalho “14 flavors of Love” de Tim Lomas. A seguir, será tratado dos discursos presentes em “O Banquete”, de Platão, sobretudo o Mito do Andrógino. Na Modernidade, caminhando para um pensamento de cariz mais científico, abordaremos o conceito de “Vontade de Potência” a partir da “Teoria dos Afetos” de Baruch Espinoza, de onde pode-se depreender a concepção de Amor do autor. A seguir, com um pensamento mais próximo da contemporaneidade, trataremos do conceito de “Vontade de Viver” ou “Vontade de Amar” de Arthur Schopenhauer.

Conteúdo programático:

Esse minicurso contempla um diálogo direto com a Filosofia, com o contraponto da concepção de Amor em duas temporalidades distintas, a Antiguidade e a Modernidade, dividido da seguinte maneira:

01. Introdução à polissemia do grego e diferentes palavras que designam amor a partir de “14 flavors of Love”.
02. Breve biografia de Platão e apresentação dos discursos sobre o amor em “O Banquete”.
03. Breve biografia de Espinosa e apresentação da “Teoria dos Afetos” e o conceito de “Vontade de Potência”. Breve biografia de Schopenhauer e o conceito de “Vontade de Viver” ou “Vontade de Amar”.

Bibliografia:

ESPINOSA, B. Ética. Tradução J. de Carvalho. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Disponível em http://www.mediafire.com/file/9qoh9yrwazlfqab/SPINOZA%252C_Baruch._%25C3%2589tica.pdf/file . Páginas 95 - 153.

LOMAS, T. The flavours of love: A cross-cultural lexical analysis. J Theory Soc Behav. 2018. Disponível em <https://repository.uel.ac.uk/download/fe98d593cac415b51c998034bfca5d162c6f9cc4a62a1466ad6cd99807c1a411/515786/Lomas%20%282018%29%20-%20The%20flavours%20of%20love%20%28uploadable%29.pdf> .

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

PLATÃO. Banquete, Fédon, Sofista e Político. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf>.

SCHOPENHUAER, A. O Mundo como Vontade e Representação. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Digitalizado, 2010. Disponível em <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Arthur%20Schopenhauer-1.pdf>

Historiografia da Era Viking

Leandro Vilar Oliveira (Doutor, UFPB)

Resumo:

Com o aumento do interesse em estudos históricos no Brasil, sobre os vikings, motivados pela popularização de filmes, seriados, livros, quadrinhos, feiras medievais, canais no Youtube, podcasts, entre outras produções. Apresentaremos um panorama historiográfico dos últimos anos a respeito da produção de alguns historiadores que estudam a Escandinávia durante a Era Viking (sécs. VIII-XI), citando alguns estudos de caso sobre cultura política, cultura material, sociedade, religião, gênero, identidade, comércio, expansão, mitologia etc. Nesse sentido, sublinha-se que pesquisar a Era Viking não se limita apenas a estudar os vikings, mas consiste em uma época na qual pode se estudar outros povos como os anglo-saxões, irlandeses, francos, lusitanos, hispânicos, mouros, eslavos, bizantinos, árabes etc. pois os nórdicos percorreram a Europa, e até mesmo chegaram ao norte da África, a costa do Canadá e o Oriente Médio. Neste sentido, o presente minicurso foi dividido em áreas temáticas, destacando alguns trabalhos principais, os quais tratam dos contatos dos vikings com estes outros povos. Nosso recorte temporal bibliográfico limitou-se especificamente a produção de 1990 até o presente, tendo realizado um balanço do que foi produzido nesses trinta anos. Nesse quesito o minicurso essencialmente debaterá temas de cunho historiográfico, não tratando de estudo histórico. Sendo dirigido ao público acadêmico em geral, desde graduandos a doutores, os quais não estão familiarizados com as abordagens historiográficas, e possuem interesse em aprender, para desenvolver estudos próprios.

Conteúdo programático:

- 1) Introdução
 - a. Apresentação do conteúdo
- 2) Expansão viking
 - a. História tradicional
 - b. História global
- 3) Estudos de identidade
 - a. Identidade e etnicidade
 - b. Gênero
 - c. História das mulheres
 - d. Imaginário e estereótipos
- 4) Os reinos nórdicos
 - a. Nova história política
 - b. Cultura política
 - c. Aspectos legais e judiciais
- 5) História militar
 - a. História militar tradicional
 - b. Nova história militar
 - c. Cultura material

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

- 6) Religião Nórdica Antiga
 - a. Estudos teóricos
 - b. Magia e feitiçaria
 - c. Mitologia
 - d. Crenças e ritos

Bibliografia:

ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions. Lund: Nordic Academy Press, 2006.

BRINK, Stefan (Ed.). The Viking World. New York/London: Routledge, 2008.

LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Lufté (orgs.). Desvendando os vikings: estudos de cultura nórdica medieval. João Pessoa: Ideia, 2016

PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten (eds.). Medieval Scandinavia: An Encyclopedia. London: Routledge, 1993.

Minicurso 39

Orientalismo: principais debates e potencial para análise de fontes

Nina Ingrid C. Paschoal (Mestra, PUC)
Naiara Müssnich Rotta de Assunção (Mestra, UFPR)

Resumo:

Neste minicurso, a linha temática será o Orientalismo – conceito proposto por Edward Said em 1978, na sua obra de mesmo nome. Visamos destrinchar e elucidar o significado do conceito e os seus três principais meios de ação: o orientalismo acadêmico, o orientalismo imaginativo e o orientalismo histórico e material. Também abordaremos alguns dos debates engendrados pela obra de Said no meio acadêmico e algumas das críticas a ele direcionadas pelo viés marxista (Ahmad, 2002) e decolonial (Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007). Discutiremos como o discurso orientalista contribuiu para efetivar e legitimar o processo de dominação colonial do Oriente Médio (enfocando principalmente o Egito), estabelecido entre o fim do século XVIII e o XIX e como isso reverbera nas fontes europeias produzidas no período. Propomos estabelecer relações entre o imaginário colonial com o discurso orientalista, instrumentalizando o participante do minicurso para que faça a análise crítica dos discursos e práticas coloniais, da representação e dos estereótipos criados sobre os orientais. Como laboratório, exemplificaremos através da análise de dois tipos diferentes de fontes históricas – literatura de viagem e pinturas, produzidas por europeus no século XIX.

Conteúdo programático:

*Aula 1: Introdução ao Orientalismo: compreendendo o conceito

Nesta aula apresentaremos o autor Edward Said e seu conceito de Orientalismo. Falaremos sobre as três vias pelas quais o Orientalismo atuou como discurso, e relacionaremos com o conceito de imaginário. Também trataremos sobre a crítica acadêmica a ele direcionada e nas possibilidades metodológicas de uso desse conceito para análise de fontes históricas.

*Aula 2: Análise de fontes 1: literatura de viagem

Nesta aula analisaremos um trecho da obra “O Egito: Notas de viagem” de Eça de Queiroz. O escritor português foi ao Egito em 1869 e, como vários outros escritores à época, publicou um diário de viagens, narrando em detalhes sua experiência no Egito. O objetivo da aula é perceber como a abordagem teórica sobre o discurso orientalista pode auxiliar na interpretação de fontes literárias de cunho antropológico e jornalístico.

*Aula 3: Análise de fontes: pinturas orientalistas

Nesta aula, trataremos as pinturas como fontes históricas, explicitando as particularidades deste suporte e sugerindo formas e ferramentas que podemos utilizar para realizar uma análise crítica das mesmas. Os conceitos de representação e imaginário também serão evocados para compreender as dimensões da imagem enquanto fonte.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Bibliografia:

AHMAD, Aijaz. Orientalismo e depois: ambivalência e posição metropolitana na obra de Edward Said. In: AHMAD, Aijaz. Linhagens do presente: Ensaaios. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p. 109-166.

BURKE, Peter. Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico. Barcelona: A&M Gráfico, 2005.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2016.

SAID, Edward. Orientalismo. O oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Minicurso 40

História, Lugares de Memória e Monumentalização

Milena Costa Mascarenhas (Doutoranda, Unioeste)
Solange da Silva Portz (Doutoranda, Unioeste)
Mac Donald Fernandes Bernal (Doutorando, Unioeste)

Resumo:

Este minicurso abordará os temas: História, lugares de memória e monumentalização. O objetivo é discutir questões teóricas e abordagens metodológicas que possam expandir a compreensão do objeto de pesquisa. Dessa forma, serão apresentados três estudos de caso, o primeiro, a trajetória do Suíço Moisés Santiago Bertoni, que migrou para a América do Sul no ano de 1884, fundando uma colônia agrícola autossustentável no Paraguai, 1887. O segundo é a Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu construída em 1925 e o terceiro é a Ponte Internacional da Amizade, inaugurada em 1965. Pretende-se a partir dessas três pesquisas discutir a construção da memória, destacando o esforço em monumentalizar sejam personagens, lugares ou construções. Para isso, objetiva-se trabalhar com os diferentes conceitos de memória no contexto historiográfico e como se dá a formação dos lugares de memória nos espaços públicos.

Conteúdo programático:

1. Apresentação e introdução ao Mini-curso
2. Objetivos do mini-curso
3. Organização da abordagem aos estudos de caso
4. Estudo de caso I - Moisés Santiago Bertoni (1857-1929)
5. Estudo de caso II - Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu (1925)
6. Estudo de caso III - Ponte Internacional da Amizade (1965)
7. Qual a intersecção existente entre esses três objetos de pesquisa?
8. Como se constrói os lugares de memórias?
9. Metodologias para exumar os monumentos.
10. Conclusões parciais.

Bibliografia:

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2016.
CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.
LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003. p. 419-539.

Minicurso 41

Arqueologia Clássica em Israel - A Galilea Romano-Bizantina

Marcio Teixeira-Bastos (Pós-dourando, Unesp)

Resumo:

O curso procura apresentar as pesquisas arqueológicas desenvolvidas nessa região, partindo dos usos da cultura material e da apropriação das paisagens culturais ao longo do tempo. O curso objetiva contextualizar sítios arqueológicos e questionar os valores, as práticas representacionais e interpretativas, bem como as estratégias de criação dos significados e complexidades do conhecimento arqueológico na região.

Conteúdo programático:

1. Alta e Baixa Galileia - multiculturalismo do 1^a ao 11^a século da Era Comum. 2. Memória e Cultura Material - o estabelecimento das identidades e etnicidades no passado e no presente

Bibliografia:

ADAN-BAYEWITZ, D.; WIEDER, M. 1992, Ceramics from Roman Galilee: A Comparison of Several Techniques for Fabric Characterization. *Journal of Field Archaeology* 19, pp. 189-205.
AVIAM, M. 2015, The Transformation from Galil Ha-Goyim to Jewish Galilee: The Archaeological Testimony to an Ethnic Change. In: Fiensy, D.; Strange, J.R. *Galilee in the Late Second Temple and Mishnaic Periods*. Minneapolis, Mn: Fortress Press, 9-21.
CYTRYN-SILVERMAN, K. 2016, Tiberias From Its Foundation to the End of the Early Islamic Period. In: Patrick, J.; Peleg Barkat, O.; Ben Yosef, E (eds.). *Arise, walk through the land. Studies in the Archaeology and History of the Land of Israel in Memory of Yizhar Hirschfeld on the Tenth Anniversary of his Demise*. Jerusalem, pp. 235-248.
TEIXEIRA-BASTOS, M.; ROCHA, I.E. e-Science, GIS e Curadoria Digital de dados arqueológicos e históricos: o passado conectado. *R. Museu Arq. Etn.*, 32, pp. 131-142.

Minicurso 42

Abertura Política, Constituição e Cidadania: Ensinar História para a defesa da Democracia

Jeferson José Gevigier (Mestrando, UEM)

Resumo:

A atual conjuntura sócio-política do país apresenta uma série de sinais que expressamente ameaçam o sistema democrático, contexto potencializado pela situação pandêmica. Em nossa pesquisa de Mestrado profissional em Ensino de História/ProfHistória/UEM, pudemos perceber que a estrutura social construída pela abertura política lenta, gradual e segura, iniciada no fim da década de 1970 e encerrada com a promulgação da Constituição Federal de 1988, foi fundamentada por princípios de conciliação e silenciamentos que contribuíram para uma série de contradições que, dentre inúmeras outras, são causas desta crise atual. Dessa forma, objetivamos desenvolver este conceito e refletir sobre formas de se trabalhar no contexto de ensino de história para que estudantes da educação básica tenham condições de perceber a importância da participação popular nas lutas pela abertura política e no processo constituinte e compreender que a participação efetiva na vida pública, de todos nós, começando na organização escolar ou no bairro, é base da construção da cidadania. Pensando no ensino local, apresentaremos propostas de trabalho em sala de aula que, além do texto constitucional, do diário da constituinte, trechos de cartas aos constituintes, utilizarem recortes do Jornal da Cidade (sediado em Apucarana), que noticiaram a participação da população local na constituinte. Estas propostas serão estruturadas no modelo de aula-oficina e se fundamentam nas pesquisas história que, segundo Cerri (2011), afirmam que pesquisa e ensino são concomitantes pois permitem a significação da realidade historicizada.

Palavras-Chave: Abertura Política, Constituição Federal, Ensino de História

Conteúdo programático:

Nossa proposta de minicurso se baseia na apresentação do tema, com breve contextualização e indicação de recortes bibliográficos para leitura dos participantes. Em seguida, apresentaremos as fontes indicadas para o trabalho com análise e ensino da participação popular no processo de abertura política e constituinte bem como as indicações metodológicas para análise e sistematização de cada fonte. Por fim, apresentaremos formas de trabalho estruturadas segundo o modelo de aula-oficina, refletindo sobre formas de se coletar as ideias prévias, selecionar as fontes e as abordagens específicas de cada turma com base nestas ideias e formas de se encaminhar as produções narrativas que apresentem as progressões do conhecimento histórico.

Em todos os passos do desenvolvimento do curso vincularemos a temática específica à sua relação com a formação dos estudantes para a consciência de cidadania e defesa da democracia. Ao compreender o processo de construção destes dois princípios de nossa sociedade, os estudantes poderão desenvolver traços de consciência histórica capazes de se identificar como agentes da promoção de cidadania e democracia.

Enquanto proposta de atividade, solicitaremos a elaboração de um plano de aula que tenha como base o modelo de aula-oficina e como objetivo a formação para a defesa da democracia.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Bibliografia:

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. BARCA, Isabel [Org.] Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação [CIED]/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 - 144.

BENEVIDES, Maria V. de M.. Cidadania e direitos humanos. In: Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 104, p. 39 - 46, 1998.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

VERSIANI, Maria Helena. Linguagens da cidadania: os brasileiros escrevem para a Constituinte de 1987/1988. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getulio Vargas: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. 2013.

Minicurso 43

Como marcar o tempo? Uma história dos calendários, relógios e outros marcadores de tempo

Prof. Dr. Cassio Henrique dos Santos Amador (UTFPR)

Resumo:

Desde o começo da civilização, a humanidade sempre teve uma preocupação sobre medir a passagem do tempo. As técnicas mais diversas foram utilizadas para se medir anos, meses, dias, horas, minutos, segundos, e tempos ainda menores. Este minicurso fará um passeio pela história, com enfoque na civilização ocidental, dos instrumentos utilizados para se contar o tempo, desde fenômenos cosmológicos, passando pelas ampulhetas, relógios de pêndulo e chegando nos modernos relógios, de quartzo e atômicos. Também será falado sobre alguns calendários, em especial as mudanças que originaram nosso calendário gregoriano.

Conteúdo programático:

- 1) Sobre o tempo e sua relação com a natureza.
- 2) Calendários solares, lunares e lunissolares. Diferenças entre calendário Juliano e Gregoriano.
- 3) Afinal, quando começa o dia? A divisão do dia em 24 horas e da hora em 60 minutos.
- 4) Relógios da antiguidade: relógios solares e ampulhetas.
- 5) Relógios modernos: o tempo absoluto e a revolução do pêndulo.
- 6) Relógios atuais: quartzo e relógios atômicos.
- 7) O tempo relativo e a eterna busca por uma maior precisão.

Bibliografia:

Whitrow, G.J. O Tempo na História. Brasil: Jorge Zahar, 1993

Nussenzveig, H. M. Curso de Física Básica 1: Mecânica. São Paulo, Brasil: Blucher, 2018.

Nussenzveig, H. M. Curso de física básica 2 : Fluidos, oscilações e ondas, calor. Brasil: Blucher, 2018.

Landes, David S. Revolution in time : clocks and the making of the modern world. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

Minicurso 44

A santidade medieval em perspectiva histórica

André Luiz Marcondes Pelegrinelli (Doutorando, USP)

Resumo:

O curso apresentará aos discentes as premissas fundamentais para o estudo do fenômeno da santidade em perspectiva histórica, capacitando-os para exercer a leitura crítica de historiografia contemporânea acerca da temática e o reconhecimento e análise fundamental de fontes do período. Por meio de videoaulas e leituras, o curso discutirá a formação histórica da noção de santidade durante o período medieval, a historiografia moderna e contemporânea que analisou discutiu o fenômeno e ferramentas e métodos para o estudo da questão por meio de documentação medieval.

Conteúdo programático:

1. Santos? Quem são?

- Leitura para a unidade 2: BOESCH-GAJANO, S. Santidade. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. Dicionário analítico do Ocidente Medieval. Vol. 2. São Paulo: UNESP, p. 504-521.

2.1. Santidade histórica: a institucionalização pela Igreja Medieval;

2.2. Santidade histórica: carismas à margem da institucionalização;

- Leituras para as unidades 3 e 4: (1) SCHMITT, J. C. La fábrica de santos. *Historia Social*, Valencia, no. 5, p. 129-145, 1989; (2) GARCÍA DE LA BORBOLLA, A. La leyenda hagiográfica medieval: ¿una especial biografía?. *Memoria y Civilización*, Pamplona, n. 5, p. 77-99, 2005.

3.1. Crítica e ciência sobre o fenômeno da santidade;

4.1. Como estudar a santidade? O estudo das hagiografias;

4.2. Como estudar a santidade? O estudo das imagens;

4.3. Como estudar a santidade? O estudo de escritos biográficos;

5. Santos hoje? Sobrevivências e fantasmas da santidade.

Bibliografia:

DUBOIS, D. J.; LEMAITRE, J. L. *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*. Paris: Cerf, 1993.

LUNGO, U. *La Santità Medievale*. Roma: Jouvence, 2006.

VAUCHEZ, A. *La Santità nel Medioevo*. Bologna: Il Mulino, 1989.

VAUCHEZ, A. *Tra Santi e Città. Luci e ombre del Medioevo*. Novara: Interlinea, 2019.

Minicurso 45

O pecado nefando, o clero e o Santo Ofício: análise sócio-histórica de padres homossexuais condenados pela Inquisição de Lisboa (século XVII).

Wallas Jefferson de Lima (Doutorando, UFPR)

Resumo:

Este minicurso analisa alguns processos inquisitoriais de clérigos acusados de praticar o chamado pecado de sodomia. Processados pela Inquisição de Lisboa, os variados casos inserem-se no panorama geral do governo da monarquia dual (1580-1640), da herança cultural tridentina e do alargamento do foro dos tribunais do Santo Ofício. Além das circunstâncias, dos detalhes confessionais, das denúncias e das condenações, vários debates bem mais amplos se delinearam nas referidas fontes como o foro especial dos clérigos, as particularidades da matéria no campo da justiça civil e eclesiástica além do uso de conceitos religiosos na justiça penal. O foco é trazer para o centro da narrativa algumas dessas problemáticas, destacando, em especial, casos particulares que chamaram bastante a atenção na época, como o de Santos de Almeida, clérigo que trabalhou na Capela Real durante boa parte do século XVII. A micro-história, que este minicurso toma como base metodológica, se fundamentará em uma pesquisa exaustiva das referidas fontes e será permeada por um movimento pendular que articulará, por um lado, a descrição densa de casos e, por outro, a leitura atenta aos detalhes e sutilezas da documentação. Quanto ao recorte espaço-temporal, abarca fatos ocorridos na cidade de Lisboa entre 1630 e 1646, mas pode-se alargar algumas análises para o contexto geral de Portugal no Seiscentos. Quanto ao recorte temático, o foco é a sodomia entre padres e sua relação com os poderes instituídos, especialmente a Inquisição, a Igreja Católica e a Justiça Civil.

Conteúdo programático:

Etapa 1: Contexto histórico: a Igreja, a Monarquia e a Inquisição no século XVII e a perseguição ao pecado de sodomia entre clérigos. (30 minutos).

Etapa 2: Sociologia dos sodomitas: análise dos perfis individuais, locais de trabalho e relações socioeconômicas dos clérigos sodomitas e seus cúmplices (30 minutos).

Etapa 3: As denúncias e as confissões: Leitura e análise de trechos específicos de alguns processos inquisitoriais de clérigos envolvidos com o pecado de sodomia (30 minutos).

Etapa 4: A prática jurídica: Análise da linha da evolução da criminalização das atividades sodomíticas em Portugal. Estudo de casos específicos de clérigos queimados pela Inquisição por práticas de sodomia (1 hora).

Total de horas previsto: 2h e 30 min.

Atividade: será disponibilizada a/o cursista alguns trechos de processos inquisitoriais do século XVII (em word) cuja função prioritária consiste em estimulá-lo(a) a realizar análises históricas, sociológicas e culturais que porventura possam ser extraídos desses documentos. A partir da leitura dos processos

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

inquisitoriais, o/a cursista deverá propor releituras dos casos e indicar a riqueza informacional que as fontes do Santo Ofício têm a oferecer ao estudo histórico dos clérigos sodomitas no século XVII.

Bibliografia:

BETHENCOURT, Francisco. História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália. Séculos XIV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOUVEIA, Jaime Ricardo. A Quarta Porta do Inferno. A Vigilância e Disciplinamento da Luxúria Clerical no Espaço Luso-Americano (1640-1750). Lisboa: Chiado Ed., 2015.

GOMES, Verônica de Jesus. Atos nefandos: eclesiásticos homossexuais na teia da Inquisição. 1. Ed. Curitiba: Ed. Prismas, 2015.

MOTT, Luiz. Justitia et Misericordia: a inquisição portuguesa e a repressão ao nefando pecado de sodomia. In: NOVINSKY, Anita; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (Orgs.). Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias e arte. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. São Paulo: Edusp, 1992. p. 703-738.

Minicurso 46

O monasticismo Antigo e suas fontes

Murilo Moreira de Souza (Mestrando, UFPR)

Andréia Rosin Caprino Taborda (Doutoranda, UFPR)

Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia (Doutoranda, UFPR)

Resumo:

O monasticismo, também conhecido por monacato, surgiu em meados do século III no mediterrâneo oriental com os primeiros assentamentos religiosos de pessoas que almejavam alcançar um modo de vida ascético e devoto a Deus, com inspiração nos passos de Cristo. A busca da perfeição e da comunicação com Deus exigia o desligamento das tentações terrenas, corporais e mentais, práticas que se configuraram em isolamento total desde indivíduos, ou, na medida em que a prática se popularizava, nas primeiras comunidades, monastérios, e por fim, nas regras monásticas. A historiografia tem revisitado o tema de tal forma que este tem se mostrado muito fértil para pesquisadores brasileiros, que observam na emergência do movimento a compreensão de fenômenos religiosos da atualidade. As fontes para o estudo desse tema são variadas, documentos que se mostram de grande potencial para entender o ideal monástico e que, em decorrência das especificidades de suas localidades e temporalidades, é possível perceber sua adaptação e modulação. Neste minicurso, abordaremos em um primeiro momento os principais fatores que levaram ao surgimento do movimento monástico, suas características e seu desenvolvimento, para, em seguida, analisarmos duas tipologias de fontes em específico: as epístolas e as vidas (biografias). Por fim, será possível entender como as mesmas contribuem para a ampliação do escopo de estudo do tema na historiografia atual.

Conteúdo programático:

1. Na primeira parte, serão introduzidas noções iniciais definindo o que é um asceta, um monge, seus princípios e a forma como eles vivem (sobretudo segundo a Regra de São Bento). Após, trataremos brevemente da biografia de alguns dos principais monges da Antiguidade (como Santo Antão, Santo Agostinho e outros) e dos conflitos com a Igreja até a incorporação institucional do monasticismo.
2. Em um segundo momento essas biografias serão aprofundadas, entendo a origem da tipologia da fonte, a importância destas para a historiografia hoje (perpassando pelo seu apagamento e retorno nas pesquisas historiográficas), as influências da literatura antiga e seus desdobramentos no período tardo antigo. Obras analisadas: Vida de Antão (por Atanásio), Vida de Paulo de Tebas (por Jerônimo) e Vida de Melânia, a Jovem (por Gerônimo).
3. Em um terceiro momento, analisaremos alguns elementos da epístola de número 22 de Jerônimo a Eustóquia, os quais abordam o ideal de vida ascético segundo a visão do autor e futuro monge. Ao momento de tal escrito (384 d.C.), Jerônimo encontrava-se em Roma e ensinava o modo de vida cristão, segundo o seu olhar, a um grupo de nobres mulheres romanas. A sua formação clássica está presente no pensamento e ensino do erudito, apontando para a multiplicidade e imbricamento de ideias, características importantes da tardo-antiguidade romana.

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

COLOMBÁS, García M. El Monacato Primitivo. 2 ed. Madrid: MMIV, 2004;

COX, Patricia. Biography in late antiquity: a quest for the holy man. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1983

FRIGUETTO, Renan. La comunidad monástica como sinónimo de sabiduría y santidad: los cenobitas y la regla monástica de Isidoro de Sevilla (siglo VII). Anuario del Centro de Estudios Históricos Profesor Carlos S. A. Segreti , v. 14, p. 145-155, 2016.

LEITE, Eduardo Silva. O cristianismo jeronimiano e as nobre mulheres de Roma: uma reflexão a partir das cartas de São Jerônimo. XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: História e democracia

Minicurso 47

A natureza em debate: olhares sobre as relações dos seres humanos com o meio ambiente na história

Moroni de Almeida Vidal (Graduando, Univille)
Julio Cesar Vieira (Mestrando, Univille)

Resumo:

Este minicurso, destinado aos estudantes, profissionais da área de História e demais interessados, abordará a temática das relações entre os seres humanos e a natureza, no recorte temporal do início do século XVI à atualidade. Nesse sentido, ao longo do minicurso serão mobilizados aspectos gerais da relação ser humano x natureza, as representações da natureza na cultura, a construção da ideia de patrimônio natural (nacional e mundial) e a dimensão política da natureza na atualidade. Sublinha-se, portanto, que a natureza, como categoria de pesquisa e análise, esteve em diferentes contextos atrelada às dimensões utilitaristas e associadas a reivindicação científica do caráter racionalista e civilizatório do indivíduo. Desse modo, quando mobilizada nos estudos das Ciências Humanas, teve como característica principal seu papel de subordinação perante a atividade humana. Assim, este minicurso se apresenta como esforço de debater e indicar caminhos possíveis para um outro olhar sobre a natureza, apontando sua relevância como categoria de pesquisa, considerando seu potencial de ressignificação das relações dos seres humanos na história. Destacamos ainda, que as discussões do minicurso terão como referenciais teóricos principais: o livro “O homem e o mundo natural” do historiador Keith Thomas, o artigo “A ideia da natureza como patrimônio: um percurso histórico”, da historiadora Cynthia Roncaglio, o artigo “Natureza e cultura: sentidos da diversidade” do antropólogo, Felipe Sussekind e o ensaio “Ideias para adiar o fim do mundo” do ambientalista Ailton Krenak.

Conteúdo programático:

Conteúdo programático:

- 1ª Módulo - As relações entre seres humanos e natureza: aspectos gerais.
- 2ª Módulo - Representações da natureza na cultura: possibilidades destes diálogos.
- 3ª Módulo - A fabricação da natureza enquanto patrimônio: perspectivas nacionais e mundiais.
- 4ª Módulo - Dimensão política da natureza na atualidade: precariedade em pauta.

Metodologia: O minicurso será realizado virtualmente e disponibilizado no Youtube, a partir da organização em quatro módulos temáticos. Cada módulo será abordado, a partir de um referencial teórico principal e referenciais complementares. Quanto aos recursos didáticos, serão utilizados: apresentação em slides, imagens, vídeos e sites. Ao final do minicurso será proposta uma atividade, em que os cursistas deverão buscar alguma fonte histórica (material ou imaterial) e identificar as relações entre natureza e cultura representadas nessa fonte. Além disso, os cursistas deverão

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

argumentar sobre a importância da fonte selecionada e do olhar voltado à natureza na produção do saber científico da História.

Bibliografia:

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RONCAGLIO, Cynthia. A ideia da natureza como patrimônio: um percurso histórico. *Desenvolvimento e meio ambiente*, n. 19, p. 111-128, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/14517/10888>. Acesso em: 23 jul. 2020.

SÜSSEKIND, Felipe. Natureza e cultura: sentidos da diversidade. *Interseções*, v. 20, p. 236-254, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/35915/25635>. Acesso em: 23 jul. 2020.

THOMAS, Keith. O predomínio humano. In: _____. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 21-69.

Desvelando a micro-história: metodologia e possibilidades

Prof. Dra. Raissa Gabrielle Vieira Cirino (UEG)

Resumo:

A micro-história e seus desdobramentos teórico-metodológicos tem chamado a atenção de pesquisadores de diferentes áreas desde a década de 60, momento em que se sucediam novas formações nas ciências humanas. A proposta de um novo “olhar” sobre o passado se consagrou pela divulgação de instigantes “experiências historiográficas”, que mantinham algumas premissas em comum: a interdisciplinaridade; a abordagem de novas fontes documentais; e a redução de escala, mas sem perder de vista a perspectiva “global”. Paulatinamente, a microanálise, como também é referenciada, ganhou mais adeptos, assim como críticos que auxiliaram a refinar seu arsenal teórico e metodológico. Não obstante, o forte caráter empírico e a ausência de uma cartilha delimitada ainda impõem algumas dúvidas e questionamentos acerca da micro-história. Nesse sentido, o presente minicurso busca retomar o contexto de criação e consolidação da microanálise com o objetivo de desvelar suas potencialidades para o ofício do historiador na atualidade. Em seguida, trataremos sobre a distinção (ou não) entre a teoria e a metodologia microanalítica a fim de buscar pistas de orientação para a sua aplicação. Finalmente, analisaremos as possibilidades de usos da micro-história em distintos contextos, temáticas e problematizações, enfatizando que tal abordagem dialoga (e tem dialogado) diretamente com as correntes historiográficas mais relevantes dos últimos anos, tanto no cenário nacional como internacional.

Conteúdo programático:

Através de um levantamento bibliográfico acerca da história da micro-história e de sua produção mais relevante (incluindo obras tradicionais e atuais), organizaremos uma apresentação de slides. A apresentação será feita a partir de uma exposição didática e registrada em dois vídeos de uma hora a serem gravados no Google meet. Logo após, os vídeos serão postados no canal de Youtube da proponente em acordo com o calendário pré-determinado pela organização do evento.

A apresentação seguirá o seguinte roteiro:

- Por que fazer micro-história? Um ponto de partida e reflexão
- Qual a história da micro-história? Contexto e características iniciais
- Micro-história é história? Críticas e debates
- Potencialidades da micro-história: entre o “macro” e o “micro”

Bibliografia:

BERTRAND, Michel. Historia Social y análisis micro histórico. Archivística y Estudios Sociales, Universidad de Costa Rica, vol. 6, n.º 17, ago./2012, p. 1-18.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

LEVI, Giovanni. A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Trad.: Cynthia Marques de Oliveira.

LIMA, Henrique Espada. A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2006.

REVEL, Jacques (org.). Jogo de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Minicurso 49

História oral: pesquisa, ensino e diálogos interdisciplinares

José Evanes Brasil Júnior (Mestre, UFC)

Resumo:

Este minicurso tem por objetivo fomentar um debate introdutório acerca da pesquisa em história em oral. Para tanto, serão abordados os conceitos de fontes orais e seus usos ao longo do tempo, destacando-se a chamada história oral na contemporaneidade. Além disso, serão abordados os usos e abusos da história oral (FERREIRA & AMADO, 2006), bem como as perspectivas recentes da pesquisa em história oral no Brasil. Também serão tratadas as relações entre história oral e narrativa, destacando o falar, o ouvir, o ver e o imaginar. Busca-se propor, ainda, reflexões sobre o trabalho com a história oral em sala de aula, apontando experiências de ensino com alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental. Por fim, trabalharemos possibilidades de diálogos entre a história oral e o campo das políticas públicas, destacando suas contribuições para a construção de indicadores socioculturais. Isto porque deseja-se apresentar a experiência de pesquisa desenvolvida pelo proponente deste minicurso ao longo de dois anos no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP/UFC) em Fortaleza-Ceará (BRASIL JÚNIOR, 2020). Acredita-se na possibilidade de um diálogo enriquecedor entre os participantes do minicurso, pois o que caracteriza a história oral é uma relação dialógica (PORTELLI, 2016). Para este minicurso foi selecionada uma vasta bibliografia de pesquisas em história oral. O minicurso também contará com a leitura de fontes e a escuta de entrevistas. Espera-se contribuir para a ampliação de pesquisas acadêmicas em história oral, bem como refletir sobre seus usos em sala de aula e na elaboração de políticas públicas.

Conteúdo programático:

- Fontes orais: definições;
- As fontes orais na Antiguidade, no Medievo e na Modernidade;
- As fontes orais na contemporaneidade;
- História oral: definições, usos e abusos;
- História oral e narrativa: o falar, o ver, o ouvir e o imaginar;
- História oral e o ensino de História na educação básica;
- História oral e políticas públicas: uma articulação possível.

Bibliografia:

ALBERTI, V. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

BRASIL JÚNIOR, J. E. Políticas de requalificação urbana na orla marítima do bairro Praia de Iracema: uma avaliação de políticas públicas através da construção de indicadores socioculturais a partir da história oral. Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2020.

FERREIRA, M & AMADO, J (org.). Usos e abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PORTELLI, A. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

Minicurso 50

Uma Introdução à Geopolítica Chinesa

Daniel Nunes Ferreira Junior (Mestrando, UEM)

Resumo:

O minicurso buscará apresentar de forma horizontal as bases que sustentam a geopolítica chinesa do período Xi Jinping. Para esse fim, nosso recorte temporal será, justamente, a temporalidade onde esse estadista vem sendo o líder da política chinesa, 2013-2020. Iremos abordar: a forma de analisar as ações chinesas, que diferente muito do *modus operandi* ocidental; os imperativos que equacionam as ações chinesas, que na nossa visão, são os valores de segurança e estabilidade; a formação de uma zona de segurança primária, que visa assegurar a soberania chinesa; em seguida voltaremos o olhar para a construção de um núcleo duro de poder chinês, que vem sendo manufaturado na Ásia e visa sustentar o desenvolvimento chinês assim como servir de trampolim para o próximo passo; a hegemonia sinocêntrica global, que é o objetivo da geopolítica chinesa, se tornar a maior potência do globo a partir de uma estrutura sólida que possa mantê-la nesse patamar. Por fim, iremos abordar brevemente a metodologia empregada nas análises assim como uma reflexão das fontes, bibliografia, e os limites que a pesquisa encontrou.

Conteúdo programático:

Será dividido em 4 partes:

I - O Modo Chinês de Fazer Política.

II - A Formação de uma Zona de Segurança Primária.

III - A Conquista da Ásia

IV - A Formação do Sistema Sinocêntrico Global

Metodologia:

História Política - História do Tempo Presente - Histórica-Geopolítica - Realismo Político.

Bibliografia:

KISSINGER, Henry. *On China*. London: Penguin, 2011.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *The geostrategic triad: living with China, Europe, and Russia*. Washington: CSIS, 2001.

JACQUES, Martin. *When China Rules The World*. Penguin Books, London, 2009.

FERREIRA JUNIOR, Daniel Nunes. *Entre Mahan e Mackinder: a geopolítica chinesa no início do século XXI*. In: Congresso Internacional de História, IX. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2019.

Minicurso 51

“Conversas” sobre o uso da imprensa periódica como documento para a pesquisa em História Cultural e História do Tempo Presente

Cássio Michel dos Santos Camargo (Doutorando, UFRGS)
Ricardo Costa de Sousa (Pos-doutorando, UNOESC)
Adriana Romero Lopes (Doutoranda, UFRGS)

Resumo:

De modo geral, o presente mini-curso tem por objetivo “conversar” sobre o processo de construção e produção de documentos para pesquisa no campo da História Cultural e do Tempo Presente, quando essas adotam como objeto de pesquisa a imprensa periódica. Esse também se propõe a discutir a potencialidade do estudo de impressos periódicos produzidos em escala artesanal e industrial no país durante o século XX e XXI, que tem suas textualidades disponíveis em formato digital. Com base nesses pressupostos, buscamos refletir sobre produção desses documentos a partir do debate de dois conceitos, tomados, como pressupostos metodológicos, que se correlacionam com a produção da escrita da história, o primeiro de operação historiográfica (CERTEAU, 1982) e o segundo correlacionado ao paradigma indiciário (GINZBURG, 1990). No tocante dos temas memoriais correlacionados a História do Tempo Presente, iremos destacar os conceitos de memória cultural e de Dever de Memória. A respeito da História Cultural, procuraremos discutir os documentos enquanto documentos e/ou fragmentos verossímeis da cultura. Nesse processo iremos apresentar arquivos e repositórios físicos e digitais que possuem em seus acervos de impressos periódicos dentro do recorte já explicitado. No contexto da atual pandemia, esse mini-curso também se propõe a debater as potencialidades do uso de acervos digitais na pesquisa em História.

Conteúdo programático:

Aula expositiva dialogada, em forma de um bate-papo entre os palestrantes gravadas em blocos com duração de 30 minutos.

Parte I - Uma breve conversa sobre as aproximações da História Cultural e a História do Tempo Presente

Parte II - A Memória, Dever de Memória e seus desdobramentos para a pesquisa em História

Parte III - A Operação Historiográfica e o Paradigma indiciário como guias metodológicos

Parte IV - A Imprensa Periódica como objeto de pesquisa

Parte V - Arquivos e Acervos disponíveis para o acesso digital

Bibliografia:

BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (organizadoras). Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

CERTEAU, M. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Minicurso 52

Negacionismo e revisionismo histórico na série “Brasil: a Última Cruzada”

Murilo Prado Cleto (Doutorando, UFPR)

Resumo:

Fundada em 2016, a Brasil Paralelo se notabilizou, nos últimos anos, como uma das principais referências intelectuais das novas direitas brasileiras envolvidas no que se convencionou chamar de “guerra cultural”. Em 4 anos de existência no YouTube, a produtora contabilizou mais de 67 milhões de visualizações e 1,3 milhão de inscritos. O objetivo deste minicurso é discutir quais usos uma de suas séries documentais, “Brasil: a Última Cruzada”, faz do passado, como ela se relaciona, em linhas gerais, com as tradições historiográficas nacionais e em que medida o seu conteúdo pode se identificar com as práticas denominadas revisionistas ou negacionistas no presente. Nesse sentido, as aulas também se debruçam sobre as condições políticas, sociais e materiais em que esses vídeos são produzidos, o que inclui debates, em maior ou menor profundidade, acerca da ascensão das novas direitas no Brasil contemporâneo, os conceitos de “negacionismo” e “revisionismo”, das questões para uma história do tempo presente e também do manejo de fontes audiovisuais, especialmente o YouTube, na pesquisa histórica.

Conteúdo programático:

AULA 1 (1 hora)

- 1.1) Introdução: apresentação do minicurso, objetos e objetivos
- 1.2) Considerações acerca da noção de “negacionismo”
- 1.3) O fazer historiográfico entre a revisão e o revisionismo

Aula 2 (1 hora)

- 2.1) A ascensão das novas direitas no Brasil contemporâneo
- 2.2) Um panorama sobre a atuação das novas direitas no debate público
- 2.3) Brasil Paralelo: uma introdução

Aula 3 (1 hora)

- 3.1) O cinema e o Youtube como fontes históricas
- 3.2) Considerações acerca do YouTube como plataforma de discursos políticos
- 3.3) Questões para uma história do tempo presente

Aula 4 (1 hora)

- 4.1) “Brasil: a última cruzada”: apresentação
- 4.2) O revisionismo da Brasil Paralelo e as tradições historiográficas nacionais
- 4.3) Considerações finais: os desafios da história acadêmica e do pensamento científico no século XXI

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Bibliografia:

BOSCO, Francisco. Da cultura à política. In: _____. A vítima tem sempre razão?: Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2017. p. 31-54.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 235-289.

TÉTARD, Philippe; CHAUVEAU, Agnès (orgs.). Questões para história do tempo presente. Bauru: Edusc, 1999.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Os assassinos da memória: “um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papyrus, 1988.

Minicurso 53

História em movimento: o gênero televisivo das mesas redondas esportivas nos anos 1980

Helcio Herbert Moreira da Silva Neto (Doutorando, UFPR)

Resumo:

As mesas redondas sobre esportes na TV se legitimaram como um espaço privilegiado para a discussão acerca do tema. O objetivo do minicurso é lançar um olhar sobre esses debates esportivos no Brasil durante a década de 1980. Nesse período, a redemocratização impõe mudanças de ordem política determinantes. No entanto, não são apenas as transformações no contexto social que reconfiguram os debates travados no ar. No campo esportivo, houve a consolidação do Campeonato Brasileiro. No audiovisual, em contrapartida, as cadeias nacionais e novas tecnologias de distribuição foram inseridas na produção televisiva. Isso justifica a utilização do conceito de gênero televisivo.

A noção, tal como adotada aqui, permite observar as dinâmicas que ocorrem nas grades de programação. Em vez de buscar a essência dos gêneros televisivos, essa perspectiva tem a intenção de compreender como a audiência, a produção dos canais e a cobertura especializada na imprensa avaliam, interpretam e classificam o que é transmitido aos telespectadores. O horizonte de pesquisa descortinado, assim, está mais próximo de autores que não enxergam o desencadear dos fatos de maneira linear ou que conferem estabilidade aos acontecimentos. A partir desse prisma, será possível ainda acompanhar atravessamentos políticos que ocorrem durante a argumentação dos participantes. A abordagem vai auxiliar na compreensão da conjuntura social e das particularidades do media como objeto de estudo.

Conteúdo programático:

O minicurso será iniciado com a breve contextualização sobre as alterações com que a produção televisiva conviveu. A década de 1980 é marcada por mudanças decisivas para o gênero televisivo das mesas redondas sobre esportes, que se concentram em três eixos: o político, com o arrefecimento da censura, a derrocada da Ditadura Militar e a criação de marcos institucionais com a Constituição de 1988; o esportivo, com as disputas no calendário entre os torneios estaduais e o campeonato nacional; e o de distribuição, com a maior facilidade de exibir videoteipes e transmitir programas ao vivo de lugares diferentes.

Para fins metodológicos, os alunos poderão assistir a um trecho do programa Toque de Bola, da TV Manchete, de 1988. No fragmento, estão presentes elementos que possibilitam o diálogo com essas três dimensões. A mesa redonda possibilita também uma discussão introdutória a respeito do comentário esportivo. A prática é o que sustenta as discussões travadas pelos participantes. No entanto, a relação com as demais atividades jornalísticas é tensa, uma vez que as análises dos comentaristas não seguem protocolos mais rígidos, como as do jornalismo impresso. O ato de comentar tem como prerrogativa uma forma específica de engajamento que, no caso do país,

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

apresenta conexões fortes com manifestações de nacionalismo. A vinculação entre a postura dos integrantes de mesas redondas esportivas na TV e a seleção brasileira reforça isso.

Bibliografia:

NETO, Helcio Herbert. Liberdade Interpretativa e Jornalismo Esportivo no Brasil: um Universo para Pesquisa. VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano, 2018. Anais..., Niterói, p. 532-541, 2018.

_____. Mittel, Foucault e Nietzsche - Cultura, Genealogia e História. Revista Aproximação, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19-36, 2020.

_____. Neymar Challenge: Mesas Redondas Esportivas na TV sob Desafio. Revista GEMInIS, São Carlos (UFSCar), v. 10, n. 3, pp. 55-76, 2020.

_____. Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

Minicurso 54

Fascismo: ascensão, governo, decadência e suas marcas na sociedade

Heitor Esperança Henrique (Doutorando, UFPR)

Resumo:

Resumo: o objetivo deste minicurso é demonstrar o que é o fascismo e como ele surgiu na Europa após a Primeira Guerra Mundial. Tal movimento se constituiu em regimes de governos autoritários, tendo os seus principais destaques na Itália e na Alemanha entre as décadas de 1920 e 1940, e em outros países com menor intensidade. A experiência do Fascismo nestes países levou a uma guerra mundial e suas consequências são sentidas na sociedade até os dias atuais. Também pretende-se demonstrar neste trabalho a sua delimitação política no espectro da direita, bem como a memória deste regime autoritário permaneceu, ganhando adeptos em todo o mundo 80 anos depois e constituindo fortes partidos políticos no mundo atual com várias de suas características nos principais governos do mundo.

Palavras-chaves: Fascismo; autoritarismo; Período Entre-guerras.

Conteúdo programático:

Conteúdo programático:

- 1 - Definição de Fascismo;
- 2 - Surgimento dos movimentos fascistas na Europa;
- 3 - O Fascismo no poder;
- 4 - Consequências do Fascismo no poder;
- 5 - Fascismo no século XXI? No Brasil?

Metodologia:

Vídeos que retratem os temas propostos com o uso de slides e uma atividade final de avaliação de compreensão de conteúdo.

Bibliografia:

HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991. SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. in: Reis Filho, Daniel Aarão et. Al l. O Século XX. O Tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000, p.109-164.

Minicurso 55

A História Intelectual e o Mundo Antigo: considerações teóricas

Edjalma Nepomoceno Pina (Mestranda, UFES)

Resumo:

Apesar da raiz etimológica remontar ao Mundo Antigo, o conceito de intelectual como conhecemos não existia na Antiguidade. Aristóteles, por exemplo, pensou em virtudes intelectuais, um tipo de saber em contraposição aos saberes ligados a materialidade, como a *techné*. Desta forma não existiria o intelectual como categoria de indivíduo, mas sim conhecimentos intelectuais. Este princípio choca-se com a noção contemporânea que comumente associa os intelectuais às universidades, embates ideológicos ou a abordagem dos campos de Pierre Bourdieu. Somado ao fato da atuação de filósofos romanos destoar das práticas do intelectual moderno, essa problemática exige alguns cuidados conceituais por parte do quem mira escrever uma história desses pensadores sob a ótica da história intelectual. Para o minicurso que ora se apresenta, propôs-se pensar em que medida a trajetória dos filósofos romanos, em especial no Principado, traduz o contraste entre as concepções antigas e modernas sobre o que é ser um intelectual, de modo a demonstrar a historicidade deste conceito.

Conteúdo programático:

Parte 1:

- a concepção antiga de saberes intelectuais
- a condição social da filosofia e do filósofo nos primeiros séculos do Império

Parte 2:

- um estudo de caso: Apuleio de Madaura
- o intelectual antigo e moderno: limites e possibilidades de um conceito

Bibliografia:

KRAUT, Richard (org.). Aristóteles: ética à Nicômaco. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHARLE, Christophe. Nascimento dos intelectuais contemporâneos. *Historia da educação*, v. 7, n. 14, p. 141-156, 2003.

DA SILVA, Helenice Rodrigues. Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

GAISSER, J. H. Apuleius: A Celebrity and His Image. In: _____ The fortunes of Apuleius and the Golden ass. New York: Princeton University Press, 2008, p. 1-39.

Minicurso 56

História das Instituições Científicas no Brasil – Séculos XIX e XX

Olivia da Rocha Robba (Doutoranda, USP)

Resumo:

Este curso tem como objetivo apresentar a temática da História das Instituições Científicas no Brasil criadas ao longo dos séculos XIX e XX, suas origens e importância para a construção e desenvolvimento do conhecimento científico no país.

Para tanto, o aluno terá contato com as principais bibliografias e discussões referentes ao tema, tais como a importância da História da Ciência como objeto de investigação da história; Os principais atores sociais envolvidos neste processo, seu contexto social, político e econômico e a função privilegiada da construção do saber e do fazer ciência na construção da identidade nacional.

Conteúdo programático:

Conteúdo Programático:

Aula 1 - Discutir a História das Instituições como um conceito e objeto da história da ciência no Brasil.

Aula 2 - Historicizar o processo de construção das principais instituições científicas do Brasil no séc. XIX e XX;

Aula 3 - Apresentar e discutir as principais bibliografias que abordam o tema da História das Instituições Científicas no Brasil neste período;

Aula 4 - Continuação com ênfase nas instituições científicas do sul do Brasil, em específico, do Paraná.

Bibliografia:

FIGUEIRÓA, Silvia F. M. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX). *Asclépio*, v. 50, n. 2, p. 107-123, 1998.

_____. Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina. Campinas: Ed. UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

DANTES, Maria Amélia M. Espaços da Ciência no Brasil, 1800-1930. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 13-22.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica. Os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Minicurso 57

Introdução à História da Ciência

Olivia da Rocha Robba (Doutoranda, USP)

Resumo:

O propósito do curso é o de apresentar e discutir algumas das principais perspectivas teóricas que compõem a historiografia das ciências no século XX. Enquanto campo interdisciplinar, a história das ciências dialoga com diferentes tipos de abordagens oriundas da sociologia, da história e da filosofia. Portanto, os temas e os problemas da historiografia das ciências estão diretamente associados aos debates a respeito das origens históricas da ciência moderna, dos fundamentos epistemológicos do conhecimento científico, bem das bases sócio-cognitivas e da natureza coletiva das práticas científicas. Procura-se enfatizar as principais contribuições dessas abordagens de modo a pensar as ciências a partir dos atores sociais, instituições, saberes, práticas e valores aos quais elas estão referidas no processo histórico de sua conformação e demarcação como campo específico da vida social.

Conteúdo programático:

Aula 1 - História da Ciência: Fundamentos de uma disciplina;
Aula 2 - A Revolução Científica e as origens da Ciência Moderna;
Aula 3 - A dimensão institucional da Ciência;
Aula 4 - A construção de Fatos Científicos;

Bibliografia:

1. SHAPIN, Steven (1999). A revolução científica. Lisboa: Difel - Difusão Editorial, 1999.
2. GAVROGLU, Kostas (2007). Passado das Ciências como História. Porto: Porto Editora, 2007. Capítulos 1 e 2, pp. 17-111.
3. KUNH, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo, Editora Perspectiva, 1987 [1952].
4. LATOUR, Bruno. Ciência em Ação, São Paulo, Unesp, 2000.

Minicurso 58

Amar na Idade Média: Cartas de Amor entre Heloísa e Abelardo

João Pedro da Luz Neto (Doutorando, UFPR)

Resumo:

O casal Heloísa-Abelardo é célebre pela história de amor protagonizada em pleno século XII. Comparados aos modelos literários do fin'amour, o amor dos dois, bastante real, encontra-se com os modelos da mulher inacessível, desejada e autônoma, comuns na literatura trovadoresca. Ao amor, soma-se a tragédia: em se tratando de um amor transgressor aos costumes da época (já que fora do matrimônio), Abelardo foi punido com a castração. Anos após este acontecimento, uma carta autobiográfica, escrita por Pedro Abelardo, dá início a uma breve correspondência amorosa, marcada pelos desejos, memórias e angústias.

Este curso tem como objetivo apresentar, de modo introdutório, o conteúdo das cartas pessoais, tanto nos aspectos mais biográficos, quanto nos aspectos filosóficos que marcam a cosmovisão de cada um. Será abordado, ainda, o contexto mais amplo do fin'amour e do século XII, de modo a tornar mais fácil a compreensão do casal em sua dinâmica espaço-temporal, e, finalmente, a repercussão que o drama do casal ganhou ao longo dos séculos, até o presente momento.

Conteúdo programático:

- 1 O mundo do século XII
- 2 A temática do fin'amour
- 3 A Correspondência
 - 3.1 Edições principais
 - 3.2 Numeração das cartas
 - 3.3 Problema da autenticidade
- 4 As personagens: Abelardo e Heloísa
- 5 O conteúdo das cartas
- 6 Heloísa, filósofa
- 7 Repercussões ao longo dos séculos

Bibliografia:

ABELARDO - HELOÍSA. Cartas: as cinco primeiras cartas traduzidas do original apresentadas e comentadas por Zeferino Rocha. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.

GILSON, E. Heloísa e Abelardo. São Paulo: Edusp, 2007.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

LUZ NETO, João Pedro da. Abelardo e os singulares: a resposta do Palatino à querela dos universais em sua obra *Logica Ingredientibus*. Dissertação - UFPR. Curitiba, 2018.

VILELA, O. O drama Heloísa-Abelardo. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

Minicurso 59

Um reflexo turvo da realidade: indígenas, imagens e discursos anti(coloniais)

Maria Claudia Gorges (Doutoranda, UTFPR)
Marcio Marchioro (Mestre, UFPR)

Resumo:

A proposta deste minicurso consiste em trazer uma abordagem da representação da imagem do indígena no cinema ao longo da história, com aportes da historiografia e da sociologia da imagem. Compreendemos que a imagem, a partir de Rivera Cusicanqui (2015) e Stuart Hall (2016), não pode ser apreendida apenas como reflexo da realidade, ou como intencional (relação que expressa somente o que o falante, cineasta quer dizer), pois ela é atravessada pelas relações sociais. Sendo assim, as imagens nos oferecem interpretações e narrativas sociais, isto é, são peças hermenêuticas que nos oferecem perspectivas de compreensão crítica da sociedade. Neste sentido, nossa proposta consiste em problematizar as representações do indígena, produzidas desde a Comissão Rondon até o contexto atual, pensando-as ao lado de seus contextos, caminho que é permeado pela discussão em torno dos “processos de identificação” (RIVERA CUSICANQUI, 2015), os quais estão atrelados à construção tanto da representação quanto da autorrepresentação da imagem do indígena.

Conteúdo programático:

A representação do indígena no período da Primeira República (Comissão Rondon)
A representação do indígena no período da Ditadura (Cinematografia de Andrea Tonacci)
A representação do indígena no período da Constituinte (Projetos de Vídeo entre os indígenas Kayapó)
A representação do indígena na contemporaneidade (Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI))

Bibliografia:

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, 2016.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. O governo dos índios sob a gestão do SPI. In. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires, Tinta Limón, 2015.

VALENTE, Rubens. Os fuzis e as flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura. Editora Companhia das Letras, 2017.

Minicurso 60

Historiografia e Digitalidade: breve história das plataformas digitais

Luiz Alexandre Pinheiro Kosteczka (Doutorando, UFPR)

Resumo:

Em 1968, Emmanuel Le Roy Ladurie professava que os historiadores do amanhã deveriam ser programadores. Na atualidade, as inúmeras atividades que envolvem a operação historiográfica são estruturadas pelas programações de códigos e algoritmos facilitadores das interações entre os homens e as máquinas. Certamente, a possibilidade da aceleração da computação de dados causou impactos na pesquisa histórica, contudo a profecia do historiador francês não parece ter se realizado em sua plenitude. A programação de dados ainda é um lugar enigmático para o ofício de historiador, demanda-se, assim, interrogar os “não-ditos” das várias formas de compreensão do passado no contemporâneo das tecnologias digitais, a exemplo: 1. a virtualização do lugar social dos historiadores e suas práticas de pesquisa nos arquivos, nas bibliotecas e bases de dados digitais e nas possibilidades de ensino online; 2. a virtualização da escrita acadêmica em softwares de edição de texto e suas possibilidades colaborativas, dos trabalhos interinstitucionais às dinâmicas do peer review e da classificação algorítmica dos periódicos. Objeto de reflexão da “história digital” e do amplo campo das “humanidades digitais”, esse complexo de operações historiográficas ocorre em meios estruturados conhecidos como plataformas. São nessas superfícies interativas que os códigos e algoritmos performam e conferem materialidade às relações dos historiadores com a digitalidade. Assim, esse minicurso pretende avançar para o entendimento da história dessas estruturas e suas implicações para o pensar a história, desde o fenômeno da internet, passando pela gerência estatal das atividades acadêmicas, chegando às relações das universidades com as grandes companhias tecnológicas, conhecidas como as Big Tech.

Conteúdo programático:

O minicurso será expositivo gravado previamente e carregado em plataforma de acesso ao conteúdo online. Além da apresentação da bibliografia selecionada, haverá a utilização de recursos gráficos e audiovisuais compartilhados em tela.

O minicurso se dividirá em três momentos:

1. Exposição de uma história das plataformas:

As origens da internet, o conceito de plataforma e o que são as Big Tech.

2. Exposição das relações entre escrita de história nas plataformas:

Ofertar um panorama dos problemas envolvendo a história digital e brevemente apresentar uma historiografia a respeito do tema.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

3. Refletir a respeito das implicações daquilo que se chama plataformação das redes e seus problemas para a história e a operação historiográfica.

Bibliografia:

DIJCK, José van;Thomas; WAAL, Martijn de. The platform society. New York: Oxford University Press, 2018.

MOROZOV, Evgeny. Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política. Tradução de Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. 1. ed. São Paulo: Edições SESC-SP, 2019. v. 1. e-book.

ZUBOFF, Shoshana. The Age of Surveillance Capitalism The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power (1st ed.). Public Affairs, 2019.

Minicurso 61

Encarceramento político na ditadura civil-militar (1964-1985) a partir de uma perspectiva de gênero

Maria Eduarda Magro (Mestranda, UFRGS)
Ayssa Yamaguti Norek (Doutoranda, Emory University)

Resumo:

Muitos foram os dispositivos de se produzir sofrimento na ditadura civil-militar brasileira. Entre essas práticas, marcadas por graves violações aos direitos humanos, encontramos o encarceramento político. O aprisionamento em instituições prisionais configurou-se como a última instância formal de uma longa cadeia de repressão, que envolvia perseguições, apreensões, sequestros, torturas e desaparecimentos. Ainda que utilizados pelo aparato do governo para detenções de perseguidos/as políticos/as, apenas recentemente os presídios e penitenciárias passaram a ser mais abordados pela historiografia, tendo em vista a predominância de estudos sobre detenções em locais utilizados majoritariamente para tortura (como os diversos DOPS e a OBAN, por exemplo). Pensar o cárcere político para além desses lugares propõe um deslocamento do olhar que amplia as formas de se fazer torturar.

O presente minicurso abordará o encarceramento político em instituições prisionais sob um viés de gênero. Entendendo os atravessamentos impostos pela construção binária dos papéis de gênero, buscamos focalizar as especificidades das experiências vividas por opositoras à ditadura que foram seviciadas por serem presas políticas e, também, por serem mulheres. Dessa forma, o minicurso tem como objetivo traçar um panorama das principais discussões concernentes ao encarceramento político em instituições prisionais e às vivências de presas políticas em penitenciárias. Estudaremos as características que definem os diferentes lugares utilizados para aprisionamento político na ditadura; os fluxos de encarceramento ao longo do regime; as produções historiográficas sobre o tema; os perfis das mulheres que foram presas políticas; as experiências delas em presídios; e todos os meandros que decorrem destes eixos elencados.

Conteúdo programático:

Minicurso com 4 horas de duração, em gravações com participação simultânea das duas ministrantes, utilizando o recurso de apresentações de slides.

Estruturado em 4 eixos centrais, que são subdivididos em tópicos específicos:

1. Lugares de aprisionamento e repressão na ditadura (30 minutos):

- a) Cadeia repressiva e os centros de detenção;
- b) Processos de encarceramento de presos políticos: como o número de presos políticos mudou de acordo com o período.

2. O que se produziu sobre prisões políticas na ditadura-civil militar brasileira? (30 minutos):

- a) Bibliografia sobre presídios políticos;
- b) Bibliografia sobre presídios políticos e mulheres.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

3. Os presídios (1 hora e 30 minutos):

- a) Diferença na concepção dos presídios: feitos para homens, utilizados para abrigar mulheres;
- b) Características e lógicas próprias dos presídios;
- c) Diferenciação das estruturas das instituições prisionais;
- d) Lógica por trás do encarceramento político: todos são presídios, mas as formas de aprisionamento não são iguais;
- e) Separação: presos políticos e presos "comuns".

4. As presas políticas e a experiência prisional (1 hora e 30 minutos):

- a) Quem são as presas políticas e qual a sua trajetória de atuação política;
- b) Breve reflexão sobre o lugar social e o silêncio em relação às mulheres de outras classes, raças e orientações sexuais;
- c) Onde o gênero se enquadra nesta discussão;
- d) Violações e violências;
- e) Solidariedade, afetividade e vida rotineira dentro dos presídios;
- f) Entrada e saída da prisão.

Bibliografia:

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. Mulheres, militância e memória. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

BRASIL. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Parte III - Métodos e práticas nas graves violações de direitos humanos e suas vítimas. Cap. 8 - Detenções ilegais e arbitrárias. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/documentos/Capitulo8/Capitulo%208.pdf> Acesso em: 16.07.2020

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. "O apoio como setor e como gesto: as redes subterrâneas da militância". In: Experiência de luta na emancipação feminina: mulheres da ALN. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26042012-163246/publico/2011_MariaClaudiaBadanRibeiro_VRev.pdf . Acesso em: 16 jul. 2020.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F. Mulheres e militância no Espírito Santo: Encontros e confrontos durante a ditadura militar. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3151/1/tese_447_.pdf Acesso em: 16.07.2020.

Minicurso 62

Adaptação e uso de jogos no Ensino de História

Lair Amaro dos Santos Faria (Doutor, UFRJ)

Resumo:

Há muito que o ensino de História deixou de ser a mera memorização de nomes, eventos e datas importantes. Avanços historiográficos e reflexões acerca dos processos de ensino-aprendizagem motivaram reavaliações sobre os métodos aplicados em sala de aula. No bojo dessas reavaliações, a criação e a utilização de jogos, analógicos ou virtuais, vem sendo adotadas com resultados significativos.

O minicurso se propõe discutir o uso de jogos no ensino de História escolar.

Conteúdo programático:

1. O processo ensino-aprendizagem ou por que os alunos (não) aprendem História?
2. Escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI
3. Criando, adaptando e usando jogos no ensino de História
4. A ditadura civil-militar como evento propício para o uso de jogos

Bibliografia:

BITTENCOURT, C. M. F. (2008). Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez.

PINSKY, J. (1994). O Ensino de História e a Criação do Fato. São Paulo: Contexto.

Minicurso 63

Pinceladas historiográficas: uma introdução ao pensamento feminista

Flora Morena Maria Martini de Araujo (Doutora, UFPR)
Fernanda Ribeiro Haag (Doutoranda, USP)

Resumo:

Vivenciamos tempos em que os feminismos estão em pauta. Este fenômeno contemporâneo é abordado por Heloísa Hollanda e denominado “Explosão Feminista”. Explosão que se dá em novas formas de organização autônomas, horizontalizadas, baseadas nas experiências e narrativas de si. Assim, os movimentos feministas alcançaram uma amplitude jamais verificada, não estando mais reduzidos aos grupos universitários e/ou intelectualizados. Mas afinal, o que é o feminismo? O feminismo é também teórico? O que é a crítica feminista e qual seus pressupostos?

É buscando responder estas e outras perguntas que este minicurso foi pensado, a partir dos apontamentos, conceitualizações e metodologias da História Social e Cultural, e amparado nos Estudos de Gênero e na Crítica Feminista. Nele, suas proponentes, irão fazer uma análise historiográfica sobre a formação do pensamento feminista, refletindo como da ação política, dos embates dos movimentos sociais, este debate se constituiu também enquanto um importante espaço de crítica do pensamento ocidental, que, através do olhar crítico de suas teóricas, contribuiu para desnaturalização de práticas profissionais, artísticas e esportivas. E tem demonstrado que, apesar de historicamente muitos indivíduos terem declarado ao contrário, o gênero - assim como classe e raça - foi uma importante marca para a formação da episteme moderna.

Desta forma, visando contribuir para as reflexões acerca do pensamento feminista e sua historicidade, esta oficina busca fornecer subsídios para novas reflexões e interpretações do movimento, bem como sua difusão em diversos espaços e áreas do saber. Devido à estrutura e carga-horária reduzidas recortes foram necessários, assim, serão apresentados dois campos para pensarmos a inserção do pensamento feminista: a literatura e o esporte. Para finalizar será feito um convite para refletirmos e realizarmos um balanço inicial acerca dos feminismos contemporâneos.

Conteúdo programático:

1. Feminismos: breve histórico e principais debates
 - 1.1 Apresentação e contextualização do debate;
 - 1.2 O contexto dos anos 60 e 70: os movimentos de contra cultura;
 - 1.3 O feminismo da segunda onda: propostas e debates;
2. Estudos feministas na academia
 - 2.1 Simone de Beauvoir e a crítica ao sujeito universal;
 - 2.2 Da História das Mulheres aos Estudos de Gênero;
 - 2.3 Os Estudos de Gênero na virada do século e a Teoria Queer;
3. Literatura
 - 3.1 A formação do cânone;

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

- 3.2 A escrita de mulheres: Uma questão biológica?;
- 3.3 A crítica literária feminista;
- 4. Esporte
 - 4.1 Feminismo e esporte: uma relação tardia?;
 - 4.2 Gênero e esporte: breve balanço historiográfico;
 - 4.3 “Explosão feminista” chega ao esporte;

Bibliografia:

- GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Tempo*, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- _____. RJ *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1994.
- MOI, Toril. *Teoria Literária Feminista*. Madri: Cátedra, 1988.

Minicurso 64

Carnavalização do cotidiano: O Carnaval como tema de pesquisa

Emerson Porto Ferreira (Doutorando, Unesp)

Resumo:

A seguinte proposta de minicurso visa promover uma reflexão sobre o carnaval brasileiro, seja no seu ponto de vista histórico até o âmbito educacional, antropológico, político e social. Estudar o carnaval brasileiro se torna uma tarefa ampla e complexa que exige desde uma análise empírica do evento, e, inclusive, aspectos urbanos, de memória, econômicos e percursos no cotidiano. Portanto, o curso pretende alcançar um público amplo que se interessa por aprofundar ou em iniciar pesquisas, análises ou outros trabalhos científicos tendo o carnaval como tema de pesquisa, seja o carnaval na sua carnavalização e deboche nos blocos, ou, o carnaval comercial das escolas de samba e circuitos. Assim, tal curso é um desdobramento de meu mestrado, onde, analisei as obras afro-brasileiras da Nenê de Vila Matilde e de seus usos e sentidos dentro de sala de aula, assim como, um desdobramento dos estudos realizados no doutorado (em andamento), sobre a identidade e relações de comunidade nas escolas de samba em São Paulo. Nosso escopo teórico versara por obras que abordam a história cultural, passando por autores da antropologia e semiótica e obras clássicas sobre o carnaval carioca, baiano, paulistano e do interior brasileiro. Nosso método consiste em analisar a partir da base teórica imagens, músicas e outras fontes que compõem o universo carnavalesco brasileiro, tendo como recorte cronológico o período da década de 1960, quando as escolas de samba atingem projeção midiática até o tempo atual, época essa de profunda mercantilização e massificação carnavalesca.

Conteúdo programático:

Formato do Curso: será realizado em quatro encontros de 60 minutos, em formato digital pelo Canal de YouTube "Podcast Sampa Samba". As aulas terão uma bibliografia armazenada em Drive a ser divulgado. Cada aula abordará aspectos que permeiam o carnaval, se dividindo em:

Aula 01 - O riso carnavalizado (60 Minutos): esse primeiro encontro versará sobre a importância de entender o riso dentro do estudo do carnaval. Assim tendo como base as obras de Bakhtin, Minois e Propp entenderemos como o deboche, a carnavalização e o grotesco são essenciais para entender qualquer grupo carnavalesco, desde uma escola de samba até o bloco de sujeitos.

Aula 02 - A cultura carnavalesca (60 Minutos): Nesse encontro, após entender o conceito da inversão, iremos para aspectos múltiplos do sentido de cultura que atravessa um grupo carnavalesco: desde aspectos essenciais para entender sua identidade, tradição e trajetórias no cotidiano. Teremos como autores base Certeau, Canclini, Eagleton, Geertz, Wagner e Barth, ou seja, uma bibliografia densa e de áreas distintas, exatamente, para compreender a complexidade que cerca o estudo sobre o carnaval, indicando possibilidades e percursos em distintas áreas.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Aula 03 – Uma breve história do carnaval (60 Minutos): na terceira aula iremos analisar os traços e identidades que rondam os vários modos de se fazer carnaval: desde o surgimento do carnaval urbano, as escolas de samba, os circuitos de Salvador, as ladeiras de Olinda e o carnaval do interior. Nessa passagem breve, discutiremos como se torna importante entender as formações de cada espaço praticado de ação em sociedade, para analisar aspectos identitários, os conflitos existente e modificações ou não em suas comunidades.

Aula 04 – O carnaval como tema de pesquisa (60 Minutos): no último encontro indicaremos os aspectos principais para o estudo de uma manifestação carnavalesca, onde, iremos nos direcionar para as escolas de samba, em especial a Nenê de Vila Matilde e Gaviões da Fiel. Iremos observar métodos possíveis para analisar uma agremiação, desde a História Oral até o método investigativo em fontes ou na análise áudio visual. Portanto, nesse último encontro analisaremos como o carnaval pode ser utilizado em variados campos de estudo, evidenciando, a educação, a história, a comunicação, economia e entre outros.

Bibliografia:

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.

CHATIER, Roger. O Mundo como Representação. Estudos Avançados, 11(5), 1991, p.173-191

MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano: 1914-1988. Campinas, Ed. Da Unicamp; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

Minicurso 65

Narrativas sobre a Nação no audiovisual: Um estudo sobre os casos indiano, moçambicano e turco

Bruna T. Barbosa (Mestranda, UFPR)
Michele Souza (Mestranda, UFPR)
Pricyla Weber (Graduada, UFPR)

Resumo:

O presente minicurso, tem por proposta analisar os usos políticos da produção audiovisual em contextos sócio-históricos distintos tendo como base a narração do Estado-Nação em três contextos distintos: Índia e Turquia, a partir de produções do século XXI e Moçambique no pós-independência (1977-1986). O trabalho leva em consideração a grande representatividade das mídias no mundo contemporâneo, capazes de moldar as sensibilidades do público. Mediante a isso, buscaremos apresentar a construção de uma identidade a partir do cinema e da televisão, entendendo-as como produtos ideológico utilizados para fins políticos, conforme aponta Walter Benjamin (1987). O autor chama atenção para o fato de como o cinema, assim como outras artes, após a “era da reprodutibilidade técnica”, ter se tornado campo político e ideológico com grande poder de influência de massa. Segundo Purnima Mankekar (1993), as tendências recentes da antropologia refletem um reconhecimento crescente da importância dos meios de comunicação de massa para os processos de formação de identidade.

Conteúdo programático:

Aula 1 - Apresentação da temática questões teóricas e a respeito de imagens/audiovisuais e política.
Duração: 1h

Breve resumo:

Nesse primeiro momento do curso, será apresentado textos de base teóricas para discutirmos os usos políticos do audiovisual no mundo contemporâneo. Para tanto, será necessário retomarmos os conceitos de Nação, nacionalismo e modernidade. Para logo apresentar os conceitos de criação dos Estados Nacionais modernos nos contextos da Índia, Moçambique e Turquia. Os estabelecimentos de fronteiras no mundo todo a partir dos séculos XIX e XX causou uma série de problemas principalmente em países ditos do “Terceiro mundo.” As separações dos grupos populacionais através de estatutos étnicos e de nacionalidade serviram para criar fronteiras artificiais, o que acabou evidenciando ainda mais os conflitos. Através do estudo de autores como Partha Chatterjee e Eric Hobsbawm, procuraremos elucidar algumas questões sobre a ideia de nação e a forma como os projetos nacionais lidam com a diversidade étnica e cultural.

A interferência Ocidental na África e Ásia, deixou algumas sequelas que ainda hoje são completamente delicadas de serem resolvidas. O longo processo de modernização e ocidentalização promovidos através dos processos de criação dos Estados modernos cria-se um ambiente de divergências e disputas internas. Conforme aponta Partha Chatterjee, a modernidade em crise, não

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

consegue lidar com a realidade heterogênea da nação. Existe ‘sob o mesmo teto’ modernidades outras, que não estão dentro de contexto imaginado. A instabilidade causada encontra-se justamente no fato de que a comunidade homogênea imaginada não existe. “As pessoas podem apenas imaginar-se no tempo homogêneo vazio; elas não vivem nele” (CHATTERJEE, 2004: p.73). Outras realidades convivem no espaço-temporal da nação; diferenças culturais, étnicas e religiosas. Essas diversidades de componentes percebe a nação de forma que não corresponde com o mito criador que legitima o tempo homogêneo. O discurso universalizante promovidos no âmbito nacional o qual previa uma sociedade homogênea serviu apenas para perpetuar desigualdades, colocando um grupo social em detrimento de outro. A efetividade dessa proposta é quase impossível, pois conforme veremos, a Índia, Moçambique e Turquia vivem uma relação de tempo e espaço muito complexos para ser afunilada a ponto que chegue a essa ‘pureza nacional’ almejada.

Tendo como base os eventos mencionados acima, apresentaremos nessa primeira aula uma base para compreensão dos projetos de nação que estão sendo pensados e promovidos nos contextos específicos dos estudos de caso. O uso de mídias e fontes audiovisuais se inserem nesse contexto de produção de nacionalidade e identidade. Através da discussão da antropóloga indiana Purnima Mankekar (1993) argumentaremos como a televisão e o cinema continuam voltados para a promoção do Estado-nação, visando reafirmar o projeto de construção nacional.

A fim de compreender como são pensadas as dinâmicas de produção e consumo nos contextos específicos, para além do consumo de massa, apresentaremos as obras a serem analisadas nas aulas seguintes: ano e contexto de produção, enredo e o porque se encaixa na análise proposta, ressaltando a especificidade de cada obra: cinejornal; filme e telenovela p Consideramos que tanto o cinema como as telenovelas possuem grande poder de influência, servindo não apenas como entretenimento, mas como meio de moldar a comunidade nacional, ajudando a produzir um senso de nacionalidade (ABU-LUGHOD, 2005). Baseadas em discussões e autores como Faye D. Ginsburg, Lila Abu-Lughod, e Brian Larkin, que defendem que os produtos oferecidos na televisão/cinema cooperam para a promoção desta ‘educação’ e estilo de vida pretendido, faremos a ligação entre as obras audiovisuais e o discurso nacional. No decorrer da aulas citações e trechos de obras dos teóricos expostos anteriormente serão exibidas e comentadas, por exemplo:

A maior parte do rádio e da televisão tem controle estatal ou está nas mãos de profissionais da indústria cultural que, como argumenta Stuart Hall (1980), tendem a compartilhar os "códigos dominantes" do Estado-nação. A censura antecipatória e a autocensura são as normas. Seja criando lealdade, moldando entendimentos políticos, promovendo o desenvolvimento nacional, “modernizando”, promovendo o planejamento familiar, ensinando a privatização e o ethos capitalista, criando bons socialistas ou entretendo inocentemente. A mídia tem sido vista como ferramenta poderosa para a hegemonia ou para a transformação social (GINSBURG, ABU-LUGHOD AND BRIAN LARKIN, 2002, p.11).

Mediante a isso, procuraremos nos aprofundar sobre a construção de uma identidade a partir da televisão/cinema, entendendo-a como produto fundamentalmente ideológico utilizado para fins políticos. A manifestação nacional presente nas narrativas audiovisuais possui papel fundamental para os contextos específicos apresentados aqui. Portanto, propomos uma análise das mídias como bases pedagógicas alinhadas à ideologias nacionalistas.

Bibliografia complementar:

Fanon, Frantz. Sobre a cultura nacional. In: Os condenados da terra. Ed. Civilização Brasileira, p. 195
CHATTERJEE, P. The nation and its fragments: colonial and postcolonial histories. Princeton: Princeton University Press, 1993 Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2016/SOC757/um/61816962/Partha_Chatterjee_The_Nation_and_Its_Fragments.pdf Acesso em 12/10/2019

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

BOAVENTURA, Katrine. T. Recepção e Estudos Culturais: Uma relação pouco discutida. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília: Faculdade de comunicação de Pós Graduação. 2009.

CANCLINI, N.G. Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização. Tradução Maurício Santana Dias. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFPR, 200.

MANKEKAR, Purnima. National texts and gendered lives: an ethnography of television viewers in a North Indian city. American Anthropological Association. 1993, p. 543-563.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: Comunicação cultura e hegemonia. Trad. POLI, Ronald. e ALCIDES, Sérgio. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

Aula 2 - Estudos de caso - Moçambique e o cinejornal Kuxa Kanema

Duração: 1h

Breve Resumo:

Moçambique é um país que se encontra na costa oriental da África, fazendo divisa com a Tanzânia, Malawi, Zimbábue, África do Sul, Zâmbia e Suazilândia. A República Popular de Moçambique se tornou um país independente em 25 de julho de 1975. Em 4 de março do ano seguinte a Portaria n. 57/76 cria o Instituto Nacional de Cinema (INC), primeiro instituto cultural do governo da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) no país recém liberto. Os filmes, tanto ficção quanto documentário, foram instrumentos ideológicos, educativos e informativos para construção de uma identidade no intuito de se estabelecer uma unidade nacional, um meio que ajudaria a propagar as idéias e as ações praticadas pela FRELIMO nos quatro cantos do país.

A principal produção do INC foi o cinejornal Kuxa Kanema que circulou pelo país entre 1978 até 1986. Nessa aula procuraremos apresentar aspectos do processo de independência de Moçambique como a diversidade linguística, étnica e o projeto modernizante da FRELIMO para, em seguida, mostrar como o discurso sobre o que se compreendia por "ser moçambicano" aparece em episódios do cinejornal e as implicações de tal narrativa. Para isso, durante a aula serão exibidos trechos do documentário Kuxa Kanema, dirigido por Margarida Cardoso, e comentários com recortes de frames. Além disso apresentaremos um mapa político e um mapa étnico de Moçambique para melhor compreensão das questões que envolvem o país.

Bibliografia complementar:

BARBOSA, Pedro. O mito do "Homem Novo": A imagem de Samora Machel no cinejornal Kuxa Kanema (1978 - 1981). Porto Alegre: (Dissertação Mestrado), 2019.

BASTOS, Felipe Barradas Correia Castro. O Homem Novo moçambicano: Perspectivas educacionais da formação identitária nacional sob o governo da FRELIMO (1970 - 1992). Monografia. Curitiba, UFPR, 2015.

CABAÇO, J. L. Notas para uma contextualização do cinema moçambicano. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.17.p. 90-98, jul/dez 2017

_____. Moçambique: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRY, Peter (Org). Moçambique: Ensaio. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001

MACAGNO, L. Fragmentos de uma imaginação nacional. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 24, núm. 70, junio, 2009, pp. 17-35

MACHEL, Samora; MONDLANE, Eduardo. A FRELIMO e a Revolução em Moçambique. Maputo: Edições Maria da Fonte.

NORONHA, I. H. V. C. Tacteando o Indizível. Campinas, SP. Tese de Doutorado em Antropologia Social, 2018.

SECCO, C. T.; LEITE, A. M.; PATRAQUIM, L. C. CineGrafias Moçambicanas: Memórias & Crônicas & Ensaio. São Paulo: Kapulana, 2019.

Filmografia

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

KUXA KANEMA: O nascimento do Cinema. Direção: Margarida Cardoso. Moçambique-Portugal: Filmes de Tejo, 2003.

Aula 3 - Estudos de caso - Índia e o ideal nacional no filme Padmaavat (2018).
Duração: 1h

Breve resumo:

Até o momento da sua independência e da partição em 1947, o que chamamos hoje de República da Índia sofreu vários problemas consequentes das ações coloniais impostas pelas nações imperialistas europeias - principalmente pela Grã-Bretanha - em seu território por 300 anos, o que levou o subcontinente indiano à extrema pobreza, miséria e surgimento e/ou acirramento de antigas rixas religiosas e políticas entre grupos hindus, sikhs e muçulmanos. Setenta e três anos após a independência e tendo usufruído de um súbito crescimento econômico no fim da década de 1990 e início dos anos 2000 (LIMA, 2008, p. 1-2), a Índia recorrentemente ainda é lembrada por seus problemas político-sociais estruturais (como a questão das castas, desigualdades de gênero, etc. - que permeiam sobretudo o imaginário ocidental) e pela imensa violência de seus conflitos presentes (reivindicações territoriais, poluição e desastres ambientais, a questão da Caxemira, entre outros).

O objetivo dessa aula é introduzir e debater a possibilidade da utilização de filmes para compreender esse amplo conjunto de questões históricas, políticas, sociais e religiosas da Índia contemporânea. Para isso, utilizaremos o filme Padmaavat (2018) do diretor Sanjay Leela Bhansali, que está inserido no debate de identidade e formação da nação indiana envolvendo principalmente as relações e disputas de poder hindu-muçulmanas. Paadmavat conta a história da lendária rainha rajput Padmaavati da dinastia de Mewar em Chittor que realizou o jauhar (ritual de autoimolação feminina em massa hindu) para se defender contra a invasão de sua cidade-forte pelo sultão de Delhi Alauddin Khilji em 1303.

A aula se realizará com base no texto “Do etnocídio ao ideocídio”, de Arjun Appadurai, disponibilizado previamente para os participantes do curso. A obra de Appadurai permite que possamos introduzir e explorar questões ligadas à formação do estado nação indiano e suas tensões históricas, focando nas relações étnicas e religiosas dos grupos hindu e muçulmanos e demonstrando como essas questões aparecem no filme de Bhansali. O filme será disponibilizado em pasta no Google Drive e no decorrer da aula serão exibidos pequenos trechos e recortes fotográficos do mesmo para uma melhor abordagem da relação entre a construção de narrativas visuais e as questões expostas anteriormente.

Ademais, também será desenvolvida outras questões apresentadas pelo filme e pela narrativa deste, com base nas obras de Ramya Sreenivasam, Rehka Pande e Edward Said e haverá a apresentação de outros materiais de apoio, como mapas e pinturas, auxiliando na compreensão da aula e das relações políticas e teóricas aqui propostas.

Bibliografia complementar:

BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CHAKRABARTY, Bidyut. Indian politics and society since independence: events, processes and ideology. Abingdon: Routledge, 2008.

CHATTERJEE, Partha. The nation and its fragments: colonial and postcolonial histories. Princeton: Princeton University Press, 1993. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2016/SOC757/um/61816962/Partha_Chatterjee_The_Nation_and_Its_Fragments.pdf Acesso em 12/10/2019.

JESI, Furio. A festa e a máquina mitológica. In: Boletim de pesquisa nelic, Florianópolis, v. 14, n. 22, p. 46, 2014.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

LIMA, Marcos Costa. Índia: avanços, problemas e perspectivas. Texto apresentado na Conferência sobre a Índia. Fundação Alexandre Gusmão, Rio de Janeiro. 2008.

RIZVI, Wajih Raza. Padmaavat - History is written by his conqueror. Farhatullah, v. 27, p. 6 2018. Disponível em:

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/57825179/Padmaavat_2018_History_is_written_by_the_Conquerors_-_Essay_1.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPadmaavat_History_is_written_by_the_conq.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190823%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190823T140608Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-mz-Signature=ea7206a0afed7b71c401197860d41cf1f48d8bf55ee7d60871c36f7ccdb9a9bb Acesso em 11 de julho de 2019.

SHEKHAWAT, Krishna. Padmini: the legend that was or perhaps not. Miranda House, 2015.

Filmografia

PADMAAVAT. Direção: Sanjay Leela Bhansali. Índia: Sanjay Leela Bhansali, Sudhanshu Vats, Ajit Andhare, 2018.

Aula 4 - Estudos de caso - A representação dos curdos nas telenovelas turcas. Análise da telenovela “Sila: Prisioneira de amor” (2006-2009)

Duração: 1h

Breve histórico sobre o Curdistão:

Os curdos formam um dos maiores conjuntos étnicos sem um Estado-nação no mundo. Aproximadamente trinta milhões de pessoas vivem atualmente na região intitulada como Curdistão. Ao longo da história contemporânea passaram por diversos processos de assimilação, tendo seus direitos de autodeterminação negados. Sendo a Turquia, país com maior concentração de curdos no Oriente Médio. Com base nisso, buscaremos traçar uma análise da produção dos discursos nacionalistas e eugenistas turcos que se choca com a pluralidade étnica e cultural do país. Neste cenário, apresentaremos os ícones que corroboram para a estigmatização da população curda no país através dos meios de telecomunicações, neste caso, o melodrama turco “Sila, prisioneira do amor.” Nos alicerçaremos então, na fonte ficcional para expor como os processos de silenciamento histórico estão implícitos na trama e trazem uma reflexão sobre o que seria uma cultura “atrasada.” Neste aspecto entendemos o melodrama como um auxiliar pedagógico que atua na educação do ethos nacional. Entendendo a televisão como uma ferramenta que auxilia no processo de modernização do país, que há anos encontra-se alinhadas às ideologias do desenvolvimento, para moldar seus públicos e trazê-los para a modernidade nacional conforme aponta Abu-Lughod (2002). Estudar séries de televisão na Turquia implica-se, portanto, em examinar o espaço nacional completamente heterogêneo e complexo. Nossa tarefa então, será apresentar as narrativas melodramáticas como ferramentas que podem endossar a produção da nação turca apresentando o ethos nacional como ideal, forjando identidades a fim de criar o inimigo interno a ser combatido.

Para a nossa aula analisaremos os episódios: Capítulo 01 e 199 da telenovela disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rz3r7Ca0WKs&list=PLDJTiblxQWw6gNGmx1ucP56-eEdKZrcfJ> e <https://tvuol.uol.com.br/video/integra-capitulo-199-18112016-04024C9A3664D8816326>

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Heloísa. “Muito mais coisas”: Telenovela, consumo e gênero. (Tese de Doutorado). Campinas - SP: Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2001.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

- BOZARSIAN, Hamit. Radicalismos, violências e integração política na Turquia. *Tempo Social*. [online]. vol.13, 2001, n.1, São Paulo. pp.67-80. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702001000100006>.
- ERDOGAN, Nezih. Narrative of resistance: National identity and ambivalence in the Turkish melodrama between 1965 and 1975. *Narratives of resistance*, 1998: pp. 259-271.
- HOLLANDA, Heloísa. B. *Cultura como recurso*. Salvador: Fundação Pedro Calmon. 2012.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto*. Trad. ARCHAMBAULT, Elisabeth. Editorial Melusina, S.L 2006.
- MCDOWALL, David. *A modern history of the kurds*. 3a ed. New York: I.B. Tauris, 2004.
- O'SHEA, Maria. *Trapped between the map and reality: Geography and perceptions of Kurdistan*. New York: Routledge, 2004.
- SEZGIN, Dilara. WALL, Melissa A. Constructing the Kurds in the Turkish press: a case study of *Hürriyet* newspaper. *Media culture and society* (27)5, 2005, pp.787-798.
- ÜNVER, Akin. H. *Turkey's Kurdish Question: Discourse and politics since 1990*. New York. Routledge, 2015.
- VAN BRUINEN, Martin. *Agha, Shaikh and State: The Social and Political Structures of Kurdistan*. London: Zed Books. 1992.
- _____, 'Kurdish identities and Kurdish nationalisms in the early twenty-first century' Published in Turkish as: 'Erken 21. Yüzyılda Kürt Kimlikleri ve Kürt Milliyetçilikleri', in: Elçin Aktoprak & A. Celil Kaya (eds), *21. Yüzyılda Milliyetçilik: Teori ve Siyaset*. Istanbul: leti im, 2016, pp. 1-16.
- YÖRÜK, Zafer. *Soft Power or Illusion of Hegemony: The Case of the Turkish Soap Opera "Colonialism"* *Izmir: University of Economics. International Journal of Communication* 7 2013, pp.2361-2385.

Bibliografia:

- APPADURAI, Arjun. *O medo do pequeno número: Ensaio sobre a geografia da raiva*. Iluminuras, São Paulo. 2009.
- CHATTERJEE, P. *A Nação em Tempo Heterogêneo* In.: *Colonialismo, Modernidade e Política*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- MACAGNO, L. *Fragmentos de uma imaginação nacional*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 24, núm. 70, junho, 2009, pp. 17-35
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto*. Trad. ARCHAMBAULT, Elisabeth. Editorial Melusina, S.L 2006.

Minicurso 66

História das Ideias políticas: introdução teórico- metodológica

Vítor Bianconi Menini (Doutorando, Unicamp)
Eduardo José Neves Santos (Doutorando, USP)

Resumo:

Este minicurso tem como finalidade oferecer aportes introdutórios acerca da História das Ideias políticas, enfatizando as propostas da “Escola de Cambridge” e da “História dos conceitos” alemã. Em primeiro lugar, propõe-se historicizar o surgimento dessas correntes historiográficas, considerando suas principais bases teórico-metodológicas e problematizar obras selecionadas (vide bibliografia). Em segundo lugar, trataremos das concepções de “Tempo Histórico”, “Linguagem” e “Conceito” para ambas abordagens, buscando estabelecer aproximações e distanciamentos entre as perspectivas de análise. Em conclusão, considerando os desafios da escrita da História das ideias políticas na atualidade, exploraremos os usos e interpretações críticas a autores como Quentin Skinner, John G. Pocock e Reinhart Koselleck.

Conteúdo programático:

1. Por uma História das ideias políticas: a Escola de Cambridge
 - a. A linguagem política e o ofício do historiador
 - b. Tempo e política em John G. Pocock
 - c. O Contextualismo linguístico de Quentin Skinner
2. A História dos conceitos alemã e a contribuição de Reinhart Koselleck
 - a. Da História das Ideias a História dos Conceitos
 - b. O GG e a contribuição de Reinhart Koselleck
 - c. O conceito de História e Tempo em RK
3. Incursão Global
 - a. Leituras e interpretações a partir de Cambridge e Bielefeld
 - b. A “virada digital” no século XXI: desafios de uma História das Ideias

Bibliografia:

FERES JÚNIOR, João; JASMIN, Marcelo. História dos conceitos: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. O Conceito de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

POCOCK, J.G.A. Linguagens do Ideário Político. São Paulo: EDUSP, 2013.

SKINNER, Q. As fundações do pensamento político moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Minicurso 67

A Revolução Francesa, os Direitos Humanos e a Contemporaneidade

Jonathan M. Scholz (Doutor, UFU)

Resumo:

Nos estudos históricos se convencionou tratar a Revolução Francesa, em decorrência das transformações políticas, ideológicas e sociais, engendradas, a partir de 1789, como o marco fundante da Idade Contemporânea. Os inúmeros impactos do evento, principalmente no “mundo ocidental”, repercutem e são ressignificados até hoje, como é o caso dos direitos humanos, concebidos universalmente, e de modo oficial, através da promulgação da Déclaration des Droits de l’Homme et du Citoyen (1789), pela Assembleia Nacional Constituinte da França revolucionária. Objeto de esperança e/ou crítica de intelectuais de distintos espectros ideológicos, desde o século XIX, como Karl Marx, Edmund Burke, Thomas Paine ou Hannah Arendt, apenas para citar alguns, e reconhecidos internacionalmente no pós-Segunda Guerra, com a criação da ONU e da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), os direitos humanos estimulam diversos afetos, que variam do amor ao ódio, nas sociedades contemporâneas, como a brasileira. Desse modo, atentos a ascensão dos governos de extrema-direita nos últimos anos, que representados, por exemplo, por Donald Trump, Jair Bolsonaro, Marine Le Pen ou Viktor Órban, repudiam e/ou negligenciam o referido conjunto de direitos, no proposto minicurso se pretende analisar, a partir das contribuições teóricas/metodológicas de Hannah Arendt, Jacques Rancière e Pierre Ansart, algumas variações discursivas que eles assumiram em diferentes momentos históricos, no Brasil e no cenário internacional, refletindo particularmente sobre a gestão dos afetos engendrada por determinados grupos sociais em relação aos direitos humanos.

Conteúdo programático:

- 1 - O ato de declarar direitos: O iluminismo e as revoluções burguesas no século XVIII
- 2 - Dos “direitos do homem” aos “direitos humanos”: o pós-guerra, a ONU e a Declaração Universal dos Direitos Humanos
- 3 - Direitos humanos no Brasil: entre os direitos das minorias e os “direitos para bandidos”

Bibliografia:

ARENDDT, Hannah. As perplexidades dos direitos do homem. In: ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012. p. 395-412.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Direitos Humanos ou “privilégios de bandidos”: desventuras da democratização brasileira. *Novos Estudos*, n. 30, julho de 1991.

RANCIÈRE, Jacques. Quem é o sujeito dos Direitos do Homem? tradução de Jonathan Marcel Scholz. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v. 26, n. 50, maio-ago. 2019.

Minicurso 68

Imprensa alternativa e História do Brasil

Roberto da Silva Rodrigues (Doutorando, UEM)

Resumo:

A proposta do minicurso consiste em colaborar para o desenvolvimento de pesquisas sobre a História do Brasil tomando a imprensa alternativa como fonte de estudos. A partir do livro de Maria Helena Rolim Capelato, *Imprensa e História do Brasil*, temos uma problematização inicial sobre como trabalhar a imprensa como objeto da História. Desse modo, a imprensa alternativa, que consiste em jornais como *Pasquim*, *Movimento*, *Coojornal*, *Ex*, *Opinião* e, especificamente o jornal *Versus*, constituem um repertório rico para o estudo da História do Brasil na década de 1970, principalmente sobre as estratégias de enfrentamento dos sujeitos históricos na oposição ao regime militar. Portanto, a imprensa alternativa se apresenta como importante fonte de estudo para a História do tempo presente, para a qual o presente minicurso pretende colaborar.

Conteúdo programático:

- Imprensa alternativa e História do Brasil;
- Ditadura Civil-militar e História do tempo presente;
- Estudo de caso: o jornal *Versus*, oposição e contestação.

Bibliografia:

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2016.

Minicurso 69

Como o Egito se tornou árabe? O Egito além da Antiguidade

Ingrid Requi Jakubiak (Graduada, UFPR)

Resumo:

O minicurso pretende apresentar um pouco da história do Egito além da Antiguidade e ajudar a compreender como essa região, que desaparece dos livros didáticos e do conhecimento do público geral após a derrota para Roma, se tornou parte do mundo árabe e nele alcançou uma posição de destaque. Para isso, apresentaremos a história do Egito partindo do domínio de Roma e chegando até o século XX, mais especificamente até a Guerra do Yom Kippur em 1973. A abordagem será cronológica, mas nosso foco estará no significado dos processos mais que nos acontecimentos. Em determinados momentos discutiremos ideias como a identidade árabe, nacionalismo e conceitos específicos do Islã, assim como um pouco de discussão historiográfica. Algumas passagens serão mais aprofundadas que outras, pois nosso enfoque são os momentos em que a cultura e a identidade árabes aparecem de forma mais explícita e com maior impacto político e social: os séculos do auge do mundo árabe como centro do Islã, contemporâneos da Idade Média no Ocidente, e o período contemporâneo, a começar pela transição do século XVIII para o século XIX até o século XX. Ao final, o participante deve elaborar um texto discutindo o conteúdo de documentos pré-selecionados de acordo com o que foi apresentado no curso.

Conteúdo programático:

- Conteúdo programático e metodológico
- 1. Apresentação: por que não falamos mais do Egito após a Antiguidade?
- 2. O papel geografia na história do Egito
- 3. Resumo do domínio romano
- 4. A chegada dos árabes e do Islã e a recepção pelos egípcios
- 5. O que significa se tornar árabe dentro do contexto da conquista?
- 6. Como o Egito se transformou em um centro de poder regional
- 7. As Cruzadas, as invasões dos mongóis e o Egito como guardião do Islã
- 8. O Egito volta a ser província: do período otomano à chegada de Napoleão (resumo)
- 9. Muhammad Ali e o início do Nacionalismo Egípcio
- 10. As investidas britânicas de colonização e as respostas dos egípcios
- 11. Século XX: Duas independências, o governo Nasser e reafirmação do Egito como potência
- 12. A posição do Egito independente no mundo árabe e no mundo
- 13. Atividade: elaboração de um texto de até 1600 palavras respondendo a perguntas pré-definidas, partindo de trechos de documentos a serem escolhidos pelo aluno dentre uma seleção pré-definida.

Bibliografia:

HOURANI, Albert H. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

História geral da África. Brasília: Unesco, 2010, 8 v, vol I-VIII. Capítulos relativos ao Egito.

JAKUBIAK, Ingrid Requi. A Metrópole do Universo: O Cairo nos Itinerários do Islã no final do Medievo. 2019. 82 f. Monografia (Graduação) - Curso de Bacharelado e Licenciatura em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/1-semester-2019/>

Minicurso 70

Uso de fontes judiciais e manuscritas na História: reflexões metodológicas sobre o trabalho com processos judiciais

Mayla Louise Greboge Montoia (Mestranda, UFPR)
Albano Gabriel Giurdanella (Graduado, UFPR)
Gabriel Bento Leite Ferreira (Graduado, UFPR)

Resumo:

O uso de fontes judiciais como material de análises históricas é um fenômeno relativamente recente. Com a revolução historiográfica iniciada pela Revista dos Annales no início do século XX, temos hoje um olhar muito mais amplo sobre o que pode ser objeto de análise do historiador. Contudo, as fontes judiciais, especialmente as manuscritas, parecem permanecer nas margens da historiografia, embora grandes trabalhos tenham se baseado nelas como os de Carlo Ginzburg, Natalie Zemon Davis, Sidney Chalhoub e Boris Fausto. Alguns elementos como o distanciamento do historiador dos arquivos, a estrutura dos cursos de graduação e as dificuldades metodológicas desse tipo de fonte contribuem para que elas sejam esquecidas, e assim, seu rico potencial de análise das relações cotidianas, conflitos e sociabilidades. Este minicurso tem como objetivo subsidiar essa carência com leituras introdutórias e instrumentalizar metodologicamente o trabalho com essas fontes. Desta forma, o recorte da abordagem é temático, com ênfase nas reflexões metodológicas acerca da documentação judicial, seja na pesquisa de campo, seja na análise das fontes. Para esse intento, o quadro teórico-metodológico se baseia nas produções brasileiras como as de Mariza Corrêa, Sidney Chalhoub e Boris Fausto, na historiografia portuguesa através de Irene Vaquinhas, nos métodos paleográficos de leitura e transcrição, e na análise do discurso sob a perspectiva do Direito e da Linguística.

Conteúdo programático:

PARTE I

Historiografia dos Annales: novos objetos, abordagens e fontes

A configuração da História Social no Brasil: a escravidão e os marginalizados pelas lentes da pós graduação brasileira

PARTE II

Os arquivos e os cursos de História no Brasil: como veem esses documentos

A riqueza das fontes judiciais e possibilidades de pesquisa

PARTE III

Metodologia de pesquisa: os arquivos e as fontes judiciais manuscritas

Metodologia de análise: possibilidades de análise das fontes judiciais, a partir da Análise do Discurso

PARTE IV

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Proposta de atividade: análise de trecho de processo judicial da cidade de Curitiba na década de 1870 para que os inscitos identifiquem a partir dela aspectos formais, materiais e contextuais (crítica interna e externa)

Bibliografia:

BACELLAR, Carlos. Uso e Mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, p. 23-79, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem em questão. In: Análise de discurso: princípios & procedimentos. Pontes, p.15-22, 2012.

ROSEMBERG, André; SOUZA, Luís. Notas sobre o uso de documentos judiciais e policiais como fonte de pesquisa histórica. In: Patrimônio e Memória, UNESP - FCLAs - CEDAP, v. 5, n.2, p. 159-173 - dez. 2009.

VAQUINHAS, Irene. Os processos judiciais e a História. In: Justiça na res publica (sécs. XIX-XX) - Ordem, direitos individuais e defesa da sociedade, vol.2. Org., FERREIRA, Fátima Moura; MENDES, Francisco Azevedo e CAPELA, José Viriato. Edição: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço e Memória, Braga, Outubro 2011, p.120.

Minicurso 71

História Pública e Ensino de História em tempos digitais

Hellen Cris Leite de Lima (Mestranda, UFPR)

Resumo:

As ferramentas de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICS) já estavam presentes em nossas realidades há algum tempo. O momento desolador que estamos vivendo com a pandemia planetária nos impôs as mais diversas dores e dificuldades e aprofundou essa situação de formações e ensino remotos. Esse contexto lança uma série de questões à História, como, por exemplo, a manutenção do rigor metodológico diante de um público amplo; a veracidade e a efemeridade das fontes em formato digital, entre outras. Esse mini-curso tem como objetivo debater as relações entre o campo da História Pública e o Ensino de História, frente ao mundo digital. Para isso, nos debruçaremos sobre os significados da História Pública e suas implicações no Brasil e no mundo, bem como os contornos que o conceito de público pode ter no contexto de cibercultura. Debateremos ainda o papel do historiador público frente a questões políticas e teóricas do nosso tempo. Por fim, trataremos de entender como as contribuições da História Pública podem ir ao encontro de propostas metodológicas no âmbito do Ensino de História, dentro e fora do ambiente escolar, utilizando como ferramenta sites com produção de História Pública.

Conteúdo programático:

1ª vídeo: História Pública e História digital: conceitos e significados

- Indicação de leitura prévia: LIDDINGTON, Jil. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juliele R. de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (Org). Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31-52.

2ª vídeo: Ensino de História em tempos digitais

- Sites para visitação e análise:

<https://afrocuritiba.afrosul.com.br/>

<https://ditaduraemcuritiba.com.br/>

<https://www.annefrank.org>

Atividade final: utilizar material escolhido em um dos sites para desenvolver uma proposta metodológica de ensino de História, à luz dos debates introduzidos pelos vídeos.

Bibliografia:

ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (Org). Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALMEIDA, Juniele R. de; MAUD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo. História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BRESCIANO, Juan Andrés; GIL, Tiago (Org.). La historiografía ante el giro digital: reflexiones teóricas y prácticas metodológicas. Ediciones Cruz del Sur, 2015.

Minicurso 72

Mulheres brasileiras na ciência: diálogos interdisciplinares para o cotidiano da sala de aula

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho (Doutoranda, Unioeste)
Leonardo Borges Ribas (Graduando, UFPR)
Admir Cesar de Oliveira Junior (Graduando, UFPR)

Resumo:

Desde 2018 participamos do projeto de extensão voluntário denominado “PREVEC” na Universidade Federal do Paraná, campus de Palotina. O objetivo deste cursinho pré-vestibular é possibilitar com que a universidade se estenda para além dos muros da instituição e forneça aulas gratuitas para alunos da rede pública. No ano de 2020, devido a pandemia, o cursinho ampliou sua maneira de agir e chegamos a alcançar mais de mil acessos semanais em nossas páginas nas redes sociais. Portanto, começamos a ministrar aulas na plataforma do google meet e uma de nossas metodologias são as aulas interdisciplinares. Deste modo, propomos para este minicurso a discussão sobre mulheres brasileiras na ciência, levando em consideração as grandes áreas como: Ciências Humanas; Ciências da Natureza; Linguagens; Ciências Exatas e Tecnologias, com o intuito de fornecer elementos para a discussão de futuros professores/as acerca desta temática. Além disso, discutiremos como a historiografia não deve omitir a presença das mulheres desde a História cotidiana até aos grandes feitos históricos. Nesta perspectiva, identificaremos como as mulheres foram e são fundamentais para a ciência, como exemplo: Bertha Luz, Lélia González, Sueli Carneiro, entre outras autoras que discutiremos neste minicurso. O objetivo é fornecer material e aprimorar a discussão acerca de que definitivamente o lugar da mulher é onde ela quiser. Finalizaremos o minicurso apresentando um vídeo de um projeto de extensão da UFPR, campus de Palotina, que reúne pesquisadoras do ensino médio e da universidade na luta das mulheres pela conquista cada vez maior de seu espaço na ciência.

Conteúdo programático:

- Mulheres cientistas brasileiras e a luta pelo reconhecimento: 1 hora de discussão acerca da importância dos estudos sobre as mulheres para a historiografia; elencando problemas e possibilidades de diálogos com outras disciplinas como a Física e a Biologia, de modo a demonstrar que as mulheres sempre estiveram presentes, mas foram omitidas das temporalidades históricas. Além disso, demonstraremos um jogo da memória que disponibilizaremos no site do PREVEC acerca de cientistas mulheres e suas descobertas para o avanço da ciência como recurso didático que poderá ser utilizado pelos participantes do minicurso.
- A ciência como local conquistado pelas mulheres: 1 hora de apresentação de personalidades históricas femininas brasileiras e seus feitos pela ciência brasileira. Pensando na interdisciplinaridade, procuraremos abordar mulheres de diversas áreas, como por exemplo: Marília Chaves Peixoto (autoridade mundial em matemática e engenharia), Jaqueline Goes de Jesus (coordenadora do sequenciamento do Sars-Cov-2 em 48 horas); Lélia González (antropóloga brasileira), Heloísa Buarque de Hollanda (professora de Letras e Literatura que tem se dedicado em projetos como “Universidade das quebradas” e o Laboratório de Estudos Feministas na Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Entre demais mulheres, que possuem um histórico de luta pela ciência, buscando trazê-las como cruciais para a construção da História.

- Mulheres cientistas brasileiras e a interseccionalidade: 1 hora de apresentação de personalidades históricas femininas e a importância da discussão sobre o embate de classe, raça e gênero. E a disposição final sobre a atividade do minicurso, onde assistiremos um vídeo acerca do projeto desenvolvido no campus da UFPR de Palotina em que reúne alunas do ensino médio e da universidade em busca de ampliar o espaço das mulheres na ciência. Após identificarmos que a disputa por espaços é constante na vida das mulheres e que atualmente persiste e tem alcançado maior visibilidade nos debates, vamos propor como atividade final a elaboração de uma atividade que poderá ser desenvolvida como texto, poesia, cordel ou vídeo, em que os participantes realizarão acerca de uma mulher cientista que os inspira, podendo ser uma das autoras discutidas no minicurso ou demais mulheres na ciência. Por seguinte, nos enviarão por email e selecionaremos os melhores trabalhos para disponibilizarmos em nossa página do PREVEC no facebook.

Bibliografia:

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

Idade Média: viagens e viajantes ao Oriente

Jorge Luiz Voloski (Mestrando, UEM)
Sofia Alves Cândido da Silva (Graduanda, UEM)

Resumo:

Os viajantes na Idade Média formam um grupo amplo, por este motivo, o objetivo deste minicurso é apresentar uma breve introdução acerca destes homens, em especial, os que percorreram itinerários ao Oriente entre dos séculos XIII-XV. Ao apresentarmos algumas problemáticas gerais das viagens, seremos conduzidos por quatro segmentos que se completam: aspectos contextuais, debates historiográficos, estudo do gênero textual e análise das fontes. Desta forma, instigaremos os interlocutores a estabelecer a relação entre o momento circunstancial da Europa e as especificidades dos escritos de viagens, os quais foram redigidos em diferentes conjunturas, por variados grupos sociais. Igual modo, visamos esboçar diferentes possibilidades de investigação, seja por meio de conceitos, como o de mirabilia, ou por questões práticas das viagens, como, por exemplo, por quais razões eram feitos os deslocamentos, de quais maneiras se organizavam as viagens, para onde iam os viajantes, entre outros. Possuiremos, além da apresentação de algumas fontes primárias, José Antonio Ochoa Anadón (1990) como principal fundo teórico, uma vez que este autor nos apresenta diferentes possibilidades de análise acerca dos viajantes medievais. Em paralelo, utilizaremos Miguel Àngel Pérez Priego (1984), para compreender os estudos literários dos livros de viagens medievais, bem como os estudos de Francisco Javier Villalba Ruiz de Toledo e Feliciano Novoa Portela (2007), os quais demonstram formas de pensar os itinerantes. Por fim, a discussão contextual tem como base o autor John Roland Seymour Phillips (1994).

Conteúdo programático:

O minicurso será dividido em quatro diferentes segmentos, cada qual composto por aproximadamente 40 minutos. Aproveitando o recurso do PowerPoint, que será composto tanto por imagens e textos de fontes históricas, quanto por afirmações de pesquisadores da área, produziremos uma aula expositiva e problematizadora, que tem o intuito de proporcionar ao ouvinte a compreensão a respeito do tema, além de uma problematização sintetizada dos escritos de viagens destinadas ao Oriente, produzidos entre os séculos XIII-XV.

Visando o alcance dos objetivos propostos, os quatro segmentos base, citados acima, foram fragmentados em seis subtópicos, os quais serão analisados ordenadamente da maneira a seguir:

- Panorama geral dos séculos XIII à XV na Europa;
- O grupo dos viajantes medievais;
- Aspectos práticos das viagens no período;
- Discussão de conceitos chaves;
- Problemática circundante ao gênero textual e suas características;
- Exposição e análise das fontes.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Nos três primeiros tópicos, teremos enfoque em discussões que englobam os debates historiográficos acerca do tema. Assim, apresentaremos, por exemplo, a afirmação da ideia de “Cristandade” e as questões que motivaram e permitiram a sua expansão em direção ao Oriente próximo e longínquo. Além disso, serão elencados os diferentes grupos de viajantes, visto que, cada qual, de acordo com o período e o grupo social, escrevem diferentes textos, sendo que estes são carregados de conteúdos e objetivos variados. Por fim, a respeito das questões relativas às práticas dos itinerários, apresentaremos alguns elementos conectados ao ato de viajar na Idade Média, por exemplo, as dificuldades, meios de transportes, entre outros.

Em seguida, abordaremos aspectos mais teóricos dos deslocamentos no período. Assim, relacionando ao debate anterior, iremos esboçar conceitos importantes para pensar a viagem em fins da Idade Média, dentre estes destacamos: Homo viator, Mirabilia, e até mesmo a percepção de “viagem” para o contexto medieval, uma vez que é diferente do atual. Ao delinear as problemáticas ligadas ao gênero textual e suas características, o segundo ponto do debate, buscaremos, entre outras coisas, demonstrar como algumas particularidades dos escritos influenciam em seu conteúdo, bem como as dificuldades de pensar esses escritos enquanto categoria literária, visto a não uniformidade.

Sendo assim, devido ao objetivo deste minicurso ser o de apresentar uma introdução aos estudos dos viajantes na Idade média, em especial os itinerários ao Oriente entre os séculos XIII-XV, traremos à nossa discussão algumas fontes de viagens escritas no período, entre elas as obras de João de Pian del Carpini (1185-1252), Odorico de Pordenone (1269-1331), Marco Polo (1254-1324).

Bibliografia:

OCHOA ANADÓN, J. A. El valor de los viajeros medievales como fuente histórica. Revista de Literatura Medieval. Madrid, n. 2, p. 85-102, 1990. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/746e/4c7a9063a08741810c74deb7f6cbac5fcb47.pdf>.

PÉREZ PRIEGO, M. Á. Estudio literario de los libros de viajes medievales. Epos. Revista de filología, n. 1, p. 217-240, 1984. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/EPOS/article/view/9405/8961>.

PHILLIPS, J. R. S. La expansión medieval de Europa. México: Fondo de Cultura Económico, 1994.

RUIZ DE TOLEDO, F. J. V.; NOVOA PORTELA, F. Viajes y viajeros em la Europa Medieval. Lunwerg Editores y CSIC, 2007.

Minicurso 74

Diálogos entre a História Agrária e a demografia histórica: olhares sobre o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Cezar Felipe Cardozo Farias (Doutorando, Unioeste)
Ana Paula Mariano dos Santos (Mestra, UEM)

Resumo:

A proposta deste minicurso, consiste em realizar um diálogo entre a História Agrária e a Demografia Histórica, apresentando suas bases teóricas e metodológicas, bem como suas aproximações. A fonte escolhida para discussão e objeto de análise deste minicurso são os censos demográfico e agrícola de 1950, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do município de Pitanga, localizado na região central do Estado do Paraná. A escolha dessa fonte, permitirá demonstrar aos cursistas a formação populacional e agrária de uma região, bem como servir de modelo e encorajar jovens pesquisadores a desenvolver pesquisas históricas de outras regiões do Estado e quem sabe do Brasil, a partir da perspectiva da História Agrária e da Demografia Histórica.

Conteúdo programático:

1. História Agrária e Demografia Histórica: teorias e metodologias
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
 - 2.1 Histórico dos censos no Brasil
 - 2.2 Censo de 1950 do Estado do Paraná
 - 2.2.1 Censo demográfico do município de Pitanga/PR (1950)
 - 2.2.2 Censo agrícola do município de Pitanga/PR (1950)
3. Atividade avaliativa

O minicurso será dividido em 3 partes:

Na 1º parte apresentaremos as teorias e metodologias em História Agrária e Demografia Histórica, situando os(as) cursistas no debate historiográfico a respeito dessas áreas e as aproximações entre elas. A 2º parte consiste na análise de uma fonte censitária, sobre um município localizado na região central do Estado do Paraná, Pitanga.

Por último, a 3º parte visa pensar na atividade avaliativa. O(A) cursista deverá escolher 1 município do Censo de 1950 do Estado do Paraná (da zona fisiográfica de sua preferência), e elaborar uma tabela que contemple 1 aspecto Demográfico e 1 aspecto Agrícola, contribuindo com os estudos em História Agrária e Demografia Histórica paranaense.

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

CARDOSO, Ciro. História da agricultura e história agrária: perspectivas metodológicas e linhas de pesquisa. In: Agricultura, escravidão e capitalismo. Petrópolis: Vozes, 1982.

HENRY, Louis. Técnicas de análise em demografia histórica. Lisboa: Gradiva, 1988.

I.B.G.E. - CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO. Estado do Paraná: censos demográficos e econômicos. Rio de Janeiro, 1955. (Série regional, vol. XXVI).

MUSSALAN, René. Norte pioneiro do Paraná - formação e crescimento através dos censos. 1974. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, 1974.

Uma discussão sobre História Política e seus métodos

Igor Marconi (Mestrando, UEM)

Resumo:

Neste minicurso pretende-se abordar os caminhos da renovação dos estudos em História Política através da historiografia francesa para compreender as propostas teóricas e metodológicas que envolvem o campo da política. Neste sentido, propõe-se ao minicurso a discussão sobre as perspectivas culturais no estudo da história que instituem uma ótica histórica de longo prazo e formula, desde o final do século XX, métodos de observação sobre as mentalidades e as práticas culturais e seu envolvimento com as ideias, cotidiano e estruturas da política, gerindo os meios da própria concepção de significado da arena política. Neste sentido, o minicurso tem como meio discutir os conceitos de cultura política e opinião pública, abordando as nuances das temporalidades, das condições sociais e da cultura na significação da política, das possibilidades que as práticas culturais definem, em um espaço e tempo, como parte ou não da política, como possibilidade e existência no campo e suas instituições em âmbito histórico, isto é, fornecendo ao historiador métodos de compreensão da história política através de seu envolvimento com as demais áreas dos estudos em história, em especial da história cultural.

Conteúdo programático:

- A história política: do perfume Lainglois-Seignobos ao “Por uma história política”;
- As temporalidades e as mentalidades na história política: a influência dos estudos culturais;
- Possibilidades de investigação: a condição do campo político;
- Conceito e abordagens: a cultura política;
- A cultura política no Brasil: especificidades do conceito.

Bibliografia:

- BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília [et. al.] (orgs.). Cultura política, memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 29-101.
- FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. p. 53-74.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 109-137, jan./mar. 2018.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

RÉMOND, René. Por uma história política. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

Minicurso 76

Vigiar à ortodoxia e extirpar a corrupção: um olhar sobre as estruturas jurídicas da América portuguesa (séculos XVI-XVIII)

Marina Passos Tufolo (Mestranda, Unifesp)
Michelle Carolina de Britto (Doutoranda, UFBA)

Resumo:

Os estudos sobre “as justiças” (eclesiástica e régia) na Época Moderna ganharam visibilidade nas últimas décadas, sobretudo, após os decênios de 1960-1970 e a ampliação do corpus documental em análise em detrimento dos pressupostos da Nova História. A correlação entre os métodos qualitativo e quantitativo de investigação permitiu aos historiadores refletirem sobre o exercício da justiça e o trabalho com as fontes judiciais. Para a compreensão dos tribunais da Igreja Católica temos o monumental trabalho de Carlo Ginzburg que procurou analisar os processos inquisitoriais para compreender a sociedade e a cultura perseguida e condenada pelo Santo Ofício romano. No âmbito do funcionamento dos tribunais seculares temos os trabalhos de António Manuel Hespanha que ancorado em concepções da, assim chamada, História do Direito, exemplificou e problematizou os ordenamentos jurídicos e a prática judicial na monarquia portuguesa. Nosso minicurso vai de encontro as proposições teóricas dessa nova historiografia, principalmente, aos trabalhos que se propõe a problematizar o funcionamento dos tribunais régios e eclesiásticos tanto na organização quanto nos procedimentos jurídicos. O objetivo de nossas exposições é apresentar e discorrer sobre “as justiças” e suas múltiplas formas no império português, sobretudo na Colônia, seja no âmbito da Igreja Católica e o disciplinamento dos costumes ou na esfera régia e a defesa do poder monárquico no além mar.

Conteúdo programático:

Considerando a proposta do nosso minicurso e o formato de realização, propomos uma metodologia baseada na correlação entre aula expositiva e análise documental com o objetivo de demonstrar aos alunos as linhas gerais de funcionamento das estruturas jurídicas da Época Moderna, assim como o corpus documental e as possibilidades de análise das fontes jurídico-administrativas.

Cronograma:

Aula 01: “A cultura jurídica europeia”

- Cultura do *ius commune*: Estrutura do Antigo Regime: pluralismo, corporativismo e catolicismo.
- Pluralismo de foros;
- Reforma pombalina do direito: regalismo e lei da boa razão

Aula 02: Justiça Régia

- Apresentação das estruturas da justiça régia, agentes e instâncias: Conselho Ultramarino, Tribunais, Câmara
- Agentes régios: Juizes e ouvidores

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

- Delitos: Entre devassas e residências, ordenações e normas
- Modelo de jurista perfeito e a base da corrupção
- Atuação da justiça na América portuguesa por meio do caso específico de São Paulo

Aula 03: Justiça Eclesiástica

- Apresentação das estruturas da justiça eclesiástica, agentes e organização
- Párocos, vigários e bispos: a malha diocesana e o recolhimento das denúncias
- Vigiar à ortodoxia: delitos e competências do tribunal episcopal

Aula 04: Colaborações e interações entre as justiças civil e eclesiástica na América portuguesa

- Regalismo pombalino e a diminuição do foro eclesiástico
- Colaboração entre as esferas civil e eclesiástica e os delitos de foro misto

Bibliografia:

FEITLER, Bruno. “Poder Episcopal e Inquisição no Brasil: o Juízo Eclesiástico da Bahia nos tempos de D. Sebastião Monteiro da Vide” in FEITLER, Bruno, SOUZA, Evergton Sales (orgs.) A Igreja no Brasil. Normas e Práticas durante a Vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2011.

GOUVEIA, Jaime Ricardo. A configuração organizacional dos Auditórios Eclesiásticos: perfis, competências e funções dos oficiais da justiça. O caso de Coimbra in Anais do XXX Encontro da Associação Portuguesa de História Econômica e Social, 2010.

HESPANHA, Antônio Manuel (ORG). História de Portugal: O Antigo Regime. V. VII. Lexicultural, 2002

ROMEIRO, Adriana. Corrupção e poder no Brasil: uma história, séculos XVI a XVIII. Belo Horizonte: Autentica editora, 2017.

Minicurso 77

Biografia histórica e história política, sob a perspectiva da Nova História: práxis historiográficas.

Daniela Reis de Moraes (Doutoranda, UEM)

Resumo:

A proposta desse minicurso tem como escopo debater o processo historiográfico da biografia histórica em uma perspectiva da Nova História. Compreendemos que este gênero historiográfico, assim como tantos outros, passou por consideráveis transformações interpelativas, principalmente, no que toca aos usos e abusos da escrita biográfica, ora cumprindo um papel de legitimação dos “grandes feitos e heróis”, principalmente entre os séculos XVIII e XIX, ora respondendo às exigências mercadológicas mais recentes, protagonizando polêmicas de biografias não autorizadas. A legitimação da biografia no campo científico da História passou por julgamentos entre seus pares nas ciências humanas, sobretudo, quando esta é vista como produção meramente ficcional. Assim, como o campo da história política, a Nova História possibilitou que a biografia fosse reaproximada ao campo das ciências e análises historiográficas, trazendo consigo novos questionamentos, leituras e perspectivas para a compreensão de uma narrativa, não apenas mais reduzida ao sujeito, mas compreendendo-o enquanto reflexo do corpo social. Historiadores como, Pierre Bourdieu, François Dosse, Benito Bisso Schmidt, Isabela Nogueira, entre outros destaques bibliográficos, sobre o tema serão abordados nesse minicurso. É importante destacar, que neste espaço se jogará luz às produções historiográficas recentes acerca da biografia histórica no Brasil afim de proporcionar um panorama do que vem sendo escrito, debatido e proposto pelos historiadores e historiadoras nacionais. Desta maneira, o presente minicurso propõe oferecer de forma diversificada o olhar teórico, metodológico e prático voltado ao público interessado no tema biografia histórica, política e narrativas.

Conteúdo programático:

Biografia histórica e a Nova História Política: reflexões e práxis historiográfica.

A escrita biográfica protagoniza pontos de tensão no que corresponde à busca em alcançar a totalidade da vida por meio da narrativa e atender a “realidade” do passado. Pensando nessa problemática, François Dosse em sua obra “O desafio biográfico. Escrever uma vida” propôs, em um trabalho de fôlego, profundas análises acerca da escrita biográfica contribuindo para a reflexão acerca das pesquisas voltadas para a biografia. Neste escopo, trataremos de abordagens pontuais, tais como, a metodologia cronológica da narrativa (nascimento, vida e morte), a relação do biógrafo com o sujeito biografado, as lacunas do passado e as propensões imaginativas, frente às exigências da escrita acadêmica. Também traremos ao centro desse estudo as reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu em seu texto “A ilusão biográfica”. Entende-se que a partir de tais leituras será possível contemplar as questões abordadas acima.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

A escrita biográfica e a autorização prévia: estudo de caso sob aspecto da lei e suas implicações.

Ao trabalharmos com a escrita biográfica há necessidade de compreender as questões legais burocráticas que podem se acarretar. Escrever sobre uma vida demanda adentrar em territórios delicados e, muitas vezes, expor intimidades ou replicar em outras vidas. Em 10 de junho de 2015, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) julgou concludente a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) n. 4.815, introduzida pela Associação Nacional dos Editores de Livros (ANEL), referentes aos Artigos 20 e 21 do Código Civil, que previam a necessidade de autorização prévia dos biografados, ou de seus familiares, caso o sujeito fosse falecido. Este ato foi julgado por unanimidade e sua relatora foi a Ministra Carmem Lúcia. A proposta deste tópico é analisar as questões ético-morais, bem como o tratamento legal perante a memória, a história e o direito da liberdade de expressão, além de voltarmos o olhar para a discussão do modo como a narrativa biográfica pode contribuir para aspectos da nossa leitura diante da sociedade e seu passado.

Biografia e produções historiográficas no Brasil: um panorama das contribuições metodológicas.

A proposta deste tópico é de apresentar um panorama das produções historiográficas de biografias produzidas por historiadores e historiadoras. Com isso, será possível compreender como a biografia histórica vem contribuindo para o campo da escrita da memória e da história, sobretudo, no que toca às pesquisas nacionais e seus desdobramentos.

Bibliografia:

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica.” Em: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (coord.) “Usos & abusos da história oral”. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1185/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%C3%A3o%20Bibliogr%C3%A1fica.pdf

DOSSE, François. “Biografia, gênero impuro”. In: DOSSE, François “O desafio biográfico: escrever uma vida”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Contar vidas em uma época presentista: a polêmica sobre a autorização prévia”. In: AVELAR, Alexandre de Sá SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.) O que pode a biografia. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

NOGUEIRA, Isabella NETO, Maria Cristina Nunes Ferreira. “A biografia em uma Nova História Política”. Revista de História Comparada/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. n.1, p. 262-283, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/3024>

Minicurso 78

Maracatu nação: discursos de (r)existência

Lahana Sambaquy Gomes (Graduada, UCS)

Resumo:

Este curso tem como objetivo lançar um olhar sobre a história e os percursos que constituem a (r)existência negra na manifestação da cultura popular do maracatu nação.

Essa expressão cultural brasileira foi registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural imaterial nacional.

A história do maracatu nação é entremeada pelo processo de colonização do Brasil, portanto é nesse contexto que o de surgimento do maracatu será revisitado, a partir de um breve apanhado histórico que situará seus movimentos de (r)existência desde os séculos XV e XVI até atualidade.

O objetivo das reflexões propostas neste estudo é tratar das relações étnico-raciais e das marcas sociais e psíquicas em um país constituído com base na exploração do trabalho escravo. Essas marcas afetam a sociedade brasileira contemporânea, sobretudo pessoas negras que sofrem, mas que também (r)existem às formas de violência racistas que persistem e se perpetuam ainda nos dias atuais.

O diálogo com a psicanálise dará alguns contornos aos processos de subjetivação que possibilitaram os movimentos de (r)existência e de reafirmação do ser/tornar-se negro, que no caso do maracatu ocorre através da arte: música, dança, indumentária, cortejo, dentre outros elementos que o compõem.

Conteúdo programático:

O conteúdo a ser trabalhado estará representado pelos seguintes tópicos:

- O Maracatu Nação
- Nação do Maracatu Porto Rico
- Relações étnico-raciais no Brasil: das violências legitimadas aos movimentos de (r)existência
- Olhar da psicanálise: marcas do desejo nos discursos de (r)existência

Ao recurso de vídeo, serão agregados recursos audiovisuais para facilitar a compreensão do artefato cultural estudado. Para ilustrar as marcas de (r)existência no discurso do maracatu, será feita uma análise da loa (letra da música) 13 de Maio, da Nação do Maracatu Porto Rico, ao longo da aula.

Ao final, será proposta uma atividade aos participantes, na qual eles poderão escolher uma loa, vídeo, ou imagem que represente o maracatu. A partir desse material, eles deverão relacionar brevemente em forma de texto, vídeo, ou outra produção criativa, os aspectos artísticos do material escolhido ao conteúdo do curso.

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

GOMES, L. S.. Nação do Maracatu Porto Rico e percursos de subjetivação: discursos de (r)existência. In: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung de. (Org.). Fios do discurso: entre cerzaduras e descosturas. 1ed.Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2018, v. , p. 119-129.
<https://www.ufrgs.br/ppgletras/ebooks/EbookMittmannECampos.pdf>

Inventário Nacional de Referências Culturais. INRC do maracatu nação.
http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf

Lima, I. M. F. (2014). As nações de maracatu e os grupos percussivos: fronteiras identitárias. Afro-Ásia 49(2014), 71-104.
<http://www.scielo.br/pdf/afro/n49/03.pdf>

Vannuchi, M. B. C. C. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, (41-42), 183-193. 2012.
<http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista41.pdf>

Minicurso 79

Ditadura e gênero: histórias de militância de mulheres no Cone Sul

Athaysi Colaço Gomes (Doutoranda, UFSC)
Luísa Dornelles Briggmann (Doutoranda, UFSC)

Resumo:

Este minicurso tem por objetivo abordar questões referentes às experiências de militância de mulheres nos contextos ditatoriais do Cone Sul, nas décadas de 1960 a 1980, a partir de uma perspectiva das relações de gênero. Para isso, serão utilizados depoimentos de caráter biográfico, tais como escritas de si, testemunhos e entrevistas.

Conteúdo programático:

Os vídeos serão divididos em temáticas com duração de aproximadamente 60 minutos.

Vídeo 1:

Em um primeiro momento, realizaremos a apresentação do Minicurso e das proponentes.

-Tópicos a serem abordados:

-Escrita da ditadura: historiografia e gênero.

-E onde estão as mulheres?: Apagamento histórico e luta política.

-Escritas de si: o que é isso e como utilizar no trabalho historiográfico?

Vídeo 2:

No segundo vídeo, serão abordadas as experiências de militância de mulheres nas ditaduras do Cone Sul a partir das relações de gênero.

-Tópicos a serem abordados:

-Mulheres e militância: Relações de gênero nas organizações clandestinas de esquerda

Dupla repressão: Quem eram essas mulheres para a ditadura? Tortura e relações de gênero.

-O amor é revolucionário: histórias de amor e militância

-Maternidade e luta política: experiências de mães militantes nas ditaduras.

-Conclusão.

Bibliografia:

-JOFFILY, Olívia Rangel. Esperança equilibrista: Resistência feminina à ditadura militar no Brasil (1964-1985). Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, 2005. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3337>

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

-PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História, Franca*, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt

-PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero, feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Florianópolis: *Mulheres*, 2010. v.1. 296 p. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/194290/03062011-101945feminismo-e-ditadurasfinal2.pdf?sequence=1>

-WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELO, Soraia Carolina (Org.). *Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. v. 1. 431p <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/201257>

Minicurso 80

Continuidade e ruptura na Política Externa Brasileira: uma análise da política externa de Jair Bolsonaro

Kaiutan Venerando Ruiz da Silveira (Doutorando, USP)
Martin Egon Maitino (Doutorando, USP)

Resumo:

Desde antes de se tornar Presidente da República, Jair Bolsonaro opunha-se ao modo como a política externa vinha sendo tradicionalmente conduzida, prometendo em seu programa de governo um “novo Itamaraty”.

Com a vitória nas urnas, a retórica “anti-globalista”, a aproximação com os EUA de Trump, Israel de Netanyahu e outros países “da civilização judaico-cristã” passaram a indicar o modelo bolsonarista de condução da política externa nacional. Do ponto de vista organizacional, vemos um Itamaraty competindo com outros ministérios em um permanente jogo entre grupos de interesse e facções dentro e fora do Estado.

Por conta dessa “nova” política externa, emergiram muitas críticas ao governo. Não é difícil encontrar quem afirme que Bolsonaro representa uma ruptura com a tradição diplomática brasileira — uma suposta continuidade de décadas na política exterior do país que valorizaria, entre outros pontos, o multilateralismo e a autonomia.

Este curso busca analisar se e em que medida a política externa de Bolsonaro deve ser considerada uma ruptura com a tradição diplomática brasileira. Para responder a questão, o curso divide-se em três grandes partes. Primeiramente, analisaremos grandes linhas históricas da política externa brasileira do Barão do Rio Branco (1902-1912) até 1990, buscando definir as características dessa “tradição diplomática”. Em seguida, analisaremos o período pós-redemocratização, destacando os processos de mudança na forma da condução da diplomacia em curso nesse período. Por fim, nos voltaremos diretamente para a política de Bolsonaro a fim de aferir, através de casos selecionados, quais aspectos daquilo que vivenciamos hoje podem ser considerados uma verdadeira ruptura.

Conteúdo programático:

Como afirmado acima, o presente curso está dividido em três momentos. Inicialmente, será feita uma análise da História da Política Externa Brasileira a fim de se determinar quais seriam os fundamentos da “tradição diplomática brasileira” em relação à qual Bolsonaro representaria uma ruptura. Nesse sentido, essa revisão histórica será realizada através de dois instrumentos analíticos oriundos da Análise de Política Externa: os Princípios e Paradigmas de Política Externa. De forma resumida, princípios seriam os eixos centrais, as doutrinas e valores de longo prazo presentes na Política Externa nacional. Os paradigmas, por sua vez, representam a forma como os tomadores de decisão entendem as necessidades e oportunidades do Brasil em cada conjuntura política (nacional e internacional) assim como as ações realizadas por eles. No segundo momento do curso, analisaremos o período pós-redemocratização que trouxe consigo uma série de mudanças para a forma como a política exterior passou a ser entendida e executada; nessa lógica, questões como fim do insulamento burocrático do

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Itamaraty, abertura da formulação da política externa em direção à sociedade, a noção de política externa como política pública e a política burocrática serão apresentados. Por fim, analisaremos a política externa de Jair Bolsonaro através de uma descrição dos principais acontecimentos e movimentos realizados por este governo, discutindo se este representa um paradigma nunca antes visto na política externa brasileira e se suas ações destoariam das mudanças já em curso na política externa brasileira.

Bibliografia:

CERVO, A.L.; BUENO, C. História da política exterior do Brasil. 4 edição. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 2012.

FARIA, C. A. P. de. O Itamaraty e a Política Externa Brasileira: do insulamento à busca por coordenação dos atores governamentais e de cooperação com os agentes societários. Contexto Internacional. Vol. 34, no 1, Rio de Janeiro, p. 311-355, janeiro/junho 2012.

MILANI, C.R.S.; PINHEIRO, L. Política Externa Brasileira: os desafios de sua caracterização como política pública. Contexto Internacional. Vol. 35, no 1, Rio de Janeiro, janeiro/junho 2013, p. 11-41.

PINHEIRO, L. Política Exterior Brasileira (1889-2002). Rio de Janeiro. Jorge Zhar Editor. 2004.

Minicurso 81

Renato Russo e o movimento punk rock brasileiro

Thiago de Barros Alvares e Lima (Mestranda, UEM)

Resumo:

O objetivo é apresentar o artista Renato Russo dentro do contexto histórico do início do movimento punk no Brasil através de sua primeira banda, o Aborto Elétrico. Também demonstrar como Renato Russo influenciou a juventude brasileira nas décadas de 1970 e 1980. A ideia é fazer uma análise sobre como o movimento punk mundial contribuiu para a formação de Renato Russo, buscando uma contextualização do cenário político e cultural internacional para entendermos o que se passava na juventude do cantor em Brasília na década de 1970. A partir daí, fazemos uma análise de como o artista tornou-se símbolo de resistência de uma juventude focada em denunciar as mazelas sociais dentro de um contexto de repressão cultural devido ao regime militar.

Conteúdo programático:

A ideia é fazer um vídeo mostrando como se desenvolveu o rock mundial até o surgimento do punk e mostrar, através de aspectos sociológicos, como a música é usada para transformações sociais e políticas. A partir daí, trazer Renato Russo como o personagem central nas décadas de 1970 e 1980, recortando espaço e tempo como forma de avaliar a predominância do punk na formação do artista. Por último, analisar algumas letras da banda Aborto Elétrico e da Legião Urbana dentro do propósito específico. Os alunos deverão escolher uma canção diferente de Renato Russo caracterizada como música de protesto e mandar para o professor avaliar ao final do curso.

Bibliografia:

CAPELLARI, Marcos Alexandre. O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
ESSINGER, Silvio. Punk - Anarquia Planetária e a Cena Brasileira. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999.
RUSSO, Renato. The 42nd St, Band: Romance de uma banda imaginária. Organização de Tarso de Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
RUSSO, Renato. O livro das listas: referências musicais, culturais e sentimentais. Organização e comentários Sofia Mariutti e Tarso de Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Minicurso 82

Viajar é preciso: a saga dos viajantes europeus no Brasil (século XIX)

Rafael de Freitas e Souza (Doutor, IF Sudeste MG)

Resumo:

Durante o século XIX, o Brasil tornou-se destino de viajantes europeus ávidos por conhecer esta pitoresca e rica região tropical. As produções textuais e iconográficas geradas por estas expedições legaram inestimáveis fontes sobre a natureza, o vestuário, a alimentação, os hábitos, a escravidão, os indígenas, o trabalho, as atividades econômicas, dentre outros aspectos.

O objetivo do minicurso é, portanto, compreender a importância da literatura de viagem tanto no contexto da longa duração dos registros sobre o “outro” assim como a conjuntura oitocentista na qual se inserem as viagens de cientistas e artistas, analisando seus objetivos, características principais, bem como sua validade enquanto fonte histórica.

Conteúdo programático:

Introdução - Viajar é preciso: a longa duração

Parte I - Os primeiros relatos sobre o Brasil

Parte II - Século XIX: a abertura das fronteiras e os batedores avançados do capitalismo

Parte III - Rugendas

Bibliografia:

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez; revisão técnica Maria Helena Machado e Carlos Valero. Bauru: EDUSC, 1999.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. O Brasil dos viajantes. 3 vols. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1994.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: Edusc, 2004.

DIENER, Pablo. A viagem pitoresca como categoria estética e a prática dos viajantes. In: Revista Porto Arte. Porto Alegre, vol. 15, n. 25, Nov. 2008, p. 59-73.

Minicurso 83

Diálogos entre História, Arte e Imagem: A Gravura no Brasil (Séc. XIX-XX)

Priscilla Perrud Silva (Doutoranda, UFF)

Resumo:

O minicurso tem como objetivo apresentar e discutir a história da gravura no Brasil desde o século XIX, com enfoque na chamada gravura de arte produzida ao longo do século XX mediante a exposição dos seus principais artistas e suas obras. Com isso, iremos apresentar e debater a relação entre história e imagem, além das definições de arte, arte gráfica e gravura a fim de situar a discussão sobre a questão da gravura de arte e os diferentes sentidos da gravura ao longo da história, que transitam entre a reprodução e a expressão, entre a técnica e a arte.

Conteúdo programático:

- História e imagem: arte e cultura visual;
- Artes gráficas: a gravura e suas técnicas;
- A imagem impressa no Brasil (século XIX): técnica e imprensa ilustrada;
- A gravura popular brasileira: o reino da xilogravura;
- Gravura e arte: a moderna gravura brasileira.

Bibliografia:

COSTELLA, Antonio. Introdução à gravura e história da xilografia. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 1984.

FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: EDUSP, 1994. (Texto & Arte, vol.10)

LEITE, José Roberto Teixeira. A gravura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura S.A., 1966.

MARTINS, Itajahy. Gravura: arte e técnica. São Paulo: Laserprint/Fundação Nestlé de Cultura, 1987.

Minicurso 84

Estudos da performance e os desafios do pós-disciplinar

Kelly Yara de Souza Mendonça (Doutoranda, UFPR)

Resumo:

O objetivo desse minicurso é analisar a contribuição dos Estudos da Performance para o fazer acadêmico, compreendendo a performance como possibilidade epistemológica e ferramenta metodológica. Os Estudos da Performance se estabelecem a partir de uma corrente dramatúrgica, na década de 1970, destacando os indivíduos como agentes em seus próprios dramas. A antropologia, inspirada na metáfora teatral de Goffman, considera o drama que se apresenta como alternativa ao real. Nessa abordagem, a performance permite que os atores interpretem papéis que se diferenciem do cotidiano, em situações ritualizadas. O objeto de estudo dessa área são atos e comportamentos “ao vivo”, assim como o repertório acionado na ação, analisado principalmente através da observação participante.

Nas décadas seguintes, o conceito e o campo de estudo se ampliam para abarcar outras categorias – artísticas, culturais, sociais, políticas – absorvendo ideias e metodologias de diferentes disciplinas. Nesse processo, performance configura-se como epistemologia e método de pesquisa, como ato estético e intervenção política. Os conteúdos propostos nesse minicurso perpassam a formação e expansão dos Estudos da Performance, principais abordagens, debates contemporâneos e os desafios de sua proposta pós-disciplinar. Propõe destacar pesquisas acadêmicas que relacionam performance e ativismo, concepções em torno da performance como prática etnográfica, e sugerir (ou provocar!) aproximações com a História e o pensamento decolonial.

Conteúdo programático:

AULA 1

Antropologia e arte como ponto de partida
Formação do campo: Victor Turner e Richard Schechner
Performance na conexão ritual/teatro

AULA 2

O pós/anti-disciplinar como ponto de chegada
Debates contemporâneos: performance e ativismos
Desafios na América Latina

AULA 3

Performance como epistemologia e saber: corpo e memória em Diana Taylor
Performance, história e história oral

AULA 4

Performance como metodologia e prática etnográfica: D. Conquergood e Norman Denzin
Aproximações decoloniais

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Metodologia:

Aulas expositivas a partir das leituras sugeridas (aprox. 40min)

Utilização de slides com conceitos básicos e imagens

Atividade de compreensão a partir das leituras sugeridas

Bibliografia:

CARLSON, Marvin. Performance: uma introdução crítica. Belo horizonte: Editora UFMG, 2009.

TAYLOR, Diana. Performance, teoría y práctica. In: TAYLOR, Diana; FUENTES, Marcela. Estudios avanzados de performance. México/Nova York: FCE, Instituto Hemisférico de performance e política, 2011.

_____; STEUERNAGEL, Marcos (orgs.) O que são os estudos da performance. Durham: Duke University Press, 2015. (e-book) Disponível em: <http://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/table-of-contents-por>.

MESSEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp. 155-171.

Minicurso 85

O Plano Agache de 1943 e o legado do urbanismo moderno para a cidade de Curitiba

Janelize Marcelle Diok Rodrigues (Graduada, UFPR)

Resumo:

O presente minicurso terá como objetivo analisar e discutir o Plano Agache, que consiste em um plano de urbanização para a cidade de Curitiba no ano de 1943, e quais os projetos deste que permanecem na cidade até os dias de hoje. Para isso, se fará necessário uma explanação sobre o surgimento da ciência conhecida como urbanismo e, também, sobre o que foi e no que consistiu a Arquitetura Moderna, uma vez que o Plano Agache está inserido dentro deste contexto. Da mesma forma, será analisado o Plano Diretor de 1966, que corresponde ao plano de urbanização implementado em Curitiba nos dias de hoje, afim de conseguirmos notar quais medidas ou projetos que estavam contidos no Plano Agache de 1943 que ainda permanecem na cidade. A arquitetura moderna e seus desdobramentos na urbanização de grandes cidades, geram ainda muitas críticas em diversos países, uma vez que a ideia de setorização e divisão da cidade em funções específicas – características centrais da arquitetura moderna – pode também abrir discussões a respeito da segregação ou isolamento de partes da cidade.

Conteúdo programático:

Aula 1 (1h) - Contexto histórico e o surgimento do Urbanismo; a influência da arquitetura moderna nos cuidados da urbe

Esta aula consistirá em contextualizar o período do século XIX e início do século XX, principalmente os efeitos da Revolução Industrial para os grandes centros urbanos da Europa e posteriormente, do mundo. Será justamente neste período em que o urbanismo como ciência e os urbanistas como pesquisadores ganharão destaque, na tentativa de solucionar problemas referentes a cidade jamais antes presenciados na história. A arquitetura moderna, que florescerá na França no início do século XX, irá propor novas maneiras de se pensar e planejar os grandes centros urbanos, principalmente a partir da ideia de funcionalidade.

Aula 2 (1h) - Plano Agache: o caso específico de Curitiba

Nesta aula proponho entendermos as principais ideias do urbanista francês Donat Alfred Agache e analisaremos o Plano Agache de 1943, uma das primeiras propostas quanto ao planejamento da cidade de Curitiba. Nesta fonte, poderemos encontrar as influências da Arquitetura Moderna e como ela foi decisiva para que o Plano priorizasse a setorização da cidade.

Aula 3 (1h) - Plano Diretor de 1966: ruptura ou continuidade?

Apesar de ter sido proposto em 1943, percebemos que a cidade de Curitiba ainda hoje apresenta características presentes no Plano Agache. Nesta aula, iremos elucidar até que ponto o Plano Diretor de 1966 – que consiste na base do planejamento urbano da cidade de Curitiba atualmente – buscou romper de fato com o Plano Agache e com a funcionalidade do urbanismo moderno. Analisaremos

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

que características da arquitetura moderna e das ideias de Agache podem ainda ser vistas na cidade de Curitiba e de que maneira estas propostas encontram-se hoje defasadas.

Metodologia

Todas as aulas serão gravadas em formato de vídeo e serão explanadas por mim. Utilizarei também apresentações de slides e imagens como capturas de tela no próprio vídeo, para analisar fontes e imagens. Na descrição do vídeo de cada uma das aulas será anexada uma atividade para os alunos referente aos assuntos tratados.

Bibliografia:

BRUANT, Catherine. Donat Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz, PECHMAN, Robert.(Org.) Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CORBUSIER, Le. A Carta de Atenas. São Paulo: EDUSP, 1993.

OLIVEIRA, Dennison. Curitiba e o mito da cidade modelo. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

Minicurso 86

O Instituto Nacional do Mate e a erva-mate brasileira (1938-1967)

José Antonio Fernandes (Doutor, SED/SC)

Resumo:

O presente minicurso tem por objetivo expor alguns pontos principais sobre a trajetória do Instituto Nacional do Mate (INM), uma autarquia criada por Getúlio Vargas em 1938, em pleno Estado Novo, como resposta aos problemas vividos pela economia ervateira brasileira, quais fossem de preços, de mercados e de qualidade dos produtos. Nesse sentido, analisamos as suas ações e intencionamos explicar de que forma e por quais os motivos se deu a sua extinção em 1967. De forma panorâmica, procuramos mostrar especificamente como o INM agiu – ou o que ele pode ou não fazer – em relação aos chamados mercados tradicionais do mate brasileiro (Argentina, Uruguai e Chile), aos mercados novos que pretendia conquistar e ao mercado interno brasileiro. Também queremos mostrar o que ele fez ou não para amparar aos produtores, aos industriais beneficiadores e aos comerciantes/exportadores. Enfim, procuramos tratar da ineficácia de sua ação para a economia ervateira, esperando ao final deixar claras as suas limitações, sobretudo pela crescente falta de recursos, e como já na década de 1960 os problemas que motivaram sua criação não haviam sido resolvidos e a economia ervateira não havia se desenvolvido, pelo contrário, os problemas haviam se agravado, sobretudo com a perda de espaço nos mercados externos, dos quais – apesar de um importante crescimento do mercado interno – os ervateiros continuavam dependentes, e o mate havia perdido ainda mais importância para a economia brasileira.

Conteúdo programático:

- Antecedentes que levaram a criação do Instituto Nacional do Mate;
- Problemas enfrentados pela economia ervateira que levaram à criação do INM;
- Ações do INM ou a tentativa delas: propaganda, amparo aos produtores, industriais e exportadores, regulação da economia ervateira;
- Os resultados ou a falta deles;
- A crise do mate da década de 1960 e extinção do INM.

Os tópicos serão abordados em um único vídeo, organizados de forma sequencial e coordenada, procurando levar o ouvinte a entender de forma sucinta a organização da economia ervateira, as interferências de um órgão estatal e os limites de sua ação, dentro e fora do país. Para isso, fazemos uso da História Econômica, sem esquecer claro a contribuição de outras esferas de conhecimento.

Bibliografia:

FERNANDES, José. O Instituto Nacional do Mate e a economia ervateira brasileira (1938-1967). (tese de doutorado em História), USP, 2019.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

GOULARTI FILHO, Alcides. Estado, instituições e regulação das atividades ervateiras no Brasil (Passagens - Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro: v. 6, n. 1, jan-abr./2014).

LINHARES, Temístocles. História econômica do mate. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.

COSTA, Samuel Guimarães da. A erva-mate. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

Minicurso 87

Moda a contra-trama: a história da moda vista do avesso

Giulia Falcone de Lourenço (Doutoranda, USP)

Resumo:

Na linha do que Walter Benjamin chamou de “história a contra-pelo” este curso propõe uma análise do processo histórico de formação do sistema da moda contemporâneo a “contra-trama”, ou seja, recosturando os fios soltos no avesso do tecido da história. Compreendendo a moda atual como fruto da consolidação do sistema capitalista, pretendemos fornecer um panorama da história da moda desde suas origens aristocráticas e artesanais, passando pela ascensão da burguesia com o refinamento da reprodutibilidade técnica e a proletarização de artesãos, até a expansão do consumo de moda entre as classes médias e baixas e da ampliação de seu sistema produtivo em escala mundial. Partimos da França revolucionária do século XVIII para analisarmos a transformação da moda enquanto forma de poder e dominação simbólica na sociedade aristocrática para forma de reprodução social da sociedade burguesa, através da proletarização de trabalhadores têxteis e da formação de mercados consumidores ao longo do século XIX. Em seguida, examinamos a relação entre o surgimento da alta-costura e a intensificação dos meios de reprodutibilidade técnica da moda, compreendendo essa relação dialética de oposição como o impulso para a formação dos sistemas de moda no século XX. Por fim, analisamos como o aprofundamento do processo de globalização torna a moda a expressão estético-mercadológica hegemônica do século XXI, fenômeno que se explica e se exprime, em parte, pela habilidade da moda em converter suas contradições em conciliações, em transformar seus hábitos efêmeros em práticas permanentes e em assimilar as novas tendências aos velhos costumes.

Conteúdo programático:

O curso divide-se em 4 módulos, que têm duração aproximada de 30 minutos. Em cada módulo serão apresentadas fontes imagéticas e referências bibliográficas fundamentais aos eixos temáticos propostos. O curso tem caráter expositivo, mas espera-se que haja engajamento dos alunos e das alunas através do debate não-síncrono em fórum online, em plataforma a ser definida e divulgada entre os participantes. Os módulos do curso são os seguintes:

MÓDULO 01- Introdução metodológica ao estudo da moda

No módulo introdutório, discutiremos as diferentes abordagens historiográficas sobre a moda e a tendência contemporânea predominante do estudo da moda pelo viés semiológico, apresentando suas características fundamentais e a conjuntura histórica que fomenta e consolida essa perspectiva como preeminente. Em contrapartida à semiologia, serão apresentadas as abordagens provenientes da cultura material e do materialismo histórico.

MÓDULO 02- De artesãos e aristocratas a proletários e burgueses

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

Neste módulo nos debruçaremos sobre o processo de transição da moda aristocrática e hierárquica para a moda burguesa de classes, sob a perspectiva das transformações no modo de produção capitalista entre os fins do século XVIII e ao longo do século XIX. Procuraremos compreender não somente as transformações no âmbito produtivo, mas as novas formas de consumo que se configuram com a consolidação da sociedade burguesa.

MÓDULO 03 - A aura da alta-costura e a reprodutibilidade técnica das marcas

O foco deste módulo consiste em analisar as interações dialéticas entre a produção do único e a produção em massa. Examinaremos como as figuras dos grandes estilistas consagrados nos sistemas da moda das potências capitalistas surgem com o apelo de restaurar a aura perdida da moda já dominada pela reprodutibilidade técnica. Em seguida, analisaremos como se articulam as tentativas de manutenção dessa aura fantasmagórica para além da figura dos couturiers, através da consolidação das marcas que levam seus nomes, mas não dependem mais de seu trabalho.

MÓDULO 04 - O sistema da moda no mundo globalizado da sociedade de consumo

No último módulo do curso pretendemos realizar um balanço entre as experiências do passado e as perspectivas do futuro do sistema da moda, que atinge seu apogeu sob a globalização capitalista na forma da sociedade de consumo. Reconhecendo a moda enquanto um fenômeno sempre dependente de um sistema de trocas em âmbito global, procuraremos identificar quais as particularidades e permanências do sistema da moda sob o processo de globalização contemporânea, em curso desde os anos 1970.

Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Idem. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CRANE, Diana. Ensaios sobre moda, arte e globalização cultural. São Paulo: Senac, 2011.

MELLO E SOUZA, Gilda. O Espírito das Roupas: a moda do século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MONZANI, Luiz Roberto. Luxo. In: Idem. Desejo e Prazer na Idade Moderna. Curitiba: Editora Champagnat PUC-PR, 2011. 1a ed. 1995.

Contribuições do pensamento descolonial para novas perspectivas de investigação e narrativas históricas

Lázaro Rufino Dâmaso Neto (Graduado, UFU)

Resumo:

O pensamento descolonial tem como fio condutor a desconstrução da lógica da colonialidade, que provém das relações de poder e de dominação colonial e transcende essa noção na medida em que repercute nas relações intersubjetivas. Pressupostos de viés descolonial atravessam deferentes campos do conhecimento no âmbito das ciências humanas e constituem um instigante desafio ao próprio discurso ocidental, da própria ciência, intelectualidade e os agentes envolvidos nesses processos, predominantemente mantidos por uma lógica regida por parâmetros que privilegiaram o europeu/homem/banco/hétero/cristão. Mediante tal constatação, busca-se evidenciar problemáticas pela perspectiva contra hegemônica, em termos de concepções de poder, ser e saber. A proposta deste minicurso consiste em apontar possibilidades de leituras da decolonialidade, a partir de usos outros dispositivos e aparato conceitual, distintos daqueles de matriz europeia, disseminados pela modernidade/racionalidade iluministas. Partindo de noções pré-concebidas de História Política, Social, Cultural e Econômica, pretende-se elencar questionamentos direcionados à tradição epistemológica das ciências humanas, que podem favorecer à manutenção da colonialidade. Desse modo, considera-se fundamental lidar com o objeto de estudo do historiador - as ações humanas no tempo -, porém, situar estas ações em dimensões de temporalidade pertencentes à dinâmicas culturais próprias à experiências não europeias. Para tanto, metodologicamente, serão desenvolvidos exercícios de análise de fontes e elaboração de narrativa histórica, cujo ponto de partida sejam as experiências de segmentos subalternizados, tendo em vista novas perspectivas de escrita histórica.

Conteúdo programático:

- Pressupostos conceituais: colonialismo e colonialidade (Aníbal Quijano);
- O determinismo europeu que contamina a instituição científica (Walter Mignolo);
- A hybris do ponto-zero (Santiago Castro-Gomes);
- Aproximações para a investigação historiográfica
- Estudo de caso: análise de fonte (História Política)
- Exercícios de Escrita e narrativa histórica

Bibliografia:

CASTRO-GÓMEZ, S. Descolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Instituto Pensar, 2007, p. 79-91.

LANDER, Edgardo. Marxismo, eurocentrismo y colonialismo. In: La teoría marxista hoy. p. 209-243.

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

MIGNOLO, Walter. DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: A OPÇÃO DESCOLONIAL E O SIGNIFICADO DE IDENTIDADE EM POLÍTICA. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

História do Universo e de Suas Concepções - Uma Introdução Acelerada à Cosmologia

Prof. Dr. Ronaldo Penna Neves (UTFPR)

Resumo:

O minicurso História do Universo e de Suas Concepções - Uma Introdução Acelerada à Cosmologia tem um duplo objetivo: descrever como vemos o Universo hoje, de acordo com o conhecimento científico atual, e apresentar uma história abrangente da evolução da visão do Universo através do tempo. O tema é vasto, portanto, inevitavelmente, alguns tópicos são tratados com maior profundidade, enquanto outros são mencionados de forma mais ligeira. O curso está estruturado em quatro blocos. No primeiro bloco, abordamos como era a concepção do Universo na Antiguidade, em geral caracterizada por uma mistura de histórias mitológicas e observações astronômicas. Mas é também nesse período que a astronomia experimenta um grande avanço, especialmente entre gregos e romanos. No segundo bloco, examinamos os desdobramentos da hipótese heliocêntrica de Copérnico, culminando na obra monumental Newton. No terceiro bloco, acompanhamos o desenvolvimento da cosmologia científica contemporânea, desde os trabalhos pioneiros de Hubble e Einstein até as ousadas especulações sobre a possibilidade de existência de muitos mundos. No quarto e último bloco, apresentamos um passo a passo das etapas por que passou nosso Universo, desde o assim chamado Big Bang até a época presente, de acordo com o conhecimento de que dispomos no momento. E nos aventuramos um pouco a conjecturar como poderá ser o seu futuro.

Conteúdo programático:

1. O Universo na Antiguidade
 - 1.1. Cosmologia, cosmogonia, astronomia e mitos da criação do mundo.
 - 1.2. A astronomia no Egito e na Mesopotâmia.
 - 1.3. A astronomia na Grécia e em Roma. O Sistema de Ptolomeu.
 - 1.4. Comentários sobre a astronomia em outras culturas: China, Índia, Mundo Árabe e América pré-Colombiana.
2. Do Universo Fechado ao Infinito
 - 2.1. O Sistema de Copérnico e sua defesa por Galileu.
 - 2.2. Da imaginação harmônica de Kepler à grande síntese de Newton.
 - 2.3. O Sistema do Mundo de acordo com Laplace: um Universo infinito e estático.
3. A Cosmologia Científica Contemporânea
 - 3.1. Algumas surpresas da física moderna. Novas concepções da matéria, do tempo e do espaço.
 - 3.2. A teoria da relatividade de Einstein e a possibilidade de um Universo dinâmico.
 - 3.3. A descoberta de Hubble da expansão do Universo.
 - 3.4. A teoria do Big Bang e a descoberta da Radiação Cósmica de Fundo.
 - 3.5. Inflação, matéria escura e energia escura.
 - 3.6. O Princípio Antrópico e a possibilidade de muitos mundos.
 - 3.7. Reflexão: A Cosmologia é realmente uma ciência?

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

4. Passo a Passo da História do Universo

4.1. Do Big Bang até hoje

4.2. O futuro

Bibliografia:

HARRISON, Edward R. "Cosmology: The Science of the Universe". 2^o Edição. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KRAGH, Helge. "Cosmology and Controversy: The Historical Development of Two Theories of the Universe". Princeton: Princeton University Press, 1996.

NORTH, John D. "Historia Fontana de la Astronomía y la Cosmología". Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

SINGH, Simon. "Big Bang". Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

Minicurso 90

Regimes totalitários e do racismo como mecanismo de poder - De Shakespeare a História em Quadrinhos

Jefersson de Campos (Graduado, Uniesp)

Resumo:

A Ciência demonstra que a sociedade encontra-se evoluída, quando comparada a períodos anteriores, nitidamente alguns conceitos e pensamentos que permeiam essa sociedade ainda podem ser considerados arcaicos, entre eles, o racismo. Dessa forma, o problema a ser observado é o racismo, bem como sua influência dentro da sociedade antiga e moderna. Assim, a pesquisa buscará identificar às características dos regimes totalitários e demonstrar a utilização do racismo como mecanismo de poder dentro da sociedade, desde a antiguidade, até os tempos atuais, passando pelas ideias do racismo científico e o racismo estrutura, analisando ações dos regimes totalitários como o nazismo, o fascismo e o stalinismo, bem como a literatura ficcional, como é o caso de Shakespeare e das Histórias em Quadrinhos, trabalharam e trabalham esses assuntos.

Conteúdo programático:

1. O Que É o Racismo: Conceituações e Breve Histórico
2. O Racismo Científico e o Racismo Estrutural
3. Os Regimes Totalitários e o Racismo
4. O Racismo e o Antissemitismo em Shakespeare e nas Histórias em Quadrinhos
5. O Racismo na atualidade: Do "Fim" das Guerras a 2020

Bibliografia:

- ARENDDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. Editora Companhia das Letras. 2013. 758 p.
- BETHENCOURT, Francisco. Racismos: Das Cruzadas ao Século XX. Editora Companhia das Letras. 2018. 670 p.
- MILLAR, Mark. Superman: Entre a Foice e o Martelo. Editora Panini. 2017. 172 p.
- SHAKESPEARE, William. Otelo, O Mouro de Veneza. Editora L&PM. 1999. 104 p.

Minicurso 91

A construção do imaginário ocidental acerca do homem muçulmano

Luiz Gustavo Soares Silva (Mestre, Unimontes)
César Henrique de Queiroz Porto (Doutor, Unimontes).

Resumo:

A forma como o Islã tem sido apresentado através dos meios de comunicação e expressão contemporâneos tende a tipificar a cultura muçulmana enquanto inferior ao modo de vida Ocidental. Sobretudo após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 a retórica que polariza as relações entre o Oriente e o Ocidente foi intensificada. Assim, o homem islâmico passou a ser descrito como uma ameaça em potencial. Através deste minicurso propomos apresentar as diversas maneiras pelas quais os muçulmanos foram descritos em diferentes épocas e lugares pelo homem ocidental a partir das contribuições de Edward Said e Sophia Rose Arjana em *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* e *Muslims in the western imagination*, respectivamente. Além disso, evidenciaremos como esse conjunto de tradições imagéticas que deu vida a personagens como Drácula e Frankenstein passou a influenciar nossa percepção atual acerca do Outro.

Conteúdo programático:

Aula 1: Monstros muçulmanos? (aproximadamente 25 minutos).

Atividade sobre a aula 1.

Aula 2: Os monstros no imaginário medieval e renascentista (aproximadamente 25 minutos).

Atividade sobre a aula 2.

Aula 3: Os monstros do Orientalismo (aproximadamente 25 minutos).

Atividade sobre a aula 3.

Aula 4: A percepção ocidental contemporânea sobre o Islã (aproximadamente 25 minutos)

Atividade sobre a aula 4.

Na descrição de cada vídeo constarão sugestões de leituras complementares e o link para as atividades que só poderão ser realizadas uma única vez. Nelas, o cursista deverá obter no mínimo 70% de acertos.

Bibliografia:

ARJANA, Shophia Rose. *Muslims in the Western Imagination*. Oxford University Press, 2015.
DANIEL, Norman. *Islam and the West*. Oxford: One World Publications, 2003.
DANIEL, Norman. *Islam and the West*. Oxford: One World Publications, 2003.
HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. WAINBERG, Jacques A. *Mídia e terror: Comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.

Minicurso 92

Teoria Decolonial: alternativa de análise para os Estudos de Gênero latino-americanos

Stella Ferreira Gontijo (Doutoranda, UFMG)

Resumo:

A Teoria Decolonial vem se consolidando como alternativa epistêmica e política para se pensar a América Latina, perspectiva que, no Brasil, apenas atualmente vêm sendo discutida no campo historiográfico. Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo, importantes teóricos, considerados fundadores da perspectiva decolonial, propuseram uma nova forma de perceber a modernidade, propondo o viés do Moderno/Colonial, ou seja, só compreensível a partir do processo de colonização das Américas. Contudo, a descolonização política não foi suficiente para o que eles consideram como elementos da colonialidade: do saber, do ser e do poder. As mulheres, ao se engendram nesses estudos atentam que a colonialidade não pode ser compreendida apenas pela questão racial, mas sim, e fundamentalmente, a partir da diferença de gênero. Para nosso minicurso teremos duas autoras fundamentais: Maria Lugones e Rita Segato. Centraremos na busca por compreender como uma crítica à Teoria Decolonial, feita devido a ausência das mulheres como sujeitos subalternos fundamentais para uma revisão das Ciências Humanas e para compreensão da América Latina. Assim, buscaremos assimilar e refletir acerca das seguintes questões: relações entre gênero e colonialidade; como o feminismo decolonial não pode ser visto de uma maneira descolada da questão racial; como o uso destas categorias decoloniais são úteis para se pensar o gênero desde a América Latina.

Conteúdo programático:

Aula 1: O que é a Teoria Decolonial: os tensionamentos com os pós-modernos e o surgimento do grupo latino-americano Modernidade/Colonialidade. Conceitos básicos para compreensão da Teoria Decolonial: colonialidade do ser, do saber e do poder; pensamento de fronteira; geopolítica do conhecimento. Tempo: 1h30

Aula 2: Feminismo Decolonial: a crítica de Maria Lugones ao pensamento decolonial (Mignolo e Quijano), e a inserção das mulheres como sujeito fundamental para compreensão da colonialidade e como atoras políticas e sociais. Sistema moderno colonial de gênero. Tempo: 1h30

Aula 3: A Teoria Decolonial como aporte teórico-metodológico para pensarmos as mulheres latino-americanas como sujeitos da pesquisa em ciências humanas. Tempo: 1h

Bibliografia:

BALLESTRIN, Luciana. "América Latina e o giro decolonial". In.: Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília. n. 11, p. 89-117, mai./ago. 2013;

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

LUGONES, María. "Colonialidad y Género". In.: Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre 2008, p.73 - 101;

SEGATO, Rita L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. e-cadernos ces, 2012;

GONTIJO, Stella Ferreira. "A desobediência epistêmica e as mulheres como sujeitos historiográficos". In.: Revista Crítica Histórica. Ano X, n.19, junho 2019, p.39 - 55.

Arqueologia e seus efeitos no Estado do Paraná

Sonia Regina Luciano (Mestranda, UEM)

Resumo:

Em virtude do crescimento no número de empreendimentos de grande monta realizados no Estado do Paraná nas últimas décadas no qual a arqueologia de é uma vertente da pesquisa que se consolidou no Brasil principalmente a partir da década de 1980, com a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), que obriga o resgate de sítios arqueológicos sujeitos à destruição por obras que causam impacto em área ambiental. A arqueologia ganhou bastante evidência pelo grande número de pesquisas realizadas anualmente. Sabemos que se não fosse à arqueologia no país, muitas regiões estariam inexploradas e uma grande quantidade de sítios arqueológicos sequer seriam conhecidos. Os profissionais ligados a esta área são agentes de extrema importância nessa construção de resgatam identidades, memórias e patrimônios através de vestígios da cultura material deixados pela humanidade é um conhecimento produzido pela arqueologia através de projetos educativos desenvolvidos junto à sociedade (comunidades locais, escolares, quilombolas, indígenas, entre outras). Mostrar como está sendo desenvolvidos os trabalhos nas Instituições de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos - CNIGP o Laboratório de Arqueologia Etnologia e Etno-historia - LAEE pertencente à Universidade Estadual de Maringá - UEM é um laboratório de estudos e pesquisas e atualmente é uma instituição de Guarda, apta cadastrada no Cadastro Nacional das Instituições de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos - CNIGP, monitorado pelo IPHAN por receber acervos arqueológicos, cujas condições estruturais devem atender as normas exigidas pela Portaria do IPHAN nº 196/2016.

Conteúdo programático:

1. História da Arqueologia : Leis federais que regulamenta.
 - a. CONAMA: Conselho Nacional do Meio Ambiente.
 - b. IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional .
 - c. CNIGP: Instituições de Guarda e Pesquisa de Bens arqueológicos.
 - d. LAEE: Laboratório de Arqueologia Etnologia e Etno-história-UEM.

O minicurso será dividido em 3 partes:

1º Parte apresentará as leis que viabilizaram e regulamentaram a Arqueologia no Brasil.

2º Parte consiste na análise da arqueologia acadêmica e a arqueologia de contrato e seu resultado e como ela ocorreu no Paraná.

3º Quais as atividades e a importância de uma instituição de guarda de material arqueológico em especial o LAEE: Laboratório de Arqueologia Etnologia e Etno-história-UEM para o IPHAN e a comunidade.

Bibliografia:

Diálogos sobre História

Ciclo de Minicursos Online da UFPR

CHMYZ, I. Pesquisas de Arqueologia e história no Paraná. Dédalo. São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 24, p.171-197, 1985.

COSTA, A. Introdução à Arqueologia brasileira. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1934.

CALDARELLI, S. B. SANTOS, M. C. M. Arqueologia de contrato. Revista USP, São Paulo, n.44, p. 52-73, 1999-2000.

Minicurso 94

Deir el Medina: uma vila além das pirâmides

Prof. Dra. Margaret Marchiori Bakos (UEL)

Resumo:

Este minicurso visa discutir como uma vila de operários, tendo como objetivo a construção da morada eterna dos Faraós, se constituiu em termos de organização de vida cotidiana e de administração de trabalho. Algumas das atividades dos operários e habilidades individuais serão abordadas. Este minicurso, portanto, se insere na análise das maneiras como se deu uma formação imperial do Egito, a partir da experiência de sofrer um longo período de dominação estrangeira.

Conteúdo programático:

O minicurso terá duas horas de duração, com os temas:

Sessão 1. Contexto da fundação de Deir El Medina

Sessão 2. Organização do trabalho e dos operários em Deir el Medina

Bibliografia:

BAKOS, Margaret - Fatos e Mitos do Antigo Egito. Porto Alegre, PUCRS, 3ª ed, 2014

CERNY, Jaroslav.- A community of Workmen at Thebes in the Ramesside Period. Cairo, French Institute of Eastern Archaeology, 1973

DONADONI, S. - O homem Egípcio. Lisboa. Editorial Presença, 1994

JANSSEN, J. - Village Varia. Ten studies on the History and administration of Deir el Medina. Leiden, Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 1997.